UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

JOÃO DARCY DE MOURA SALDANHA

Poços, Potes e Pedras:
Uma Longa História Indígena na Costa da Guayana

São Paulo, 2016

JOÃO DARCY DE MOURA SALDANHA

Poços, Potes e Pedras:
Uma Longa História Indígena na Costa da Guayana

Tese de Doutorado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Arqueologia do Museu de Arqueologia e
Etnologia da Universidade de São Paulo

Área de Concentração: Arqueologia

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Góes
Neves

Linha de Pesquisa: Cultura Material e
Representações Simbólicas em
Arqueologia

São Paulo

2016

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Eduardo Góes Neves, pelo apoio e constante incentivo.
Muito obrigado!

Ao MAE/USP – professores, professoras, colegas, técnicos e técnicas – pela recepção e bom ambiente de estudo e trabalho.

Ao IEPA (Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá), que nos levou à Amazônia e propiciou a construção não apenas desta tese, mas também do setor de pesquisa arqueológica, que serviu de base para a constituição de todas as pesquisas realizadas por nós no Amapá.

No IEPA, agradeço em especial aos muitos colaboradores que ajudaram a construir o setor de arqueologia: estudantes, técnicos e hoje colegas que seguem pesquisando no Amapá.

Aos muitos colegas, em especial na arqueologia amazônica, pela trocas, amizades e parcerias.

À minha família e à família da Mariana, pelo suporte constante e animação.

À Mariana, pelo companheirismo nas nossas muitas jornadas.

Conteúdo

1. Introdução	1
1.1. Problemática	1
1.2. Perspectivas para uma história indígena de Longa Duração no Litoral da Guayana	8
1.3. Redes de Relações.....	11
1.4. Identidades.....	13
1.5. Lugares Persistentes	15
1.6. Diferentes Ontologias.....	18
1.7. Agência.....	19
1.8. Revisitando Tipologias e Cronologias	21
1.9. Continuidade e Mudança: a cronologia das ocupações entre a foz dos rios Orinoco e Amazonas	25
1.10. Organização da Tese.....	30
2. O Holoceno Inicial e Médio – o “Arcaico” da Guayana	33
2.1. Sambaquis.....	36
2.2. Outros sítios a céu aberto	47
Prólogo: Uma Introdução ao Formativo da Guayana	66
3. O Formativo Inicial	72
3.1. Guiana, Suriname e Guiana Francesa	73
3.2. Baixo Amazonas e Marajó	95
3.3. O Formativo Inicial no Amapá: Os Sítios Ouanary Encoché.....	114
3.3.1. Uma discussão sobre a periodização e atribuição da cerâmica Ouanary Encoché	138
4. O Período Cerâmico Tardio.....	143
4.2. Marajó	161
4.3. Amapá	166

4.3.1.	Estuário	166
4.3.2.	A Costa Atlântica	181
4.3.3.	Os Sítios Habitação Enfer Polichrome escavados.....	182
4.3.4.	Sítios naturais: abrigos e "ilhas	200
4.3.5.	As estruturas artificiais: megalitos e valas	213
Considerações Finais		280
Referências Bibliográficas		286

LISTA DE FIGURAS

1. Mapa de Localização da área de pesquisa com os sítios registrados para a região (pontos vermelhos).	7
2. Distribuição das datações radiocarbônicas em contextos regionais da costa da Guayana.....	28
3. Periodização da costa da Guayana a partir das datações disponíveis.	30
4. Mapa da Guayana, mostrando os sítios arqueológicos do período arcaico mencionados no texto.....	35
5. Imagens do sambaqui Sikiri, pesquisa de Mark Plew.....	37
6. Croqui das pesquisas de Williams no sambaqui de Barabina (Williams, 1981).	38
7. Sepultamentos em Barabina. A: esqueleto sem o crânio; B: Arranjo de ossos humanos associado à fossa contendo conchas; C: sepultamento duplo associado a fossas (modificado de Williams, 1981 e 2003).....	40
8. Imagens das escavações realizadas por Simões nos sambaquis do Pará. Fonte: Oliveira e Silveira, 2016: 129.....	45
9. Croqui do sítio Plateau des Mines, mostrando as áreas escavadas (em amarelo) e a localização das datações realizadas. A partir de Mestre & Delpuech (2005: 75).	48
10. Sítio Plateau des Mines: acima, distribuição espacial das estruturas na área escavada. Abaixo, foto de algumas estruturas e material lítico associado no entorno (modificado de Mestre e Delpuech, 2005).	49
11. Artefatos líticos do sítio Plateau des Mines: a- instrumentos sobre lasca; b- instrumentos sobre núcleo; c- bigorna; d- instrumento polido (lâmina de machado); adaptado de Mestre e Delpuech, 2005.	50
12. Sítio Eva 2: à esquerda, distribuição espacial das estruturas na área escavada. À direita, estruturas de concentração de quartzo. Adaptado de Van Den Bel, 2003.....	51
13. Sítio Eva 2: artefatos líticos. a: instrumentos sobre lasca; b: manos; c: metate; d: lâminas de machado polidas; e- seixos com marcas de uso; f: ocre com evidências de raspagem. Adaptado de Van Den Bel, 2003.	53
14. Sítio Eva 2: morfologia das bordas encontradas. Adaptado de Van Den Bel, 2003.	54
15. Sítio Arqueológico MMX 11. Decapagem manual da quadra L20 no componente lítico do sítio. À direita, a finalização das escavações, já alcançada a camada estéril associada com blocos de afloramento.....	55
16. Estratigrafia do sítio MMX11, mostrando a profundidade da camada arqueológica associada ao período arcaico (camada 3).	55

17. Sítio MMX 11: indústria lítica presente. a: artefatos sobre lasca; b: mano; c: núcleo unipolar multidirecional (desenhos de Kleber Oliveira).....	56
18. Estruturas de concentração de rochas dos sítios do Jari. Na foto acima, à esquerda, cerâmicas associadas à concentração de rochas.	58
19. Ilustração da remontagem de um seixo lascado coletado no sítio Laranjal do Jarí II, permitindo reconstituir a sequência de lascamento do núcleo para obtenção de lascas, uma delas transformada por façonnagem em um instrumento sobre lasca (Imagem e desenho Kleber de Oliveira).....	59
20. Seixo lascado bifacialmente do sítio Laranjal do Jarí I (desenho de Bruno Barreto).	59
21. Cerâmica com incisões e excisões do sítio Laranjal do Jarí 1.....	60
22. Sítio Chemin Saint Louis: Estruturas de fossa preenchida com carvão. Adaptado de Van Den Bel, 2015.....	61
23. Sítio Chemin Saint Louis: Fossas contendo cerâmicas completas. Adaptado de Van Den Bel, 2015.....	62
24. Sítio Chemin Saint Louis: morfologia das cerâmicas encontradas associadas ao contexto arcaico. Adaptado de Van Den Bel, 2012.....	62
25. Sítio Prainha de Pedra: distribuição espacial das estruturas na área escavada.....	64
26. Sítio Prainha de Pedra: acima, distribuição de artefatos e estruturas na área escavada. Abaixo detalhe de uma das estruturas com rochas associada a cerâmicas.....	65
27. Sítios datados do Formativo Inicial na Guayana.	72
28. Formas cerâmicas da Fase Mabaruma Inicial (modificado de Williams, 2003).	76
29. Conjuntos morfológicos 1, 2, 3 e 4 da Fase Mabaruma Média (modificado de Williams, 2003).	77
30. Incisões e ponteados da Fase Mabaruma, modificado de Evans e Meggers (1960).	78
31. Adornos biomorfos da Fase Mabaruma, de acordo com Evans e Meggers (1960) e Williams (2003).....	79
32. Adornos biomorfos da Fase Mabaruma, de acordo com Evans e Meggers (1960) e Williams (2003). B: cabeça humana com boca distendida.	80
33. Formas Wonotobo. Modificado a partir de Boomert (1983).....	86
34. Formas Saladóide presentes no sítio Kurupukuri. Modificado de Williams (2003).	88
35. Decorações Saladóide presentes no sítio Kurupukuri. Modificado de Williams (2003).	89

36. Croqui do sítio Yaou, mostrando a delimitação do fosso (cinza escuro) e áreas decapadas (cinza claro). Modificado a partir de Mestre (2012).	92
37. Sítio Yaou. Acima o fosso antes da escavação. Abaixo corte mostrando a estratigrafia do preenchimento do fosso. Fotos de Mickael Mestre.	93
38. Sítio Yaou. Depósitos de cerâmica em fossas. Fotos de Mickael Mestre.	93
39. Sítio Yaou. Formas Saladóide presentes no sítio Yaou. Modificad a partir de Mestre (2012)	94
40. Decorações cerâmicas da Fase Pocó. Modificadas a partir de Hibert e Hilbert (1980).	97
41. Bolsão encontrado na escavação da mancha Água Fria do sítio Boa Vista. A partir de Guapindaia (2008: 159).	99
42. Formas da cerâmica Pocó identificada no sítio Boa Vista. A partir de Guapindaia (2008).	100
43. Decorações da cerâmica Pocó no sítio Boa Vista. Elaborado a partir de Guapindaia (2008).	101
44. Formas das cerâmicas do Formativo Inicial no arquipélago de Marajó. A: formas lisas; B: formas com pinturas; C: Formas com tratamento de superfície escovado; D: formas com tratamento de superfície inciso. Adaptado de Meggers e Evans (1957)...	108
45. Padrões hachurado-zonados do tipo Sipó Inciso, presentes nas Fases Ananatuba, Acauan, Formiga e Mangueiras (modificado de Meggers e Evans, 1957).	109
46. Plano da área escavada no sítio IFAP, com a presença das estruturas e densidade de artefatos.	113
47. Cerâmica relacionada com a mancha IFAP, com incisões do tipo Sipó Inciso e excisão.	114
48. Sítio Montagne Favard: Escavações do fosso.	120
49. Sítio Montagne Favard: Decapagem na área interna ao fosso, mostrando paleo solo contendo lítico e cerâmica associado a buracos de poste.	121
50. Planta do sítio Pointe Maripa, mostrando os dois fossos e o local das intervenções realizadas (créditos SRA Guyane).	122
51. Sítio Pointe Maripa. À esquerda corte do fosso mostrando, junto ao talude, negativos de poste (marcados por flechas brancas). À direita densa deposição de cerâmica no fundo do fosso. Fotos de Mickael Mestre.	123
52. Sítio Arqueológico Ponte do Oiapoque: Estruturas tipo buraco de poste. À esquerda, coroa de pedras. À direita, concentração de fragmentos cerâmicos.	126

53. Sítio Arqueológico Ponte do Oiapoque: Estruturas tipo fossa.	126
54. Sítio Arqueológico Ponte do Oiapoque: Estruturas tipo Poço.	127
55. Sítio Arqueológico Ponte do Oiapoque: Fosso delimitando parte do sítio. Acima, deposições de cerâmica interpretadas como lixeiras para tapar o fosso. Abaixo a porção descoberta do fosso, totalmente escavada.	128
56. Sítio Arqueológico Ponte do Oiapoque: Estruturas de deposição de cerâmica.....	129
57. Planta da área escavada na Ponte do Oiapoque mostrando a distribuição das estruturas	130
58. Gráfico de distribuição de tipos cerâmicos nos níveis em diferentes abrigos.	140
59. Mounds Hertenrits. Acima, vista do mound durante o período de chuvas. Abaixo perfil de um mound mostrando a intercalação entre camadas construtivas (argila clara) e camadas ocupacionais (lentes de terra preta). Modificado de Versteeg (2003).	146
60. Sepultamento Hertenrits. Modificado de Versteeg (2003).	147
61. Formas Hertenrits, modificado a partir de Boomert (1980).	150
62. Decorações cerâmicas Hertenrits. Acima, tipos de alças. Abaixo, da esquerda para direita, apliques em corda, adornos antropomorfos e estatueta feminina. Modificado de Versteeg (2003).	151
63. AM-41: as duas concentrações de estruturas de deposição de cerâmica. Modificado de Van Den Bel (2015).	152
64. AM-41: Estruturas de deposição de cerâmica. Modificado de Van Den Bel (2015).	153
65. Plano de escavação do sítio Katoury, mostrando as estruturas localizadas. A partir de Mestre (2005).	155
66. Acima, concentração de buracos de poste. Abaixo, alinhamentos que sugerem a localização de uma casa. Modificado de Mestre (2005).	156
67. Sítio Katoury. À esquerda, paleo-solo em associação com buracos de poste. À direita, paleo-solos em fossas alinhadas, interpretadas como zonas de gotejamento das casas. Modificado de Mestre (2005).	156
68. Sítio Katoury. Estruturas tipo fossas contendo cerâmicas. Modificado de Mestre (2005).	157
69. Sítio Katoury. Possíveis poços de obtenção de água. Modificado de Mestre (2005).	158
70. Sítio Chennebras. Fossas preenchidas com cerâmica. Modificado de Delpech (2010).	159

71. Sítio Monbin 2. Acima, concentração de fossas preenchidas com cerâmica. Abaixo detalhe de uma das estruturas. Modificado de Delpech (2015).....	159
72. Cerâmica Thémire Inicial derivada do sítio Katoury. Modificado de Mestre (2005).	160
73. Cerâmica Thémire Tardio derivada do sítio Sainte Agathe. Modificado de Samuelan (2009). Da esquerda para direita, no sentido horário, pinturas branco sobre vermelho, pinturas policrômicas, incisos, vasilhame tórico e banco.	161
74. Mapa da distribuição dos sítios no estuário do Amapá.	167
75. Perfil estratigráfico do sítio AP-MA-05, mostrando a primeira camada de laterita, e a estrutura arqueológica formada por uma concentração de laterita seguida da vasilha cerâmica.	170
76. Sítio Arqueológico AP-MA-05: momento de identificação das estruturas arqueológicas através das concentrações de laterita.	171
77. Sítio Arqueológico AP-MA-05: vasilhas cerâmicas encontradas abaixo das concentrações de laterita.	171
78. Delimitação precisa do Sítio AP-MA-05, baseada na dispersão da camada de laterita (em azul) e áreas já escavadas (em vermelho).	172
79. Diferentes estilos cerâmicos encontrados na escavação. Acima, à esquerda, vaso do tipo Arará Exciso, da fase Marajoara. Acima, à direita, tampa com incisões retilíneas do tipo Uxy Inciso, da fase Mazagão. Abaixo, à esquerda, Vaso Sipó Inciso, fase Ananatuba. Abaixo, à direita, vaso do tipo Piratuba liso com aplique antropomorfo. .	174
80. Tipologia das estruturas encontradas: (1) Vaso inteiro em fundo de fossa; (2) Vaso inteiro em fundo de fossa, coberto por outro recipiente servindo de tampa; (3) Dois vasilhames inteiros, um colocado sobre o outro, em fundo de fossa; (4) Fossa preenchida com grandes fragmentos cerâmicos misturados com laterita; (5) Fossa preenchida apenas com lateritas; (6) Buraco de poste.	174
81. Poço com câmara lateral - Note os três conjuntos cerâmicos em cada recinto do poço.	178
82. Detalhe de poço funerário e o mesmo poço cercado por bolsões rituais contendo negativos de poste no seu fundo.	180
83. Planta baixa de poço funerário cercado por bolsões contendo negativos de poste e interpretação da estrutura com os postes ainda erigidos.	180
84. Sítio Arqueológico AP-CA-48. À esquerda, decapagem mecânica do sítio do sítio. À direita, escavação manual das estruturas encontradas.	183
85. Sítio Arqueológico AP-CA-48. À esquerda, vista geral da área decapada. À direita, detalhe da estrutura do tipo “buraco de poste”, a mais freqüente encontrada.	183

86. Sítio AP-CA-48: Plano mostrando as estruturas encontradas durante as escavações.	184
87. Sítio Arqueológico AP-OI-10. À esquerda, decapagem mecânica do sítio do sítio. À direita, escavação manual das estruturas encontradas.	186
88. Sítio Arqueológico AP-OI-10. À esquerda, estrutura de lixeira contendo fragmentos cerâmicos e artefatos líticos. À direita, detalhe da estrutura do tipo “buraco de poste”.	186
89. AP-OI-10: Plano de escavação mostrando as estruturas encontradas.....	187
90. Sítio Arqueológico AP-OI-11. À esquerda, decapagem mecânica do sítio do sítio. À direita, escavação manual das estruturas encontradas.	188
91. Sítio Arqueológico AP-OI-11. À esquerda, estrutura de lixeira contendo fragmentos cerâmicos e artefatos líticos. À direita, detalhe da estrutura do tipo “fossa”.	188
92. AP-OI-11: Plano de escavação mostrando as estruturas encontradas.....	189
93. Sítio Arqueológico AP-CA-41. À esquerda, delimitação superficial dos vestígios. À direita, topografia do sítio.	190
94. Plano mostrando a densidade de artefatos em superfície e as áreas abertas (escavação manual, escavação ampla e trincheira).....	192
95. Sítio Arqueológico AP-CA-41. Início dos trabalhos de escavação manual em área com grande densidade de artefatos em superfície.	192
96. Sítio Arqueológico AP-CA-41. À esquerda, abertura de trincheira na porção central do sítio. À direita, trincheira finalizada com a estrutura de argila queimada em primeiro plano.....	195
97. Sítio Arqueológico AP-CA-41. À esquerda, vista geral da área decapada. À direita, detalhe da estrutura de argila queimada.	196
98. Plano mostrando a densidade de artefatos em superfície, as áreas decapadas e as estruturas antrópicas encontradas no sítio AP-CA-41.	197
99. Detalhe do plano mostrando as estruturas antrópicas no sítio AP-CA-41.	198
100. Mosaico de fotos e forma da Estrutura de argila queimada, interpretada como um fogão.....	199
101. Sítio Arqueológico Aragbus. À esquerda vista geral das rochas. À direita as duas pedras “Aragbus”.....	201
102. Sítio Arqueológico Aragbus. À esquerda o Abrigo 1, à direita o abrigo Himeket.	201

103. Sítio Arqueológico Aragbus. À esquerda escavação do poço-teste, à direita, poço-teste no nível 40-50 cm, com blocos e um grande fragmento cerâmico.....	203
104. Sítio Arqueológico Aragbus. À esquerda escavação do nível 90-100 cm, na camada com material lítico, à direita, poço-teste finalizado no nível 100 cm.....	203
105. Mapa das rochas (cinza), abrigos (áreas em branco) e densidade de fragmentos cerâmicos (tons de azul mais forte indicam maior densidade) em Aragbus. Duas datações associadas à deposições funerárias atestam a longa duração de uso de Aragbus, indo desde o século XII até o século XV D.C.....	204
106. Sítio Arqueológico AP-CA-46. Visão geral do abrigo.	207
107. Sítio Arqueológico AP-CA-47. À esquerda Vista geral da entrada do abrigo. À direita, cerâmicas quebradas em superfície.....	207
108. Sítio Arqueológico AP-CA-15. Entrada da gruta com urnas semi-inteiras na entrada.....	208
109. Sítio Arqueológico AP-CA-15, agrupamento de urnas na entrada do abrigo	208
110. Sítio Arqueológico AP-CA-15. Detalhe de urna semi-inteiras encontradas.	208
111. Sítio Arqueológico AP-CA-16. À esquerda chão do pequeno abrigo contendo fragmentos cerâmicos. À direita, aplique zoomorfo encontrado no local.	209
112. Sítio Arqueológico AP-CA-14. À esquerda abertura da fenda de acesso ao abrigo. À direita visão da fenda de acesso.....	209
113. Sítio Arqueológico AP-CA-14. À esquerda fragmentos na superfície do abrigo. À direita fragmentos recentemente quebrados e colocados sobre uma pedra.....	210
114. Sítio Arqueológico AP-CA-14. À esquerda atividade de quadriculamento da gruta. À direita coletas de superfície.	210
115. Área junto ao Igarapé Rego Grande, mostrando a distribuição das estruturas megalíticas. O tamanho dos pontos é relativo ao tamanho das estruturas.	214
116. Sítio Arqueológico AP-CA-38, Poço 01: sequência da escavação arqueológica, desde o início de seu acesso à câmara, passando pela descoberta de 5 vasos, até o fundo da câmara contendo ossos desarticulados.	217
117. Poço 02: sequência da escavação arqueológica, desde a exposição de sua tampa, o início de seu acesso a câmara, passando até o fundo da câmara contendo ossos desarticulados, associados a uma lâmina de machado polido.	218
118. Sítio Arqueológico AP-CA-38, Estrutura 05: sequência da escavação arqueológica.	219

119. Sítio AP-CA-21: Poço 01 :sequência da escavação arqueológica, desde o achado de sua tampa, passando pela descoberta do conjunto de 10 urnas, até o fundo do poço aos 78 cm de profundidade.....	223
120. Sítio AP-CA-21: Poço 02:sequência da escavação arqueológica, desde a exposição de sua tampa, passando pela descoberta das urnas funerárias e, por fim, o fundo do poço com a pequena câmara lateral.....	225
121. Sítio AP-CA-21: Estrutura 03: sequência da escavação arqueológica.....	226
122. Mapa de localização das escavações no sítio AP-CA-21, com indicação das estruturas localizadas. As marcações indicam a malha de quadriculamento de 1mX1m.	227
123. Disposição dos blocos em superfície na Estrutura 1 da Área 3, com delimitação da área escavada.	228
124. Uma estrutura bem preservada, com uma vasilha cerâmica inteira rodeada por blocos de rocha e fragmentos cerâmicos. No canto inferior direito, em destaque, a área com sedimento mais fino: início da Fossa 1.....	228
125. Esquerda: o início da escavação da Fossa 1, vista para Norte. Direita: As duas fossas evidenciadas, a mais próxima é a Fossa 1.	231
126. Esquerda: Distribuição espacial do material arqueológico no nível 0-10cm. Direita: Distribuição espacial do material arqueológico no nível 10-20cm.	231
127. Distribuição espacial do material arqueológico ao longo d escavação da Área 3.	232
128. Mapa com a distribuição dos megalitos, das depressões (círculos pretos), da possível delimitação da primeira estrutura (círculo vermelho) e do possível prolongamento para o sul (círculo amarelo).....	234
129. Diferença no tamanho dos monólitos entre os dois lados da estrutura. À esquerda: lado sul. À direita: lado norte.	235
130. Base de rocha escolhida para escavação. Em destaque (circulado), o topo do bloco caído.	239
131. Detalhe da estrutura de sustentação do monólito no nível 20-30 cm com blocos de laterita e placas de granito inseridas na fossa de forma a manter o bloco em um ângulo específico.....	240
132. À esquerda: final da escavação da trincheira no entorno da base de bloco. À direita: detalhe da estrutura de sustentação do bloco ao final da escavação.	241
133. Visão geral da estrutura de deposição cerâmica no entorno da placa	243
134. Mosaico de fotos mostrando a delimitação do poço e a deposição de fragmentos cerâmicos no seu interior.....	244

135. Visão geral da delimitação do poço e da deposição de fragmentos cerâmicos no seu interior (a seta tem 20cm de comprimento).	245
136. Micro-estruturas nos níveis 40-50cm e 50-60cm de profundidade.	247
137. No Poço 1, aos 170cm de profundidade, a situação das três vasilhas depositadas na câmara lateral.....	247
138. À direita, últimos momentos da escavação do Poço 1. À esquerda, a estrutura como foi escavada por seus construtores, com pequena câmara lateral para Norte e oeste (a seta tem 20cm de comprimento e aponta para o Norte).....	248
139. À esquerda: grande placa de granito antes da escavação. À direita: a mesma placa depois de rebaixados 10cm de profundidade.	249
140. Placas de granito formando uma área levemente circular no nível 10-20 cm.	250
141. A borda do poço e as vasilhas cerâmicas evidenciadas no nível 50-60cm	251
142. Nível 60-70cm do poço 2, com a exposição de mais vasilhas inteiras e alguns fragmentos.	252
143. Final da escavação do poço 2 com a exposição das vasilhas depositadas no fundo.	253
144. Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1. À esquerda, visão geral dos Poços 3 e 4 (o Poço 3, no canto superior esquerdo, tem a deposição cerâmica sobre ele continuada em direção ao Poço 4) . À direita, outra vista dos fragmentos cerâmicos cobrindo a tampa fragmentada do “Poço 3”.	254
145. Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1. À esquerda, visão geral dos Poços 3 e 4. À direita, placas que serviram de tampa para o “Poço 3”, com clara quebra do bloco maior à direita.	255
146. Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1. À esquerda, visão do Poço 3 após retirada de sua “tampa”. À direita, primeira vasilha completa identificada no Poço 3.	256
147. Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1. À esquerda, placa de granito encontrada no nível 80-90 cm. À direita, urnas completas identificadas após a retirada da placa de granito.	256
148. Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1. À esquerda, urnas ainda com tampa. À direita, urnas sem as tampas.	257
149. Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1. À esquerda, visão do Poço 3 no nível 100-110 cm. À direita, detalhe das urnas.	257
150. Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1. À esquerda, metade de uma tigela colocada na entrada da câmara. À direita, pequeno pote cerâmico encontrado no nível 160-170 cm.....	258

151. Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1. À esquerda, Poço 3 finalizado. À direita, detalhe das duas lâminas de machado polido encontradas no fundo do Poço 3.....	258
152. Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1. À esquerda, cache encontrado na borda nordeste do Poço 4. À direita, estrutura de deposição cerâmica sobre a parede oeste do Poço 4, que é continuidade da deposição sobre tampa do Poço 3.....	259
153. Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1. À esquerda, grande placa de granito sobre a parede leste do Poço, após a retirada da estrutura de deposição de cerâmica que se encontrava sobre ela. À direita, deposição de urnas funerárias encontradas abaixo da referida placa. Note que a placa estava fragmentada em três, decorrente de processos pós-deposicionais.....	260
154. Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1. À esquerda, continuidade da deposição de urnas. À direita, o final desta deposição, com urnas colocadas junto a uma pequena câmara lateral na direção sul do Poço 4.	260
155. Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1. À esquerda, estrutura de deposição de cerâmica colocada sobre o piso de placas de granito. À direita, o piso delimitado.	261
156. Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1. Poço 4 finalizado aos 133 cm de profundidade.....	262
157. Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1. Visão geral dos Poços 3 e 4 com os trabalhos finalizados. À esquerda, vista geral da Área 1 do sítio, com localização dos Poços 3 (à esquerda) e 4 (à direita).....	262
158. Deposição de vasilhas inteiras nas quadrículas 99/94 (esquerda) e 96/99 (direita).	263
159. Deposições de fragmentos. À esquerda parte da estrutura localizada nas quadrículas 96/99, 97/98 e 97/99. À direita, estruturas bem delimitadas, semelhantes à caches, na quadrícula 109/93.....	265
160. À direita, vista para norte da situação da escavação nas proximidades da rocha do orifício. À esquerda, detalhe da deposição de cerâmica nessa área (fragmentação das peças ocorrida in situ).	266
161. Deposição de vasilhas entre placas em pé na quadrícula 97/93	266

1. Introdução

1.1. Problemática

A arqueologia amazônica passou por uma série de mudanças no entendimento sobre a natureza da ocupação pré-colonial desta região ao longo dos anos. A partir da visão do paradigma ecológico-cultural de Julian Steward (Steward 1948) foi estabelecida uma tipologia para as culturas sul americanas, onde a base para organização sócio-política estaria ligada a padrões de adaptação ao meio ambiente. Dentro desta classificação, as culturas das terras baixas seriam classificadas como grupos de “floresta tropical”, com organização sócio-política necessariamente baseada em aldeias pequenas e autônomas com tecnologias simples e estruturas igualitárias.

Nestas investigações baseadas no determinismo ambiental o foco era se as culturas amazônicas tinham a capacidade de gerar excedentes e, portanto, suportar grandes populações. Dentro desta perspectiva, a agricultura baseada na mandioca não teria capacidade de produzir excedentes para sustentar sociedades mais complexas. Além disto, dado que a mandioca era subsistência básica das culturas de floresta tropical, não haveria a necessidade tecno-econômica de sua redistribuição pela centralização sócio-política.

Revisionistas, a partir de Lathrap (1970) e Roosevelt (1991), se contrapuseram fortemente à esta visão. Para eles a Amazônia não seria homogênea, nem um “Paraíso Imperfeito”, sendo lugar de desenvolvimento e florescimento cultural. A base de argumentação para os revisionistas, no entanto, continuou com uma forte premissa ecológica: as várzeas seriam locais propícios para agricultura intensiva, com o uso do milho e proteínas baseadas na pesca para geração de excedentes e, portanto, para surgimento de sociedades mais complexas e expansão demográfica.

Por detrás desta bipolarização haviam duas principais evidências que levavam ao debate: de um lado uma cerâmica altamente elaborada, algumas com características antroponômicas ou zoomorfas, e de outro, a monumentalidade evidente em alguns sítios, como os *osmounds* da ilha de Marajó e as estruturas megalíticas do Amapá. Para os defensores do determinismo ecológico estas evidências nada mais eram do que registros da migração de grupos adaptados a regiões ambientalmente mais produtivas que chegaram às terras baixas amazônicas com sua cultura já desenvolvida. Para os revisionistas estas evidências eram fruto de um desenvolvimento local, uma adaptação a um ambiente altamente produtivo como a várzea.

Pesquisas mais recentes têm, no entanto, ressaltado que o debate sobre a natureza das formações sócio-políticas amazônicas tem que ultrapassar os modelos simplistas baseados em falsas dicotomias colocadas pelas discussões anteriores: os modelos simples x complexos, mandioca x milho, várzea x terra firme, etc. Há hoje sólidas bases para perceber que a Amazônia, tanto no passado quanto no presente, é extremamente heterogênea, indo além do que colocam os modelos dicotômicos (Neves, 2014).

Uma destas percepções advém de inúmeras evidências da existência de florestas de origem antropogênica, e que estas possuem mais biodiversidade do que as florestas “prístinas”, levando-nos a hoje pensar que a Amazônia foi muito mais um ambiente cultural manejado pelos indígenas do que uma selva natural (Balée 1993, 1995, Heckenberger *et al.* 2003, 2008).

Mais do que responder adaptativamente ao meio, como assumido pela premissa da ecologia cultural, os índios amazônicos intencionalmente manejariam suas paisagens para garantir uma ampla produção de alimentos, através do manejo das matas, da produção de terras pretas ou de campos sobre-elevados (Glaser and Woods 2004;

Lehman *et al.* 2003) ou, ainda, barragens para controle da produção de peixes (Schaan, 2004).

Percebe-se, no entanto, que a modificação de paisagens na Amazônia, apesar de obter sucesso em notar que as sociedades indígenas desta região foram além da mera adaptação ao meio para modificá-lo para seus próprios fins, continua com uma forte premissa econômica para explicação dos fenômenos arqueológicos na região.

Entende-se isto dentro de uma perspectiva política atual, onde ambientalistas, agarrados aos mitos de uma “floresta pristina” sem intervenção humana procuram por todos os meios a criação de áreas de conservação abstratas. Nestas áreas seus habitantes tradicionais são retirados para uma “efetiva proteção” destes ambientes, como se a atual biodiversidade destes locais não tivesse sido fruto da intervenção humana ao longo de, pelo menos, 11.000 anos. Um foco na Ecologia Cultural é essencial para mudar esta visão míope de uma política preservacionista da sociedade ocidental atual.

No entanto, as modificações da paisagem levadas à cabo pelas sociedades indígenas amazônicas pré-contato vão muito além do que apenas intervenções para incrementos agroecológicos ou adaptativos. As evidências destas modificações são muitas, tais como mounds em Marajó, Suriname e Bolívia; sítios com valas circundantes na Bolívia, Acre e Guiana Francesa; e megalitos e cavernas funerárias no Amapá. Todos estes sítios adicionam um caráter de monumentalidade, de memória em longo termo, às paisagens amazônicas.

Outras modificações registradas nos sítios arqueológicos amazônicos desafiam ainda a classificação em uma categoria meramente pragmática, tais como estruturas arqueológicas formadas por deposições em “bolsões”. Estas estruturas negativas, preenchidas por terra preta, restos faunísticos e muitas cerâmicas decoradas, são

interpretadas como evidências rituais, consideradas um dos “primeiros sinais visíveis de modificações de paisagens na calha do Amazonas” (Neves et. al., 2014)

Dentro de uma perspectiva processualista, estas evidências não-pragmáticas (monumentais ou não), que são muitas vezes associadas com cerâmicas altamente decoradas depositadas em contextos cerimoniais\funerários, são reflexos passivos de um incremento econômico, gerando as modificações sócio-políticas que deram origem à tal registro arqueológico.

Propõe-se então que o foco deixe de ser primordialmente a produção econômica de subsistência, enfatizando mais aspectos da economia ritual e capital simbólico gerado, para o entendimento das sociedades indígenas amazônicas.

É neste viés que a presente tese se insere, ao procurar descrever uma longa história indígena em uma região da Amazônia, o litoral da Guayana, mais especificamente uma região compreendida entre a foz do Amazonas até a foz do rio Orinoco, parte da conhecida historicamente “Costa Selvagem”. Uma das perguntas fundamentais da tese, que busco perseguir através da descrição desta longa história, é qual a origem e natureza dos monumentos e das cerâmicas altamente elaboradas encontradas associadas a eles nesta região à leste da Guayana.

Desde o levantamento sistemático da Foz do Amazonas por Meggers e Evans (1957) uma série de estilos cerâmicos foram reconhecidos e organizados em cronologias relativas. É também esta uma região que apresentaria a mais longa sequência cerâmica da Amazônia, iniciando com os primeiros complexos cerâmicos relacionados às cerâmicas Mina e Alaka, datadas de cerca de 5000 anos A.P., e finalizando com as cerâmicas Aristé, Maracá, Marajoara, Mazagão e Aruã, que já apresentam evidências de contato com os exploradores europeus (Prous 1992, Neves 2006).

Apesar do reconhecido potencial da área para reconstrução histórico-cultural da ocupação humana na Amazônia, poucos projetos posteriores promoveram trabalhos sistemáticos, resultando em escassas informações sobre a diversidade e as características detalhadas do patrimônio arqueológico da área.

De fato, com exceção dos trabalhos nas grutas funerárias do Maracá (Guapindaia 2008), nos campos elevados e sítios arauquinóides associados da Guiana Francesa e Suriname (Rostain, 2013) e da recente tese de Van den Bel (2015), a região encontra-se ainda à margem das principais discussões sobre a ocupação humana na Amazônia devido ao atraso no desenvolvimento de pesquisas arqueológicas, cuja base ainda está assentada no que foi produzido na década de 50 do século passado (Cabral and Saldanha 2010)

Desde a criação de equipes arqueológicas no estado do Amapá (Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá - IEPA) e na Guiana Francesa (*Institute National de Recherche em Archeologie Preventive – INRAP*) essa imagem está sendo alterada. Graças a uma amálgama de arqueologia acadêmica e preventiva realizada por membros destas instituições o banco de dados arqueológicos disponível na área tem vindo a aumentar.

Até agora, o conhecimento sobre o Holoceno Médio foi expandido, com o aumento da descoberta de sítios arqueológicos não sambaquieiros relacionados com o período denominado arcaico, datado entre 6000 e 3000 A.P. (Van den Bel, Delpech et al. 2006, Saldanha & Cabral 2010).

Uma ocupação mais densa da região, com complexos cerâmicos relacionados ao formativo inicial, foi identificada a partir do início da era cristã (Rostain 2009), e pode talvez ser relacionada às cerâmicas Saladóide-barrancóide, conforme poderá ser visto ao longo desta tese.

No entanto, é principalmente a partir do entorno do século X D.C. que uma proliferação de culturas arqueológicas ceramistas foi documentada, com a coexistência de, pelo menos, onze diferentes complexos na área. Tais complexos, que foram definidos principalmente através das cerâmicas decoradas, estão associados a uma diversidade de tipos de contextos.

Uma verdadeira explosão de estruturas cerimoniais pode ser identificada neste período. Alguns destes contextos impressionam por sua monumentalidade, como os *mounds*, os megalitos, os poços e cavernas funerárias e as áreas circundadas por fossos¹; outras são mais humildes, apresentando apenas pequenas fossas preenchidas com vasilhames completos ou cacos; entretanto, ambos apresentam claramente uma vontade de intervir na paisagem, ativando simbolicamente o espaço através de deposições específicas.

Desta forma aqui apresentaremos uma síntese da ocupação, advinda dos novos dados obtidos nos últimos anos, iniciando com os primeiros ocupantes da Guayana Oriental até uma reconfiguração étnica ocorrida na região a partir dos séculos XVIII e XIX D.C.

Exploraremos práticas relacionadas aos objetos em seus contextos nos sítios trabalhados, explorando as formas, os conteúdos e as associações das deposições encontradas, e encarando-os como resíduos materiais de uma sequência de ação, cuja finalidade é estabelecer ligações materiais com lugares específicos.

Desta maneira, estes resíduos podem ser vistos como “deposições estruturadas” (Richards & Thomas, 1984), comunicando significados através de sua forma, conteúdo

¹ Conhecida na Arqueologia regional como “Mountagnes Couronnés” ou “Montanhas Coroadas” termo como os habitantes locais denominaram estes locais com presença “inexplicável” de fossos circundando os topos de morros (Mestre, 1997).

e qualidades simbólicas. Buscamos desta forma aqui alinhar relações possíveis entre diversos elementos presentes na cultura material da região, monitorando continuidades e mudanças nas relações entre objetos, lugares e pessoas.

1. Mapa de Localização da área de pesquisa com os sítios registrados para a região (pontos vermelhos).

Diante de todas as informações que serão demonstradas nesta tese, afirmaremos que o litoral da Guayana é uma das áreas-chave no entendimento histórico pré-colonial da região amazônica. Suas características geográficas e ambientais singulares, um enclave entre a Amazônia, a “ilha Guiana”² e áreas Caribenhas, parecem ter propiciado e estarem refletidas na alta diversidade cultural e no caráter monumental evidenciado na ocupação pré-histórica, um local onde diferentes tradições culturais convergiram e

² Conforme definição do geógrafo Lézy (2000) a Guiana forma uma enorme ilha no norte da América do Sul, delimitada ao sul pelo rio Amazonas, à norte pelo rio Orenoco, à oeste pelo Canal Cassiquiare e à leste pelo Oceano Atlântico

interagiram em uma região específica. Como tal, sugeriremos que, depois de uma ocupação humana gradual desde pelo menos 7000 anos A.P., a Guayana Oriental se tornou, por volta de 1000 AP, uma arena altamente contestada, onde as diferenças regionais em estilos de cerâmica e centros cerimoniais\funerários foram usados e exacerbados para marcar fronteiras políticas e\ou sociais.

1.2. Perspectivas para uma história indígena de Longa Duração no Litoral da Guayana

Uma das pretensas contribuições da presente tese é o de estabelecer pontes entre a antropologia e arqueologia amazônicas através de estudo de caso em uma longa história indígena em uma região específica da Amazônia, a costa leste da Guayana.

De fato, se a arqueologia brasileira pretende contribuir de forma significativa para a compreensão das sociedades indígenas das terras baixas da América do Sul uma das formas é o estabelecimento de um diálogo profícuo com antropologia, para que ambas consigam avançar no entendimento das mudanças ocorridas dentro destas sociedades (Neves, 2015). No entanto, ambas disciplinas, apesar de alguns esforços no sentido contrário, se encontram distanciadas e com perspectivas diferenciadas sobre as sociedades indígenas.

No caso da Antropologia, tal disciplina tem visto as sociedades ameríndias como sócio-politicamente instáveis e igualitárias, afirmando-se com frequência que instituições ligadas à estas esferas seriam escassamente desenvolvidas nas terras baixas da América do Sul (Rivière, 1984: 123). Se num primeiro momento tal instabilidade e aparente simplicidade das instituições sócio-políticas eram vistas como respostas a deficiências do ambiente onde grupos de floresta tropical teriam se desenvolvido

(Steward, 1948), mais tarde entendeu-se que tais características seriam resultado de fatores mais complexos e internos às sociedades indígenas da região, tais como instituições de parentesco e cosmologias (Overing, 1983-4; Riviére, 1984).

Um dos conceitos fundamentais que foram levantados para explicar a impossibilidade de centralização e complexificação sócio-política nas terras baixas sul-americanas foi o de “animismo”.

De acordo com Descola, o animismo é uma maneira particular de objetificar a sociedade e a natureza, a qual dota os seres naturais com disposições humanas, tais como sentimento e oralidade, e atributos sociais, como hierarquias, parentesco e normas de conduta (Descola, 1992: 114). Importante para a reprodução sócio-política amazônica, o sistema anímico é visto como fechado, onde em seu interior circulam os elementos necessários para continuidade do cosmos.

Desta forma existiria uma morfologia social comum para toda a região amazônica, caracterizada por grupos locais autônomos e auto-suficientes, e tendo o sexo e idade como os principais critérios da divisão do trabalho. A descendência é cognática e o espaço de vivência é concêntrico e fechado, onde o exterior é visto com hostilidade. Assim, dentro do sistema anímico, qualquer alteração na circulação interna dos seus elementos intrínsecos é uma ameaça, devendo haver meios para seu reestabelecimento, “de acordo com as concepções dos princípios de identidade e diferença que regem as relações dos seres humanos entre si e com os animais” (Descola 1992:116).

A arqueologia das terras baixas da América do Sul teve em Betty Meggers sua grande precursora. Dentro da perspectiva do determinismo ambiental, que também caracterizou a antropologia americana da segunda metade do século XX, o passado indígena amazônico teria sido caracterizado por aldeias pequenas ocupadas por curtos períodos de tempo, reflexo de grupos socio-politicamente não estratificados (Meggers e

Evans, 1957; 1983). Estabelecia-se assim a possibilidade de correlacionar o passado arqueológico com as sociedades indígenas amazônicas atuais, propondo-se que os padrões registrados pela etnografia teriam sido pouco ou nada afetados pela invasão europeia.

Mais tarde, arqueólogos como Lathrap (Lathrap, 1970) e Roosevelt (1991) propuseram uma visão diferenciada sobre a caracterização das populações indígenas amazônicas do passado. Para estes pesquisadores o ambiente amazônico não seria um entrave para o desenvolvimento de culturas de floresta tropical sendo, ao contrário, local para o desenvolvimento de importantes inovações, como a cerâmica e algumas plantas domesticadas. Além do mais, teria sido palco do desenvolvimento de grandes e complexas sociedades, cujos correlatos estariam em grandes e densos assentamentos e cerâmicas altamente decoradas observados em sítios arqueológicos, que estariam relacionadas com centralização sócio política e incremento populacional derivados de uma economia baseada na geração de excedentes agrícolas. Assim, teriam havido mudanças significativas entre os padrões sociais e políticas observados entre o período colonial e o presente etnográfico.

No entanto, as críticas feitas por Viveiros de Castro (2002) em “Imagens da Natureza e Sociedade” mostram, por parte da antropologia, um certo desconforto com a posição de uma “de-culturação indígena”, já que estes, perdendo seu esplendor do passado estariam culturalmente degenerados, podendo serem facilmente descartados.

Como reação a estas provocações da Antropologia e a um amadurecimento interno da própria disciplina arqueológica no Brasil houve, nos últimos anos, uma superação do forte dualismo característico dos debates entre visões antagônicas sobre as sociedades indígenas pré-contato (simples X complexas), gerando um novo quadro de diversidade de histórias regionais na Amazônia antiga (Neves, 2015). Ao mesmo tempo,

em uma abordagem pós-colonial, a disciplina tem se aberto para os interesses de grupos indígenas da região em relação ao seu próprio passado ou à antigas ocupações de seu território marcadas por vestígios arqueológicos (Silva, 1998; Cabral, 2014). Trabalhos inovadores têm trazido conceitos de outras disciplinas, tais como o Perspectivismo e a Agência dos Objetos, para abordar de maneira mais rica os vestígios arqueológicos amazônicos (Barreto, 2009).

Desta forma, a arqueologia amazônica encontra-se hoje em uma posição privilegiada para contribuir para o estudo das sociedades indígenas das terras baixas da América do Sul, procurando continuidades e mudanças no uso de objetos em seus contextos. Concordando com Tilley, parte-se do princípio que a grande força da arqueologia hoje é a preocupação diferenciada com a relação entre pessoas e cultura material, ou seja “a maneira na qual formas materiais constituem um meio vital através do qual as pessoas constroem, manipulam e transformam seus mundos na longa duração” (Tilley 1994).

Assim concebida, a Arqueologia funciona como uma etnografia temporal dos artefatos e da maneira como eles se relacionam com estruturas e eventos, procurando ler as evidências em termos de interações entre componentes normativos e expedientes na produção e descarte dos artefatos. Tal leitura pode e deve ocorrer através de uma análise multi escalar em uma perspectiva de longa duração, onde uma diversidade de conceitos será utilizada.

1.3. Redes de Relações

Uma abordagem excessivamente economicista gerou uma visão simplificada e atomista dos grupos indígenas das terras baixas da América do Sul, principalmente a oferecida por Riviére no livro “O Indivíduo e a Sociedade na Guiana” (1984). Como

uma crítica à esta visão, o conceito de “redes de relações” foi elaborado a partir de um esforço conjunto de antropólogos e etnólogos trabalhando com grupos indígenas das Guianas (Gallois, 2005). Na abordagem proposta Gallois et al (2005) optou-se por não restringir a análise ao foco local das pesquisas anteriores, mas sim ampliar o escopo, o que permitiria enxergar interações sociais antes não aparentes, possibilitando pensar interações entre os grupos como redes, tanto no espaço quanto no tempo.

Os grupos das Guianas passaram então a ser pensados não mais como atomizados e, portanto, passíveis de análise individual, mas como definidos a partir de fluxos de informação, trocas e redes de sociabilidade (Gallois, 2005).

Apesar do reconhecimento da necessidade de interação entre as aldeias, principalmente alguns bens que são exclusivos de outros grupos ou, ainda, para o casamento, tal interação era explicada através da escassez de alguns produtos ou por outras razões utilitárias (Rivière, 1994). O foco nas redes de relações compreende, por outro lado, que tais interações possuem outros interesses além do valor do que é trocado, cuja motivação principal é muito mais a construção ou manutenção de laços sociais entre aldeias e grupos distantes. As redes são assim formadas por relações que cumprem um papel sócio-político, com o estabelecimento de relações identitárias entre grupos distantes.

O conceito de redes de relações tem sido proficuamente aplicado para entender fenômenos arqueológicos amazônicos, especialmente para explicar semelhanças e diferenças na cerâmica (Cabral, 2011; Van Den Bell, 2010; Barreto et. al. 2016). Pensar em redes de relações aplicadas à contextos arqueológicos tem permitido questionar a ideia das Tradições e Fases como entidades fechadas, delineadas no tempo e espaço, e implicitamente como reflexo de grupos étnicos específicos.

1.4. Identidades

Na antropologia amazônica, abordagem linguísticas foram as primeiras tentativas de caracterização cultural dos grupos indígenas da região. Através dos trabalhos de Gilij (1780), Martius (1867) e von den Steinem (1886) as linguagens da América do Sul foram divididas em termos filogenéticos, tendo havido ainda o esforço de localizar possíveis áreas de origem para os maiores agrupamentos identificados. Para a Amazônia quatro agrupamentos linguísticos principais foram identificados, tendo sido denominados Arawak, Gê, Karib e Tupi.

A partir das abordagens as Ecologia Cultural norte-americana Steward, em seu *Handbook of South American Indians* dividiu as culturas do continente sul americano em quatro categorias: as tribos Marginais, Tribos de Floresta Tropical, Tribos Circum-caribenha e Civilização Andina. Para a Amazônia a ideia de uma cultura de floresta tropical generalizada dominou, apesar de evidências de uma enorme diversidade.

Na Arqueologia, dentro dos pressupostos histórico-culturais, cujo objetivo principal era a construção de cronologias locais e regionais, a distribuição de tipos de objetos no espaço e tempo seriam indicadores de antigas identidades e de movimentos destas ou de traços culturais específicos em uma dada região (Phillips e Willey, 1953). A partir deste paradigma seria possível identificar e separar uma cultura da outra com base em sua materialidade, pois os artefatos seriam expressões de ideias específicas a determinados contextos históricos e culturais, proporcionando a definição de “culturas arqueológicas”.

Para a região Amazônica uma série destas identidades foram criadas a partir, principalmente, da metade do século XX. Duas vertentes classificatórias existiram, uma baseada nos trabalhos de Meggers e Evans (1961) na calha do rio Amazonas, e outra a partir dos dados levantados por Cruxent e Rouse (1958-1959) junto ao rio Orenoco.

Ambas classificações foram elaboradas a partir de características das cerâmicas arqueológicas, tais como antiplástico e técnicas de decoração.

Para a bacia Amazônica foram criados quatro grandes conjuntos (Meggers e Evans, 1961), denominados Tradições Hachurado Zonada, Borda Incisa, Polícroma e Inciso-ponteadas. Junto ao rio Orenoco foram criadas as Séries Saladoíde, Barrancoíde e Arauquinóide. Em ambas áreas os macro-conjuntos (Tradições ou Séries) seriam subdivididos, respectivamente, em Fases ou Complexos, que representariam um grupo particular de pessoas.

Apesar de ainda utilizar as definições abstratas das Tradições-Séries e Fases-Complexos, uma arqueologia processual amazônica procurou, através da cultura material, estabelecer diferentes níveis de identidade dentro destas classificações. Desta forma as cerâmicas tornaram-se um reflexo do desenvolvimento cultural de determinadas culturas arqueológicas, e representariam símbolos de identidade de gênero de filiação social, etc. (Roosevelt, 1991; Schaan, 2004)

Mais recentemente o foco passou para a identidade de grupos no longo termo, relacionado com a definição da *Habitus* de Bordieu (1977), e agrupamentos linguísticos macroscópicos (Heckenberger, 2008). Apesar de reconhecer que não existe uma correlação firme entre linguagem, cultura e etnicidade, esta abordagem baseia-se na ideia de que é inegável que filiação linguística possui significado sociocultural (Hill e Santos-Granero, 2002: 4). Desta forma leva em consideração um amálgama analítico ligando tradições arqueológicas, agrupamentos etno-linguísticos, áreas culturais e sistemas-mundo, e denomina estas formações de “corpos macro-históricos” (Heckenberger, 2008: 953), em abordagem semelhante à de “áreas culturais”.

Tal abordagem, no entanto, reconhece a existência de processos históricos particulares no desenvolvimento de tais corpos macro-históricos, derivados de situações

de trocas, contatos, hibridizações e formações sociais pluri-étnicas na longa duração. Heckenberger exemplifica estas situações híbridas. Uma delas é a formação de uma organização supra-regional baseada na várzea amazônica, e denominada Policrômica Amazônica, que misturaria elementos das tradições Barrancóide e Tupiguarani (Heckenberger, 2010). Outro exemplo é a formação da sociedade xinguana atual, que mesclou grupos Arawak e Karib em uma macropolítica regional (Heckenberger, 2005).

Por trás da identificação de significados socioculturais relacionados a determinados grupos linguísticos está uma premissa de que existiria, por detrás de diferenças derivadas de contextos históricos, uma “matriz” ou “ethos” cultural dentro destes grupos. Reconhece-se uma forte correlação entre alguns elementos materiais e determinados agrupamentos linguísticos, tais como formas e decorações de objetos, ou padrões de assentamento, o que nos indica que a cultura, conforme expressada por grupos linguísticos ou áreas específicas, pode ser correlacionada com a materialidade presente no registro arqueológico. Desta forma seria possível para a arqueologia a ressuscitação e renovação do conceito de áreas culturais “para a construção de um quadro histórico amplo e de longa duração sobre as sociedades indígenas das terras baixas da América do Sul” (Neves, 2015: 18).

1.5. Lugares Persistentes

Advinda da premissa do atomismo e simplicidade das sociedades indígenas amazônicas, encontra-se uma perspectiva da impermanência dos lugares por elas vividos, uma visão de que os grupos de floresta tropical habitavam essencialmente em aldeias autônomas e estruturalmente redundantes, que se traduzia, do ponto de vista

arqueológico, navisão de “sítio-limite”, ou seja, a noção de que o espaço de investigação poderia ser o sítio em isolamento.

Em contraposição à visão simplista dos lugares vividos amazônicos nos utilizamos do conceito de “Lugares Persistentes”. Schlanger (1992) introduziu tal conceito como uma forma de integrar artefatos e sítios à paisagem em uma perspectiva multiescalar e dinâmica. De acordo com o autor (Schandler, 1992: 92) Lugares Persistentes são locais “repetidamente utilizados durante ocupações de longo termo em uma região”, e, de acordo com Thompson (2010: 218) possuem três características: suas propriedades físicas os tornam atrativos para o uso; suas propriedades culturais estimulam e estruturam os padrões de re-utilização; e, finalmente, são criados através de práticas em um período de tempo extenso.

Uma série de autores (Bradley, 2000; Tilley, 2006, 2010, entre outros) já chamaram a atenção para casos onde afloramentos rochosos, corpos d’água ou mesmo alterações culturais atraíram a atenção humana, estimulando formas específicas de atividade como deposições rituais estruturados. No caso específico da Amazônia diversas são as situações onde características de lugares na paisagem, tais como “*Forest Islands*” (Denevan, 1996), terras pretas (Neves, 2001), cavernas (Green, Green e Neves, 2003), estabelecem vínculos com os grupos humanos que vivem atualmente no entorno, chegando em alguns casos a fazer com que estes tenham, inclusive, relações de pertencimento e ancestralidade com estes locais.

Nas palavras de Tilley (2010: 29), “uma das mais comuns falhas na arqueologia da paisagem é assumir que os mais importantes lugares na paisagem são aqueles que foram humanamente criados, tais como sítios e monumentos”. Assim, deve-se ter em mente um amálgama de uma arqueologia da paisagem construída simbolicamente (Tilley, 1994), mas também ecologicamente (Clement, 2006).

De fato, se, por exemplo, para o estudo da arqueologia da paisagem européia só sobraram como evidências “esqueletos geológicos e topográficos da terra: a característica das rochas, as montanhas e picos, os cursos e vales de rios, algumas vezes a linha costeira” (Tilley 2010): 30), na Amazônia temos o privilégio de tentar perceber as antigas paisagens caminhando, para além das antigas aldeias e monumentos, através de “artefatos vivos, paisagens vivas” (Balle 2008):16), o que possibilita uma complexa “Arqueologia dos Lugares Naturais” (Bradley 2000) em uma longa duração.

Memória é um dos mais importantes aspectos para o habitar, sendo essencial para entender lugares persistentes (Moore e Thompson, 2012). De fato, memória social, significados e mitos possuem um papel significativo na construção sócio-cultural da paisagem através do habitar (Ingold, 2004). A persistência dos lugares pode estender estes processos de significação por longos períodos de tempo, e nos possibilita perceber que as pessoas, ao conhecer sua paisagem, frequentemente encontram vestígios de outras ocupações. Em alguns casos estas pessoas podem associar estes vestígios com seu próprio passado ou, ainda, com eventos míticos (Silva, 2000; Cabral, 2014).

De acordo com Moore e Thompson (2012: 269) “lugares persistentes são mais do que apenas locais redundantemente utilizados; eles são lugares onde relações são criadas e, como resultado, identidades são formadas”.

Dentro deste contexto, podemos considerar que a construção e manejo de lugares e monumentos, além do uso dos materiais envolvidos neles, ocupam espaço, possibilitando ou constringendo o modo como as pessoas se movem e vivenciam o tempo e o espaço. Neste processo, as pessoas constroem, desconstróem e reconstróem identidades (Ingold 2000), fazendo e inscrevendo memórias e reinterpretando práticas e tradições materialmente, espacialmente, temporalmente e corporalmente. Possibilita desta forma que pessoas afirmem ou contestem estruturas sócio-políticas quando, ao se

relatarem ao passado, possam definir o presente e restringir o futuro (Thomas, 1996, p. 192).

1.6. Diferentes Ontologias

O trabalho de Tim Ingold (2007) sugere como as substâncias materiais são parte do entendimento do mundo, particularmente a inter-relação entre, por um lado, materiais, objetos e artefatos, e, por outro, as pessoas. O autor argumenta que não são as propriedades dos materiais em si que são importantes, mas sim suas qualidades, e estas podem ser o objeto de significado no passado (2007: 9-13).

Esta abordagem de Tim Ingold à materialidade encontra eco em estudos etnológicos (Viveiros de Castro, 1998) e arqueológicos (Alberti e Bray, 2009) mais recentes, que enfatizam uma dicotomia fundamental do pensamento ocidental, que contrapõe fortemente natureza e cultura, e é também conhecido como “perspectivismo”. De acordo com o perspectivismo, muitas sociedades (incluindo os indígenas americanos) entendem o mundo de forma diferente do ocidente moderno, de acordo com o princípio de que mundos humanos e não humanos não são entidades separadas, mas intercambiáveis e transponíveis.

Viveiros de Castro (1998), ao estudar grupos indígenas amazônicos, destacou como pessoas e animais, apesar de possuírem diferentes corpos possuem uma mesma unidade espiritual (ambos possuem espíritos humanos). São as diferenças corpóreas que fazem com que humanos e animais ajam de maneiras diferenciadas. Além de animais, coisas e objetos também podem possuir um mesmo espírito humano, podendo possuir agência no mundo. Esta abordagem, com diferentes conceitos ontológicos, nos oferece uma forma muito útil para pensarmos a materialidade, incluindo aí sua configuração em uma paisagem construída.

Santos-Granero (1998) destacou a existência de uma escrita e leitura da história na paisagem, à qual ele denominou de “escrita topográfica”. O autor reconhece que, embora os grupos indígenas amazônicos por ele abordados “constroem sua história através de mitos, tradições orais, memórias pessoais, rituais e hábitos corporais” (1998: 140), estes elementos juntos contribuem e estão embebidos na construção da história na paisagem. Através da significação de lugares Santos-Granero enfatizou duas formas de escrever e contar a história na paisagem.

Uma primeira, denominada Topograma, a escrita está em marcos da paisagem, que adquiriram sua configuração através de ações passadas de seres humanos e não-humanos. No primeiro caso temos a existência de aldeias antigas, matas antropizadas, cemitérios, etc. Já os agentes não-humanos configurariam tais marcos através de elementos “naturais” que destacam-se na paisagem por seus aspectos diferenciados, tais como formas, tamanhos, cores, etc.

Uma segunda forma Santo-Granero denominou de Topografos. Os Topografos seriam Topogramas organizados de uma maneira sequencial, que podem ser combinados de várias maneiras, e que formariam um sistema de significados mais amplo. Neste caso, ao se caminhar pela paisagem ao longo de diversos Topogramas se poderia “ler” determinadas histórias, em uma narrativa que também pode estar relacionada à eventos vividos por seres humanos e não-humanos.

1.7. Agência

Os conceitos-chave das abordagens mais recentes são bastante derivados da teoria social, tentando desenvolver uma narrativa arqueológica mais adequada às sociedades do passado, incorporando uma noção mais dinâmica de estrutura social, ao

reconhecer a criatividade da agência humana e evitando formas tipológicas e deterministas (Hodder, 1992).

Com isto um dos grandes interesses destas arqueologias é com a relação entre estrutura e prática social: a noção de que as estruturas sociais são dinâmicas e moldadas pelas práticas, que por sua vez são condicionadas pelos conhecimentos, aspirações e intenções dos atores envolvidos. Desta forma, um importante conceito, o de “agência”, vem à tona. A agência, neste contexto, permite às pessoas de uma sociedade serem ativas em reproduzir e mudar sua sociedade, destacando o potencial criativo dos seres humanos. Central a esta noção é a de poder, mas não poder como concebido da maneira usual, ligado às instituições, mas sim um poder em micro-nível, ligado aos indivíduos e grupos de interesse.

No entanto, a partir de uma quebra ontológica observada tanto na arqueologia (Tilley, 1996; Thomas, 2004), quanto na antropologia (Viveiros de Castro, 2002), onde não são consideradas os antagonismos clássicos da visão de mundo ocidental que contrapõe cultura X natureza, humano X não humano, ideal X material, uma nova visão de agência tem emergido: a de que as materialidades, sejam objetos ou lugares, possuem agência. A agência dos objetos, um tema importante em debates contemporâneos em arqueologia (entre outros, Gosden 2005; Thomas 2007; Witmore 2007), também aparece na antropologia amazônica recente (o volume editado por Santos-Granero [2009] salienta a importância desta ideia no pensamento ameríndio).

Ao considerar que objetos e lugares podem agir sobre as pessoas, a diversidade de monumentos e lugares na Amazônia antiga e a intrincada relação entre suas matérias podem ser entendidos como variações nas maneiras de afetar as pessoas.

1.8. Revisitando Tipologias e Cronologias

Uma base para a cronologia da região compreendida pela presente tese foi a abordagem de Meggers e Evans na foz do Amazonas (Meggers e Evans, 1957) e na Guiana Inglesa (Evans e Meggers, 1960). A partir do método Ford para análises cerâmicas e de abordagem padronizadas de campo, seqüências regionais foram criadas, tornando-se o fundamento para a distribuição no tempo e no espaço das culturas arqueológicas por eles criadas. A principal filosofia de trabalho de campo era a realização de numerosas prospecções rápidas, com coleta de material de superfície e pequenos cortes estratigráficos para posterior estabelecimento de seqüências seriadas em laboratório.

A análise cerâmica, que visava o estabelecimento de tipos, sua seriação e posterior construção da dispersão cronológica e espacial das culturas arqueológicas construídas, tinha como base o sistema de tipo variedade para sua classificação. Para criação dos tipos as características de pasta, principalmente o antiplástico, mas, na falta de mudança deste, o grau de oxidação da queima cerâmica, eram utilizados para estabelecimento da base destes tipos. A variedade dos tipos era dada pelo tratamento de superfície aplicada na cerâmica, tais como alisamento, incisões, raspagens, escovados, pinturas, banhos, etc. (Meggers e Evans, 1970).

Podemos citar diversos problemas com o uso de pastas para determinação de tipos. Um deles é o uso do próprio antiplástico. Nas palavras de Rostain (1994: 151):

“O uso de um antiplástico não implica necessariamente um pertencimento cultural ou uma significação cronológica, porque a disponibilidade de matéria-prima varia de uma região à outra. Em resumo, se as características tecnológicas (tipo de antiplástico, de argila, da mistura) permitem a definição de critérios diferenciadores estáveis, independentes do estado de conservação de material, eles permanecem condicionados pelos recursos ambientais e, em menor escala, pela função do objeto fabricado”.

Outro problema emerge com a definição estanque de tipos com critérios baseados nas características de queima, onde espera-se que a coloração das superfícies e do núcleo sejam conseqüências de procedimentos técnicos estandardizados, reproduzidos durante diversas gerações e, conseqüentemente, observável e delimitável no registro arqueológico e identificável com determinadas culturas ou grupos sociais.

Schaan (2001: 161) sumariza de maneira bastante contundente tal problemática:

“Entendemos que as diferenças na queima da cerâmica indicam diferentes procedimentos técnicos, cujos efeitos não são totalmente controlados pelo ceramista, e não definem obrigatoriamente diferentes culturas ou grupos sociais na acepção dada por Meggers & Evans.”

A forma como Rostain (1994) e Schaan (2001) colocam o problema em se definir tipos a partir de elementos de pasta, tais como antiplástico e queima, para caracterização de culturas ou grupos sociais, nos fornece importantes ferramentas para questionar a validade ou não de diversos complexos cerâmicos definidos na Amazônia. Tais características de pasta poderiam, assim, estarem mais ligadas com constrangimentos ligados ao acesso de matérias-primas, à tecno-função do objeto cerâmico construído ou ao domínio de técnicas de queima por indivíduos, mais do que à grupos étnicos específicos (Sinopoli, 1991; Rye, 1981, Rice, 1998).

Uma abordagem mais satisfatória para abordar a cerâmica seria através de características estilísticas, tais como forma e decoração, pois elas seriam, segundo Rostain (1994: 151) “mais diversificadas e livres de constrangimentos técnicos, podendo serem mais diretamente relacionados com as particularidades culturais e distinguem claramente os grupos”.

Tal abordagem, levando em conta características estilísticas, no entanto, acabou levando à um outro extremo na construção de tipologias cerâmicas, com excessiva ênfase em atributos decorativos. De fato, nesta abordagem, a atribuição de um conjunto cerâmico à uma determinada fase começou a ser feita a partir de componentes decorativos e morfológicos específicos, desta forma ocultando outras formas de conjuntos decorados ou, mais ainda, os elementos simples e utilitários.

De fato, a existência de conjuntos cerâmicos que partilham elementos de uma decoração considerada “distintiva” ou “típica” observados em sítios arqueológicos espalhados em amplas áreas é considerada suficiente para sua inserção e delimitação em culturas arqueológicas específicas, sem levar em conta outras classes do registro arqueológico. A mera presença destes elementos típicos em sítios arqueológicos, não importa o quão pequena e pouco representativa ela seja, é considerada como diagnóstico da presença de identidades específicas nestes locais. Como decorrência, as semelhanças são ressaltadas e as diferenças negligenciadas, com uma forte tendência à homogeneização.

Disto advém uma tendência em ver padrões culturais individuais como possessões exclusivas de grupos étnicos particulares, que se instalariam em uma determinada região geográfica. Entendia-se que as fases “abrangeriam o espaço e o tempo de uma tribo indígena” (Schmitz e Becker, 1991: 72). Dentro destas definições se assumia que cada “tribo” pré-histórica também não mudaria ao longo do tempo, e qualquer evidência de mudança era atribuída ao movimento de populações, ou a um movimento difusor de elementos para grupos considerados mais “atrasados”.

Mais recentemente, avanços foram feitos para discutir a classificação, filiações culturais e cronologias dos conjuntos arqueológicos amazônicos, avanços estes que estão gradativamente libertando a arqueologia de uma excessiva dependência das

abordagens tradicionais baseadas exclusivamente nas cerâmicas como fonte de informação sobre o passado. Como Neves (2008: 365) sugere para uma nova abordagem:

Idealmente, seria interessante se dados das cronologias cerâmicas pudessem ser correlacionados com mais informações sobre aspectos como padrões de assentamento, cronologia de ocupação dos sítios, padrões espaciais intra-sítio e assim por diante.

Novos dados, provindos destas abordagens que não levam mais em conta somente as características cerâmicas, estão indicando que os padrões regionais estabelecidos através das abordagens do tipo-variedade ou dependentes de cerâmicas mais decoradas, podem estar, ao fundo, mostrando outros tipos de processos e não necessariamente uma diferenciação “étnica” como sugerem o uso dos termos “Fase”, “Tradição”, “Complexo” ou “Série” (Dias 1995, Schaan 2007).

Estes problemas desafiam nossa tradicional ênfase em aspectos tipológicos e classificatórios baseados somente na cerâmica, sugerindo que isto deve ser ultrapassado e a ênfase deveria ser dada à associação entre os artefatos, estruturas e padrões de assentamento, reconhecendo que as formas, os conteúdos e as associações das deposições artefatuais encontradas nos sítios, são resíduos de uma sequência de ação, cuja finalidade é estabelecer ligações materiais com lugares específicos.

Apesar de em 2008 Neves se resignar ao reconhecer que outros dados, além da cerâmica, estarem disponíveis apenas para algumas poucas áreas da Amazônia, concordamos com Barreto (2015) que uma vasta quantidade de dados estão hoje sendo gerados por estudos relacionados à arqueologia de contrato, nos provendo de histórias de sítios e análises estilísticas de cerâmicas. Tais dados “prometem aumentar o entendimento dos ricos mosaicos de identidades culturais particulares e pan-amazônicas que floresceram nos dois milênios antes de conquista europeia” (Barreto, op. cit.: 38).

1.9. Continuidade e Mudança: a cronologia das ocupações entre a foz dos rios

Orinoco e Amazonas

Com base numa ampla região compreendida entre a foz do rio Orinoco, passando pelas Guianas, Amapá, Marajó e Costa do Pará pretendemos contribuir para o entendimento da emergência e manutenção ou mudança das características culturais das sociedades ameríndias que habitaram a costa leste da Guayana através das informações arqueológicas disponíveis para esta região.

Apesar de abordarmos contextos acerâmicos, inexoravelmente a base dos dados será a cerâmica. Agregaremos dados sobre padrões de assentamento, estruturas e lítico quando disponíveis, pois tais informações nem sempre estão na literatura. Deve-se ressaltar ainda que a base de dados dos sítios, com exceção do Marajó, Amapá e Guiana Francesa, é derivada basicamente de escavações restritas, que fornecem pouca ou nenhuma informação contextual dos artefatos (e datações associadas) recolhidos.

Para um refinamento da cronologia das ocupações pré-coloniais entre a foz do Orinoco e do Amazonas, o presente estudo compilou um total de 545 datações radiocarbônicas dos sítios localizados na região da Guayana Venezuelana, Guiana Inglesa, Suriname, Guiana Francesa, Amapá e Pará em um único banco de dados. Tais datas estavam amplamente dispersas na bibliografia disponível (Willians, 2003; Boomert, 2000; Versteeg, 2003; Mestre, 1997; Mestre, 2013; Van Den Bel, 2015; Silveira e Schaan, 2005; Rostain, 1994).

Um ponto importante considerado foi evitar um certo “positivismo”, comum em publicações arqueológicas, em que a data bruta obtida em determinada amostra corresponde *ipso facto* ao evento arqueológico que se quer analisar. Duas questões levantadas por Bayliss (2009) tem de ser levadas em conta ao se analisar a distribuição das datações.

Uma delas é a importância fundamental da tafonomia, ou seja, considerar como o material datado foi parar no depósito escavado. Isto porque o que se data não são os depósitos em si, mas sim o material orgânico que está inserido nele. Conseqüentemente, a direta relação entre o material arqueológico e a datação obtida pode não ser usada diretamente a menos que tenhamos certeza que o material orgânico amostrado morreu e foi depositada imediatamente no contexto que estamos escavando.

Outra questão importante é que uma datação radiocarbônica trata-se de um processo probabilístico e, portanto, o valor real do evento datado encontra-se distribuído ao longo de uma dispersão de valores estimados.

Em uma primeira fase para a compreensão cronológica das ocupações, foram examinadas a validade das datações, submetendo-as à uma análise para assegurar que tais datações radiocarbônicas correspondam à contextos arqueológicos. Os seguintes critérios foram estabelecidos, tais como desconsiderar datações derivadas de laboratórios pouco reconhecidos e excluir margens de erro superiores à 100 anos (Jordá Pardo, Rey Castiñeira et al. 2009). Também desconsideramos datações por TL derivadas de cerâmicas do Marajó, realizadas por Meggers e Danon (1983), pelos problemas que tal tipo de método apresenta quando as amostras datadas não são obtidas através de um trabalho de campo desenhado para sua obtenção (Orton e Hugues, 1993: 18).

Em uma segunda fase foram analisadas as datas com o software CalPal (versão novembro de 2013) da Universidade de Colônia (www.calpal.de) (Weninger e Jori, 2008). Foram calibradas as datas consideradas confiáveis, às quais foram analisadas primeiramente em contextos regionais, tais como o 1- Estuário do Pará, 2- Estuário do Amapá, 3- Litoral Atlântico do Amapá, 4- Litoral Ocidental da Guiana Francesa, 5- Suriname e 6- Guiana Inglesa e Estuário do rio Orinoco.

Logo após, as datas foram consideradas em sítios individuais e artefatos e contextos associados, a fim de estabelecer uma cronologia para a ocupação da região sob estudo. Em uma primeira visão geral observamos que existem ocupações densas que se iniciam nas regiões dos estuários dos rios Amazonas e Orinoco ao redor de 7000 anos A.P. Ao longo da costa das Guayanas e mais para o interior observamos também ocupações contemporâneas às dos estuários, mas de forma mais descontínua e menos densa.

Acreditamos que isto se deva não tanto ao fato de uma ocupação mais intensa dos estuários dos dois maiores rios, mas sim à uma maior intensidade de pesquisas em sítios com alta visibilidade arqueológica como são os sambaquis localizados nestas áreas. De fato, os sítios antigos registrados fora das regiões estuarinas não são sambaquis, e foram localizados por trabalhos relacionados a atividades de arqueologia preventiva e em contextos profundamente enterrados, dificilmente detectáveis através de procedimentos normais de prospecção em pesquisas acadêmicas. Disto, a meu ver, decorre a aparente descontinuidade da ocupação mais antiga da área fora dos estuários do Amazonas e Orinoco.

Uma maior densidade de ocupação humana é nitidamente perceptível a partir de 2000 anos A.P., conforme atestado pelo aumento da quantidade de datações radiocarbônicas obtidas. Um pico desta densidade é alcançado a partir do ano 1000 d.C., o que parece coincidir com o florescimento de diferentes culturas regionais e o aumento no número e tamanho dos sítios arqueológicos por praticamente toda a Amazônia (Moraes e Neves, 2012; Moraes, 2013). Tal pico é interpretado como uma ocupação mais intensa da região na pré-história tardia (Mc Ewan et alli, 2001).

2. Distribuição das datações radiocarbônicas em contextos regionais da costa da Guayana.

Tradicionalmente, a definição dos períodos cronológicos da região amazônica é primariamente baseada em níveis de tecnologia e específicas formas de subsistência, inferidos através de tipologias de artefatos e formas de sítios (Willey, 1971). No entanto, posteriormente percebeu-se que não havia uma correlação direta entre tecnologia e subsistência e Rouse (1972) propôs um sistema de desenvolvimento regional que levasse em conta somente a tecnologia, definindo os períodos Lítico, Arcaico, Cerâmico e Histórico.

Apesar das críticas que estão sendo elaboradas por Neves (2016) em relação ao uso indiscriminado dos termos “Arcaico” e “Formativo” (ver acima), utilizamos aqui este esquema já consagrado, adicionando as subdivisões de Período Formativo Inicial e Tardio, e substituição do termo “Histórico” para “Sistema-Mundo, ao invés de “Moderno” conforme Van Den Bel (2015) sugeriu para a Guiana Francesa. A denominação “Sistema-Mundo” parece mais apropriada do que “Histórico” ou “Moderno” pois ambos termos carregam, intrinsicamente, uma visão eurocêntrica para as histórias ameríndias. Já o “Sistema-Mundo”, conforme Wallerstein (1974), pressupõe mais a interação entre diferentes grupos, ou organizações, sem necessariamente uma preponderância de um grupo sobre outro dentro dos desdobramentos históricos decorridos de tais interações. Desta forma dá agência também aos ameríndios nos encontros coloniais entre o velho e novo mundo a partir do século XV.

As datações radiocarbônicas obtidas para a Guayana prove informação suficiente para entender os períodos de ocupação em uma escala de tempo calêndrica, o que possibilitou uma seriação que comparamos com a periodização estabelecida para a Amazônia. Foram marcados limites convencionais entre os diferentes períodos de maneira difusa, estabelecendo transições entre cada uma delas, seguindo o seguinte esquema:

- Lítico: até 7.000 A.P.;
- Arcaico: de 7.000 A.P. à 3.000 A.P.;
- Formativo Inicial: de 3.000 A.P. à 1400 A.P.;
- Formativo Tardio: de 1400 A.P. à 500 A.P.;
- Sistema-Mundo: Após 500 A.P.

A figura abaixo mostra a comparação das datas obtidas para todos os períodos, permitindo visualizar uma continuidade bastante perceptível das ocupações ameríndias desde 7000 anos A.P. até o período da conquista europeia.

3. Periodização da costa da Guayana a partir das datações disponíveis.

1.10. Organização da Tese

Para atingir os objetivos propostos nesta tese, o texto está organizado da seguinte maneira:

O primeiro capítulo procura um esboço sintético das informações até agora obtidas pelas pesquisas arqueológicas na relacionadas ao período arcaico.

É a partir do início da era cristã que ocupações relacionadas às cerâmicas Saladóide, Barrancóide e Hachurada-zonada são documentadas na área sob estudo. São os dados derivados de trabalhos arqueológicos em sítios relacionados à estas ocupações que o segundo capítulo apresenta. Um complexo já descrito por Rostain (1994),

denominado “*Ouanary Encoché*” caracteriza o início da longa sequência de ocupação da região pela denominada Fase Aristé (Meggers e Evans, 1957).

A partir do ano 1400 A.P. a região cristaliza uma série de entidades arqueológicas, caracterizando uma das áreas mais diversas da Amazônia. Pelo menos onze complexos diferentes, que são total ou parcialmente contemporâneos, foram identificados, todos definidos através de cerâmicas altamente decoradas, tomadas como “fósseis-guia” para identificação destas culturas arqueológicas. Esta alta diversidade cultural na região a partir do ano 1400 AP, onde diferentes estilos convergiram e interagiram, nos faz sugerir pensar a área como uma arena altamente contestada, onde diferenças em estilos cerâmicos e centros cerimoniais podem ter sido utilizados para marcar fronteiras sócio-políticas. É neste contexto que surgem a monumentalidade na região, aliada a cerâmicas policrômicas, tema tratado pelo terceiro capítulo.

O capítulo quarto se ocupa dos encontros coloniais dos grupos indígenas que habitavam a costa da Guayana Oriental com as diferentes nações europeias que procuraram, através de diferentes agendas, obter proveito das riquezas da região. Através de dados arqueológicos, etno-históricos e etnográficos, será visto que estes encontros coloniais moldaram a estrutura das formações indígenas, dando origem a novas configurações sócio-políticas que emergiram na região a partir do século XVII.

O capítulo quinto, com enfoque mais interpretativo e mesclando as informações levantadas nos capítulos anteriores com as abordagens teóricas delineadas nesta introdução, busca mostrar como uma percepção de longa duração dos lugares e os objetos que se fazem presentes nesta ampla paisagem arqueológica da Guayana Oriental, apesar de constituídos desde mais de seis milênios, podem ser entendidos através de uma abordagem relacional. Este exercício busca apontar para o potencial

interpretativo que uma arqueologia de longa duração tem para a compreensão da Amazônia antiga.

Por fim, a conclusão.

2. O Holoceno Inicial e Médio – o “Arcaico” da Guayana

Virtualmente nenhuma presença de ocupação humana na Guayana foi detectada antes da transição do Pleistoceno para o Holoceno, ou seja, cerca de 12.000 anos A.P. Embora dados paleo-ambientais sejam escassos para a região, alguns estudos permitem alguma aproximação das mudanças ocorridas no litoral e interior da Guayana (Plew, 2009; Williams, 2003). Durante o Pleistoceno, a presença dos glaciais fizeram com que a costa litorânea se estendesse a mais de 100 km da sua atual posição. Já para o interior, diversos episódios secos e úmidos intercalados tiveram uma influência significativa na distribuição das zonas de florestas e savanas. Entre 26000 e 14000 A.P. condições frias e secas prevaleceram na região, aumentando significativamente as áreas de savanas. Já entre 14000 e 10000 anos A.P. o clima tornou-se mais quente e associado com aumento das chuvas e, conseqüentemente, das florestas sobre as savanas.

Neste último período surgem as primeiras evidências de ocupação humana na região, relacionado a um contexto denominado “paleo-indígena”. Tal padrão, apesar das poucas evidências já registradas, refletiriam uma estratégia similar a dos caçadores de megafauna associados à cultura Clovis (Boomert, 1980; Williams, 2003). Tal padrão foi deduzido a partir de pontas de flecha lascadas, associadas a uma suposição de que as savanas do interior da Guayana (Rupununi, Sipaliwini) são vestígios de uma savana pleistocênica maior, que se estenderia pela periferia norte da Amazônia durante o máximo glacial, e por onde seria um dos corredores de colonização para o Brasil (Dias e Bueno, 2013).

No entanto, nem a tecnologia e nem restos faunísticos comprovam tal associação ao padrão de caça de megafauna. De fato, os vestígios que temos disponíveis para este

período inicial da colonização da Guayana são pontas de flecha bifacialmente lascadas encontradas isoladas por garimpeiros em fundos de rio da Guiana (Evans e Meggers, 1960; Willians, 2003) ou associadas a workshops superficiais na savana de Sipaliwini, na fronteira do Suriname com o Brasil (Boomert, 1980).

A ocupação efetiva da região se deu a partir de 7000 anos A.P., sendo caracterizada pela presença em sítios arqueológicos de vários tipos de instrumentos de pedra utilizados para moer, associados à grupos forrageiros. De acordo com Piperno e Pearsall (1998) tais instrumentos líticos estariam ligados ao processamento de plantas nos sítios do Holoceno antigo e médio dos trópicos úmidos.

De fato, as ocupações arcaicas na Amazônia parecem estar relacionadas com uma série de mudanças comportamentais induzidas por incidentes climáticos que transformaram diferentes ecossistemas.

No caso do litoral da Guayana, mais especificamente, o Holoceno médio, ocasião do aparecimento destas primeiras ocupações, está relacionado com três estágios principais (Williams, 2003: 55): um primeiro, entre 7200 e 6000 A.P., está relacionado com um aumento do nível do mar, que chega até a área de emergência das rochas do escudo das Guianas. Ocorrem as primeiras explorações humanas da epifauna dos mangues, além de uma abundância de mariscos em um ambiente hipersalino. Segue, entre 6000 e 4000 A.P., com o fim do aumento do nível do mar, que fica estabilizado. Uma epifauna adaptada à águas salobras estão associadas com os manguezais neste período. Entre 4000 e 3550 A.P. um episódio árido é documentado, com duas incursões marinhas evidenciadas nos canais costeiros. Moluscos marinhos dominam os manguezais. Entre 3550 e 2030 A.P. a salinidade dos ambientes costeiros cai de tal modo que afeta a sobrevivência de espécies de mariscos, levando à desestabilização dos

sambaquis costeiros. Sambaquis localizados no estuário do Amazonas subsistem, como será visto posteriormente.

No caso das regiões mais interioranas, Tardy (Vacher, Jeremie et al. 1998) destaca, através do levantamento de trabalhos palinológicos, sedimentológicos, geomorfológicos e de evidências de paleo-incêndios, que existiu, entre 6000 e 4000 anos A.P., um recuo florestal e um rebaixamento dos níveis de lagos e rios, indicando uma fase seca.

4. Mapa da Guayana, mostrando os sítios arqueológicos do período arcaico mencionados no texto.

Tais eventos paleoclimáticos ocorridos na Guayana, segundo Tardy, fizeram com que possíveis populações anteriores às ocupações arcaicas, caracterizadas por grupos caçadores coletores, presenciassem a destruição dos seus recursos alimentares florestais por incêndios naturais documentados para o período do Holoceno médio. A

desaparição destes ecossistemas florestais poderia ter forçado as populações a desenvolver outras técnicas de subsistência.

Estes sítios estão localizados em uma diversidade de ambientes, tanto próximos do litoral, quanto no interior, mostrando o uso de diferentes paisagens na região. São sítios a céu aberto e sambaquis.

2.1. Sambaquis

Os sambaquis ocupados por grupos relacionados a ocupações arcaicas são conhecidos já há bastante tempo, devido à sua visibilidade arqueológica. Tais sítios estão localizados à leste da foz do rio Orinoco (região costeira da Guiana Inglesa), no estuário do rio Amazonas e na costa atlântica do Pará e Maranhão (Williams, 2003; Roosevelt, 1995; Schaan e Silveira, 2010; Simões, 1981; Silveira et al. 2016; Bandeira, 2016; Evans e Meggers, 1960).

Na Guiana os sambaquis foram nomeados pela cultura arqueológica que foi a eles designada, denominada fase Alaka (Evans e Meggers, 1960). Estes sítios estão localizados tipicamente junto à manguezais, em locais não alagáveis nos períodos de cheias ou marés altas. Não são grandes sambaquis, variando desde pequenos montes com 12 metros de diâmetro, até concentrações de conchas com 30 metros de diâmetros. Suas composições são de caracóis, mexilhões, ostras, moluscos, misturadas com fragmentos de carapaça de caranguejos, ossos de mamíferos, pássaros e peixes (Evans e Meggers, 1960: 63).

5. Imagens do sambaqui Sikiri, pesquisa de Mark Plew.

De acordo com as datações obtidas em diversos sambaquis, estes podem representar ocupações, embora possivelmente descontínuas, entre 2000 e 3000 anos. Durante este período de ocupação, as camadas exibem alternância de espécies de moluscos, dependendo do ambiente em cada período, se mais salino ou mais salobro (Williams, 1998).

Um dos sambaquis melhor conhecidos é Barabina, graças às escavações intensivas realizadas por Denis Williams (Williams, 1981). Os perfis e escavações realizadas neste sítio entre 1979 e 1982 indicam que Barabina é um típico sambaqui, consistindo em múltiplos estratos contendo conchas e sedimentos de variadas profundidades. As escavações revelaram pelo menos três ocupações de cronologias distintas.

6. Croqui das pesquisas de Williams no sambaqui de Barabina (Williams, 1981).

A ocupação mais antiga, denominada “zona IV” consiste em um acúmulo de concha medindo 12x20x0.3m, tendo seu período inicial de ocupação datado entre 7926 a 7585 A.P. (cal. 95%). O refugio desta ocupação inicial está depositado diretamente sobre a laterita, correspondendo à acumulação de conchas das espécies *Strombus pugilis*, *Lucina pectinatus*, *Modiolus americanus* e *Puperita pupa*. Tais moluscos encontrados indicam período de hipersalinidade na área de captação destes recursos. Foram encontrados três sepultamentos primários e cinco secundários. Os primários estavam altamente flexionados, sem uma orientação consistente. Todos foram recuperados no substrato laterítico da base do sítio, em área de grande concentração de buracos de poste, sugerindo enterro no piso das habitações. Os sepultamentos secundários incluem um arranjo de ossos longos, que parecem ter sido amarrados juntos, de indivíduo grácil. Um indivíduo infantil, cuja vertebra cervical ainda estava articulada, sugere decomposição incompleta do corpo antes da deposição funerária. Também foi localizado o sepultamento do crânio de um indivíduo com fechamento das

suturas cranianas completo, e cuja arcada dental exhibe marcas consistentes associadas com uso artesanal dos incisivos médios. O consumo de carboidratos é reconhecível através de incidências de placas, cáries e doenças periodontais nos indivíduos encontrados. Williams associa este carboidrato com o consumo de farinha do tronco de Buriti.

Os artefatos líticos associados são poucos e bastante rudimentares. Há, no entanto, numerosas ocorrências de termóforas de laterita e quartzo, possivelmente associadas à fogueiras e utilizadas para o processamento de alimentos.

Após um breve período de abandono, marcado pela areia estéril depositada por um episódio de transgressão marinha, o sambaqui de Barabina é reocupado (zona II), com datas iniciais a partir de 6926-6675 A.P. e abandono em 4825-4450 A.P.

Ao todo, 18 sepultamentos humanos estão associados à esta nova ocupação do Sambaqui, distribuídos por todos os níveis, mas com maior concentração entre 60-80 cm de profundidade, nenhum possuindo acompanhamento funerário visível. Nesta reocupação os sepultamentos estão consistentemente com a cabeça direcionada a oeste e a cremação é introduzida. A orientação da maioria dos sepultamentos oscila entre os solstícios, com as deposições sendo realizadas nas estações secas de fevereiro a maio e outubro, períodos em que o azimute do por do sol na região fica entre 270° e 300° . Nenhum sepultamento encontra-se orientado nos ângulos de azimute correspondentes aos meses chuvosos, ou seja, junho a setembro e novembro a janeiro. Isto foi interpretado como associado à migração dos peixes neste período úmido, que sobem os rios para além do alcance das marés. A ausência de sepultamentos sugere que os habitantes dos sambaquis acompanhariam a migração dos peixes.

7. Sepultamentos em Barabina. A: esqueleto sem o crânio; B: Arranjo de ossos humanos associado à fossa contendo conchas; C: sepultamento duplo associado a fossas (modificado de Williams, 1981 e 2003).

Além dos sepultamentos, outras estruturas estão presentes no sambaqui de Barabina, indicando uma diversidade de atividades. Foram encontradas concentrações de carvão, cinzas e *neritascalcinadas*. Interpretadas como fogueiras por Williams (1981), tais estruturas variam em tamanho e parecem representar uma gama de atividades ligadas ao cozimento e processamento de alimentos.

Foram encontradas diversas estruturas tipo fossas, medindo 40-50 cm de profundidade por 30-40 cm de diâmetro máximo, todas preenchidas com rochas e conchas. Tais “lixesiras”, como foram interpretadas por Williams (1981), parecem representar atividades de deposição de restos alimentares de refeições comunitárias. Estas refeições, pelos cálculos derivados da contagem de indivíduos de moluscos encontrados no interior das estruturas, poderiam representar entre 3,59kg e 8,1kg de

proteína animal. Buracos de poste também foram encontrados, indicando a construção de habitações junto à área de acumulação de conchas. Os buracos de poste são bastante semelhantes em seu formato cilíndrico às fossas, tendo sido delas distinguido pelo seu tamanho menor e ausência do preenchimento de rochas e conchas.

Instrumentos líticos são abundantes em todos níveis, em sua maioria confeccionados em xisto e quartzo, com técnicas de percussão unipolar e bipolar. Artefatos típicos são instrumentos sobre núcleo e lasca. Restos de debitage bipolar de quartzo são abundantes. Foram encontrados dois instrumentos polidos no estrato IId. Um seixo foi identificado com restos de *Bixa Orellana*, possivelmente utilizado como pilão para confecção de tintura.

Na composição do monte de concha foi diagnosticada a *nerita* como formando a maior parte do depósito. No entanto, misturado na composição do sambaqui também foram localizados restos de caranguejo, ostras e mexilhões. Estes dois últimos ocorrem abundantemente nos níveis inferiores, diminuindo em volume nos níveis superiores. Restos de peixe encontrados foram de Gurijuba e Arraia. Outros vestígios ósseos encontrados foram de pecari, cutia, jacaré, tartaruga e aves grandes. Também foram encontrados dentes de jaguar, que podem ser adornos, além de anzóis feitos de grandes ossos de peixe.

O sambaqui de Barabina, apesar de ser o mais bem conhecido graças às amplas escavações realizadas, não se encontra isolado, sendo representante de um fenômeno que se espalha localmente na costa noroeste da Guiana. Ao todo, 28 sítios deste tipo foram até agora reportados (Williams, 2003; Evans e Meggers, 1960), mas poucos foram sujeitos à investigações. Os dados disponíveis indicam que, apesar da grande quantidade, os sambaquis não são todos contemporâneos nesta região. De fato, alguns sítios parecem estar já abandonados quando novos sambaquis começam a se formar. A

sucessão dos sambaquis no tempo e espaço parecem acompanhar os movimentos de subida e descida do nível do mar do Holoceno inicial e médio, que alteram a oferta de bancos de recursos marinhos.

No período entre 5887-5467 a 2858-2736 A.P. (cal. 95,4%) uma nova tecnologia entra em cena na vida dos construtores dos sambaquis, a manufatura de vasilhas cerâmicas. Comumente interpretada como uma inovação derivada da introdução da agricultura, que é acompanhada de um “pacote neolitizante”, a cerâmica quase nunca iniciou a ser produzida concomitantemente à produção efetiva de alimentos (Rice, 1999; ver Neves, 2016 para o caso das cerâmicas mais antigas da Amazônia).

Desta forma a cerâmica começou a ser produzida nos sambaquis da Guiana como mais um elemento na cultura material já tradicional há milênios, sem ruptura aparente nos modos de vida destes grupos. O consumo de recursos aquáticos e os instrumentos líticos não se alteram com a tecnologia de fabricação de containers de argila queimada. No entanto, como bem colocado por Thomas (1999: 97) a adoção da cerâmica possui consequências importantes para os grupos que a fabricam: um novo engajamento com a paisagem, com uma diferente percepção de sua natureza e das propriedades materiais nela disponível para fabricação destes containers.

O sambaqui com cerâmica melhor conhecido é denominado Hosororo Creek. Este sítio foi registrado e escavado inicialmente por Evans em Meggers (1960) através de um poço-teste que forneceu as primeiras informações sobre seu conteúdo. Mais tarde, Williams escavou o sambaqui através de uma série de trincheiras e cortes estratigráficos (Williams, 2003).

Trata-se de um sítio localizado junto à uma cachoeira do igarapé Hosororo, no limite do alcance das marés. O acúmulo de conchas media 47x35m, sendo impossível

estimar sua altura original devido à perturbações recentes. A base do sítio foi datada entre 5887-5467 A.P., enquanto seu abandono teria se dado entre 2858-2736 A.P.

A estratigrafia revelou a predominância de ostra do mangue, com cerca de 63-70% do conteúdo de refugou nos níveis escavados. Outros restos de alimentação identificados foram carapaças de caranguejo, ossos de peixes estuarinos, tartarugas, antas, jacarés e pássaros não identificados. Tais restos alimentícios dão uma indicação do ambiente no entorno do sambaqui na época, uma região écotone entre estuários salobros, floresta tropical e manguezais.

O depósito cultural registrado nos cortes possui um pouco menos de 75 cm de espessura. Os artefatos líticos pouco se diferenciam daqueles encontrados nos sambaquis acerâmicos, sendo representados por instrumentos sobre núcleo, instrumentos sobre lasca, instrumentos brutos utilizados para abrasão, instrumentos polidos e restos de debitagem. Também foram encontradas termóforas em abundância em todos níveis escavados (Evans e Meggers, 1960: 358), o que indica que formas anteriores de processamento de alimentos através do uso de rochas aquecidas subsistiu apesar da introdução da cerâmica.

O sambaqui possui fragmentos cerâmicos por toda sua estratigrafia. Os cacos que ocorrem principalmente na porção inferior da estratigrafia são muito simples, lisos e temperados primordialmente com areia e concha (mas também com argila, carvão e caraipé).

O antiplástico de concha, apesar de ser amplamente difundido, principalmente nas cerâmicas iniciais em todo mundo (Rice, 1999), apresenta dificuldades na sua performance tecno-funcional. Mesmo havendo evidências de uma melhor resistência ao choque térmico e mecânico do antiplástico de concha frente ao mineral (Bronitsky e Hamer 1986, Feathers 1989), o carbonato de cálcio presente na concha, quando

aquecido, muda sua composição química para uma forma mais instável conhecida como óxido de cálcio. O óxido de cálcio absorve a umidade, formando o hidróxido de cálcio que aumenta em volume (Feathers 1989:580), ocasionando rachaduras e espocamento das paredes dos vasilhames. Por causa destas dificuldades no uso de concha como tempero as cerâmicas mais antigas eram ineficientes em termos funcionais, porosas e com tendência a derreter na lavagem.

Devido à fraca performance da concha como tempero, houve contínua experimentação com argilas e temperos alternativos, com o desenvolvimento da pasta *Sand Creek Plain* (Evans e Meggers, 1960), na qual os ceramistas adicionaram areia com quartzo como tempero. Dado os constrangimentos impostos por pastas grosseiras, as formas dos vasilhames são extremamente simples, principalmente tigelas esféricas abertas ou restringidas (Evans e Meggers, 1960).

Devido à descarga de sedimentos derivada do rio Amazonas, que não permite a procriação em abundância de moluscos, os sambaquis estão principalmente concentrados na costa oeste da Guayana. Existe, no entanto, um sambaqui no Amapá, dentro da Terra Indígena Uaçá (Green, Green e Neves, 2003), além de vários outros no estuário e no Baixo rio Amazonas (Silveira and Schaan 2005).

Na região compreendida entre a foz do Amazonas e a Ilha do Maranhão 43 sambaquis litorâneos e 3 sambaquis fluviais foram encontrados através de um projeto arqueológico desenvolvido pelo Museu Emílio Goeldi (Simões 1981), dando origem à denominada Tradição Mina.

Dois sambaquis foram objeto de investigações mais detalhadas por Simões (1981). Um deles, denominado Porto da Mina, está junto ao igarapé Mina, instalado sobre uma formação areno-argilosa e margeado por um manguezal alagadiço durante as

marés altas. O refugio de conchas, apesar de bastante perturbado, media 40x30 metros de diâmetro e 4 metros de altura em relação ao terreno circundante.

A estratigrafia era formada por camadas horizontais de conchas, misturadas com ossos de animais, crustáceos, cerâmicas e nódulos de laterita. A espécie de concha predominante eram a *Anomalocardia brasiliana* seguida por várias outras espécies, em menor quantidade. Na base do corte realizado neste sambaqui foi encontrado um sepultamento humano primário fletido. As datações realizadas permitiram situar a ocupação do sambaqui entre 5994-5604 A.P. e 5287-5144 A.P. (cal. 94,5%).

8. Imagens das escavações realizadas por Simões nos sambaquis do Pará. Fonte: Oliveira e Silveira, 2016:

O sambaqui Ponta das Pedras está localizado junto à margem atual do litoral, inserido em um ambiente de manguezal alagável durante as marés altas. O sítio media 145x70 metros de diâmetro na sua base e uma altura de 9 metros em relação à superfície do mangue. A estratigrafia era bastante semelhante ao sítio Porto da Mina, cujo predomínio era de *Anomalocardia brasiliiana*, além de outras espécies em menor quantidade. Neste sambaqui o corte evidenciou dois sepultamentos humanos primários. As datações realizadas permitiram perceber uma ocupação entre 5446-5326 A.P. (95,4%) e 4729-4499 A.P. (67,1%).

A cerâmica encontrada nos sambaquis do estuário do Pará é abundante, basicamente temperada com concha (pasta Mina Simples) e areia (Tijuco Simples), com formas simples, como tigelas globulares abertas ou restringidas. Alguns fragmentos apresentaram tratamentos de superfície como engobo vermelho, escovado, roletado e incisões. O lítico encontrado é bastante escasso, consistindo em lâminas de machado polidas, artefatos brutos utilizados para moer, percutores, talhadores, bigornas e restos de debitage.

Os sepultamentos encontrados nas escavações estão fletidos e orientados no sentido leste-oeste. Apresentam desgaste dentário, com cúspides aplainadas. Poucos acompanhamentos foram evidenciados acompanhando os sepultamentos, consistindo em camadas de conchas de *Anomalocardia brasiliiana* e *Mytella sp.*, lâminas de machado e um osso com modificações para representar um possível falo.

Comparativamente aos dados derivados das escavações amplas realizadas por Williams (1981; 2003) nos sambaquis da Guiana Inglesa, os sítios do estuário do Pará fornecem muito poucas informações contextuais, com as pesquisas restritas aos poços-teste destinados à verificação da estratigrafia do sítio, conteúdo material e tentativas de estabelecimento de sequências seriadas da cerâmica.

2.2. Outros sítios a céu aberto

Sítios a céu aberto relacionados ao período arcaico foram encontrados graças a trabalhos de arqueologia preventiva utilizando maquinário na abertura de grandes superfícies (Mestre e Delpuech, 2008; Van Den Bel, 2015; Saldanha e Cabral, 2010). Tais sítios sempre estão enterrados abaixo de 50 cm da superfície atual, o que explica a falta de registro deste tipo de sítio, com baixa visibilidade arqueológica, através métodos de pesquisa de campo tradicionais (poços-teste, pequenas escavações, etc.).

Em áreas de areias brancas, um substrato cristalino, correspondente à um horizonte A2 de um Podzol, dois sítios arqueológicos forneceram importantes informações sobre as ocupações arcaicas, *Plateau des Mines* e *Eva 2*.

O sítio *Plateau des Mines* (Mestre and Delpech 2008) possui grande extensão, estimada em 2400 m², localizado em um amplo platô arenoso, coberto por floresta tropical. A camada arqueológica se localizava entre 80 e 110 cm abaixo da superfície atual do solo, contendo estruturas de concentração de rochas e artefatos líticos, principalmente em quartzo.

As estruturas encontradas durante as escavações são formadas por concentrações de rochas (principalmente quartzo) com alterações térmicas, possuindo formatos circulares, trapezoidais e irregulares. Tais estruturas poderiam ser interpretadas como ligadas à atividades culinárias, com o processamento de alimentos através do uso de rochas aquecidas (Mestre e Delpuech, 2005: 90-92). Também foi observada uma associação entre as concentrações de rochas e artefatos líticos, indicando que as atividades cotidianas, como lascamento e processamento de materiais envolvendo instrumentos em pedra, ocorriam no entorno destas estruturas.

9. Croqui do sítio Plateau des Mines, mostrando as áreas escavadas (em amarelo) e a localização das datações realizadas. A partir de Mestre & Delpuech (2005: 75).

Na zona escavada foram delimitadas tres diferentes concentrações espaciais. Uma primeira, localizada a nordeste da decapagem, apresenta grande densidade de

concentrações de rochas (21), agrupando estruturas circulares, circulares duplas, trapezoidais, irregulares e amontoadas. A segunda área, situada ao sul da decapagem, compreende 10 concentrações, possuindo formatos irregulares, circulares e oblongas. Por fim, uma terceira área situa-se à oeste, onde há uma ausência absoluta de estruturas. Tal dispersão espacial pode indicar diferentes áreas de atividade na área escavada.

10. Sítio Plateau des Mines: acima, distribuição espacial das estruturas na área escavada. Abaixo, foto de algumas estruturas e material lítico associado no entorno (modificado de Mestre e Delpuech, 2005).

Os artefatos presentes no sítio indicam que há uma predominância de atividades de debitage, dado o número bem inferior de instrumentos em comparação às lascas, detritos e núcleos. Os instrumentos sobre lasca são de dimensões bem reduzidas,

possuindo um tamanho máximo de 5cm, o que sugere seu uso com encabamento. Também foram encontrados instrumentos sobre núcleo, bigornas e um machado polido.

Um número expressivo de elementos de debitage são de pequenas dimensões, variando entre 2 e 4 cm, mostrando que o lascamento era orientado para a produção de pequenos instrumentos. Isto parece indicar que a debitage era destinada a fornecer pequenas peças afiadas, possivelmente para compor instrumentos compostos, como raladores para mandioca, milho, etc.

O sítio possui duas concentrações de datas, uma mais antiga, situada entre 7179-7000 anos A.P. (cal 91,4%), e outra mais recente, entre 4821-4569 anos A.P., o que indica dois períodos distintos de ocupação, mas que mantêm as mesmas características na indústria lítica e estruturas.

11. Artefatos líticos do sítio Plateau des Mines: a- instrumentos sobre lasca; b- instrumentos sobre núcleo; c- bigorna; d- instrumento polido (lâmina de machado); adaptado de Mestre e Delpuech, 2005.

O sítio *Eva 2* (Van Den Bel, 2015) é bastante semelhante ao *Plateau des Mines*, com uma camada arqueológica localizada entre 60 e 80 cm abaixo da superfície atual do solo. Também é um sítio de tamanho expressivo, chegando a meio hectare de área.

Foram localizadas 210 concentrações de blocos de quartzo, com diversas características comuns ao sítio *Plateau des Mines*, tais como seus formatos, bem como as evidências de aquecimento das rochas que conformam estas estruturas, que são interpretadas como fogueiras instaladas em fossas pouco profundas (Van de Bel 2003: 76). Também no entorno destas estruturas é que se desenvolviam as atividades cotidianas, evidenciadas através dos artefatos líticos, além da presença de uma cerâmica incipiente.

12. Sítio Eva 2: à esquerda, distribuição espacial das estruturas na área escavada. À direita, estruturas de concentração de quartzo. Adaptado de Van Den Bel, 2003.

De acordo com Van den Bel (2003: 115), estas estruturas organizam-se em tres áreas de atividades ligadas ao processamento e cozimento de alimentos, apresentando alinhamentos de fogueiras que provavelmente funcionariam simultaneamente.

Através da análise espacial dos artefatos e estruturas foi possível definir áreas de atividades. Percebeu-se que os instrumentos líticos encontravam-se fora da área de ocorrência das estruturas de fornos. Também foram localizadas zonas específicas de debitage, evidenciadas pela ocorrência de grande quantidade de lascas e estilhas junto à núcleos e percutores (Van Den Bel, 2015).

A indústria lítica é, basicamente, bastante semelhante à recuperada no sítio Plateau des Mines, contendo instrumentos sobre lasca pequenos (menor que 5cm), instrumentos sobre núcleo, bigornas e percutores. Há uma maior diversidade de instrumentos com polimento passivo (utilizados possivelmente para processamento de vegetais), além de diversos machados polidos. A debitage também esta direcionada à produção de pequenas lascas, talvez utilizadas para composição de raspadores de mandioca, milho, etc.

Além do material lítico e estruturas, o sítio Eva 2 também apresentou uma cerâmica incipiente, temperada com mineral e formas simples e abertas de pequenas dimensões, possivelmente ligadas ao consumo, e não ao processamento, de alimentos (Van Den Bel, 2015). Análises de grão de amido forneceram evidências da presença de plantas comestíveis como Milho, Batata Doce, Pimenta, Araruta e Feijão-de-Porco (Pagan-Jimenez et. Al., 2015).

13. Sítio Eva 2: artefatos líticos. a: instrumentos sobre lasca; b: manos; c: metate; d: lâminas de machado polidas; e- seixos com marcas de uso; f: ocre com evidências de raspagem. Adaptado de Van Den Bel, 2003.

Eva 2 teve cinco amostras de carvão datadas radiocarbonicamente, evidenciando ser parcialmente contemporâneo ao sítio Plateau des Mines. As amostras retornaram resultados entre 5950-5885 anos A.P. (cal. 74,1%) e 3270-3156 anos A.P. (cal. 74%). De acordo com Van den Bel (2003), o amplo período de tempo das datações, aliado à grande quantidade de lítico e estruturas sugerem um grande período de ocupação ou reocupações frequentes no local.

14. Sítio Eva 2: morfologia das bordas encontradas. Adaptado de Van Den Bel, 2003.

Mais para o interior da região, nas áreas serranas, alguns sítios datados dentre 7179-7000 e 3364-3209 anos A.P. (cal. 91,4%) também foram encontrados.

O sítio MMX11 quando identificado durante prospecção em uma serra próxima ao rio Amapari, e foi inicialmente considerado como um sítio arqueológico cerâmico a céu aberto, de dimensões médias (Saldanha e Cabral, 2007: 15), sendo que estava situado em uma área de platô com relevo plano.

A escavação foi feita com uso de decapagem mecânica e manual. Na decapagem mecânica foram abertas oito trincheiras com o objetivo de delimitar a concentração de material no sítio, assim como a abertura de áreas amplas para identificar, no solo, anomalias estratigráficas. A partir destas escavações foi evidenciada, entre 50 e 80 cm abaixo do nível atual do solo, uma camada contendo diversos artefatos líticos evidenciando uma ocupação antiga acerâmica, cuja densidade estava delimitada em uma área de um pouco mais de 10 m². Com a finalidade de entender melhor esta área

do sítio, foram escavados manualmente quadrículas de 2x2 metros com níveis artificiais de 10 cm e abertas trincheiras com uso de pá mecânica, permitindo identificar a área de maior densidade de cerâmica (Cabral e Saldanha, 2007, p.16-17).

15. Sítio Arqueológico MMX 11. Decapagem manual da quadra L20 no componente lítico do sítio. À direita, a finalização das escavações, já alcançada a camada estéril associada com blocos de afloramento.

A escavação não revelou estruturas associadas com a camada acerâmica, sendo somente constatada concentrações de artefatos líticos. A datação obtida permitiu situar a ocupação deste sítio no período entre 7028-6796 anos A.P. (cal. 88,4%).

16. Estratigrafia do sítio MMX11, mostrando a profundidade da camada arqueológica associada ao período arcaico (camada 3).

A indústria lítica do sítio, predominantemente formada por lascas e núcleos, mostrou que a principal técnica empregada na manufatura das peças líticas foram o lascamento unipolar por percussão dura, através da debitage de blocos de quartzo.

Também foi evidenciada a *façonnage* de suportes de lascas para produção de instrumentos.

17. Sítio MMX 11: indústria lítica presente. a: artefatos sobre lasca; b: mano; c: núcleo unipolar multidirecional (desenhos de Kleber Oliveira).

Os instrumentos sobre lasca possuem tamanhos que variam entre 1,5 cm a 4,6 cm de comprimento. Possuem formas elípticas, retangulares, irregulares e trapezoidais. Quanto aos gumes, alguns apresentam pequenos retoques marginais

(unifacial ou bifacial), alguns contendo marcas de uso. Os tamanhos pequenos dos instrumentos sobre lasca, aliados ao fato de que a debitagem esta direcionada à produção de pequenas lascas, indicam seu uso na composição de utensílios compostos, como raspadores de vegetais.

O polimento aparece em pequenas plaquetas de itabirito. A morfologia destas peças sugere o seu uso como artefatos passivos, possivelmente relacionado ao processamento de vegetais. Também foram encontrados percutores e manos, cujo suporte foi a partir de seixos de rio ou blocos de quartzo(Souza e Barreto, 2009; Oliveira, 2010).

Em dois sítios no platô alto das serras junto ao rio Jari dois sítios relacionados ao período arcaico foram encontrados. Ambos sítios são bastante semelhantes em sua estratigrafia, e composição.No contato entre uma primeira camada, de terra preta relacionada ao período cerâmico tardio, com a segunda camada, a uma profundidade média de 50 cm, foram localizadas, distribuídas em uma área de 3x3 metros, estruturas formadas por conjuntos de pedras, associadas a artefatos líticos lascados e, em um caso, a um conjunto de cerâmica bastante simples. Tais concentrações de rocha são bastante semelhantes aos contextos arcaicos da Guiana Francesa já citados acima (Mestre e Delpuech, 2005; Van Den Bel, 2003). As datas obtidas para estes sítios permitiram situar sua ocupação entre 4857-4649 e 3364-3185 anos A.P. (cal. 94,5%).

18. Estruturas de concentração de rochas dos sítios do Jari. Na foto acima, à esquerda, cerâmicas associadas à concentração de rochas.

Os artefatos líticos são caracterizados pela indústria de seixos de quartzo, os quais foram manufaturados majoritariamente pela técnica da percussão sobre bigorna, mas também foram encontrados seixos lascados bifacialmente pela técnica unipolar. Foi verificado que a maior parte das peças analisadas na coleção se apresentam na forma de detrito, ou seja, são peças sem estigmas que o caracterizem como lascas ou núcleos, porém são percebidas como peças provenientes da atividade de lascamento. As lascas bipolares e os nucleiformes são majoritários, havendo, ainda em menor quantidade, evidências de lascamento unipolar e artefatos lascados.

A distribuição espacial das peças permitiu perceber que as atividades envolvendo a manufatura e uso de artefatos líticos, bem como a cerâmica, desenvolveram-se no entorno das estruturas.

19. Ilustração da remontagem de um seixo lascado coletado no sítio Laranjal do Jarí II, permitindo reconstituir a sequência de lascamento do núcleo para obtenção de lascas, uma delas transformada por façonagem em um instrumento sobre lasca (Imagem e desenho Kleber de Oliveira).

20. Seixo lascado bifacialmente do sítio Laranjal do Jarí I (desenho de Bruno Barreto).

As cerâmicas são temperadas com fibra vegetal e, em sua maioria, apresentam superfícies lisas. A temperatura de queima é bastante baixa, como evidenciado por uma pasta bastante fraca, desmanchando facilmente na lavagem. Alguns fragmentos apresentaram incisões e excisões zonadas nas bordas.

21. Cerâmica com incisões e excisões do sítio Laranjal do Jarí 1.

Nas áreas de margens de rios também foram encontrados sítios relacionadas com ocupações arcaicas, com datações entre 5305-5050 e 3398-3225 anos A.P. (cal. 94,5%). No sítio *Chemin Saint Louis* (Van Den Bel, 2015), localizado em um terraço às margens do rio Maroni, fronteira da Guiana Francesa com o Suriname, as evidências desta ocupação estão associadas com fossas retangulares e circulares contendo cerâmicas globulares temperadas com quartzo moído.

Foram identificadas duas unidades espaciais, medindo 100 m² cada, cada uma estando marcada, em sua área central, por uma estrutura de fossa preenchida com carvão, cercada por outras estruturas tipo fossa mais simples e fossas com deposições de cerâmicas inteiras. Tais fossas contendo cerâmicas levou o autor a associar estas estruturas com sepultamentos, cujo esqueleto não teria resistido à acidez do solo. Van Den Bel (2015) interpretou as duas unidades como áreas de atividades.

22. Sítio Chemin Saint Louis: Estruturas de fossa preenchida com carvão. Adaptado de Van Den Bel, 2015.

O número mínimo de vasilhames encontrados associados à estas áreas contabilizam 12 cerâmicas, sendo formados por 7 bases, 8 bordas e e vasos completos. A cerâmica é caracterizada pelo uso de quartzo moído como tempero predominante, com duas ocorrências de uso de fibra vegetal. A morfologia das vasilhas é bastante simples, consistindo de vasos esféricos e ligeiramente restringidos. A morfologia, marcas de uso e furos de suspensão levaram o autor a supor que os vasos foram

utilizados em atividades de processamento de alimentos. A indústria lítica neste contexto não é abundante, sendo pouco característica.

23. Sítio Chemin Saint Louis: Fossas contendo cerâmicas completas. Adaptado de Van Den Bel, 2015.

Análises de fitólitos associados à cerâmicas encontradas nestas estruturas permitiram identificar a presença de plantas comestíveis como mandioca, chirimoya, graviola, fruta-do-conde e araruta (Pagan-Jimenez, 2012).

24. Sítio Chemin Saint Louis: morfologia das cerâmicas encontradas associadas ao contexto arcaico.

Adaptado de Van Den Bel, 2012.

Nas margens do rio Araguari, junto a uma área encachoeirada denominada “Caldeirão”, diversos sítios associados ao arcaico foram encontrados. Eles estão localizados em áreas bastante baixas ou ilhotas, caracterizadas por praias de areia branca, alagáveis durante o período das chuvas.

O padrão de formação destas ilhas e praias é característico do canal meândrico do rio no trecho encachoeirado onde os sítios se localizam. Nesta área, as ilhotas e praias formadas parecem ter atraído consideravelmente os seres humanos no passado devido à abundância de peixes junto às corredeiras que ocorrem nas áreas mais baixas na seca.

Quanto à estratigrafia nestes sítios, no entanto, esta se mostra bastante complicada para definição de níveis culturais específicos por sua matriz ser basicamente formada por areia fina e sem cobertura vegetal que segure elementos orgânicos.

De fato, alguns sítios escavados mostraram que as cheias anuais levam os sedimentos e deixam in situ somente os materiais mais pesados, depositados sobre cascalhos mais grosseiros ou, ainda, diretamente sobre rochas.

Em apenas um caso foi possível observar uma estratificação, com uma primeira camada, de terra preta contendo materiais relacionados à fase Koriabo, e materiais em superfície e subsuperfície até uma média de 30 cm. Aos 40 cm uma tênue lente de carvão forma-se, dando início à uma segunda camada arqueológica, arenosa.

Esta camada apresentou uma ocupação arcaica muito bem preservada, medindo um pouco mais de 100 m² de área. De fato, foi possível nesta camada delimitar com precisão um paleo-solo contendo abundantes artefatos líticos associados à estruturas circulares de rochas alteradas por fogo e algumas cerâmicas globulares temperadas com granito ou quartzo moído. Também foram observadas estruturas negativas, tipo buraco de poste, cercando a maior concentração de artefatos e estruturas, o que indica a

localização de uma habitação coberta. Também associados aos sítios estão polidores fixos nas rochas junto ao rio. Tais polidores são visíveis apenas no período de estiagem, ficando, durante o período chuvoso, abaixo da linha d'água do rio.

As estruturas encontradas durante as escavações são formadas por concentrações de rochas (granito e laterita) com alterações térmicas, possuindo formatos circulares e irregulares, estando possivelmente ligadas à atividades de cozimento. Também foi observada uma associação positiva entre as concentrações de rochas, artefatos líticos e fragmentos cerâmicos, indicando que as atividades cotidianas, como lascamento e processamento de materiais envolvendo instrumentos em pedra, ocorriam no entorno destas estruturas.

25. Sítio Prainha de Pedra: distribuição espacial das estruturas na área escavada.

Os artefatos presentes no sítio indicam que há uma predominância de atividades de debitage, com uma grande quantidade de lascas, detritos e núcleos, cuja tecnologia de debitage utilizada é tanto o lascamento bipolar quanto unipolar. Os instrumentos sobre lasca são de dimensões reduzidas, possuindo um tamanho máximo de 6 cm, sugerindo encabamento. Também foram encontrados instrumentos brutos, como manos e metates.

26. Sítio Prainha de Pedra: acima, distribuição de artefatos e estruturas na área escavada. Abaixo detalhe de uma das estruturas com rochas associada a cerâmicas.

Prólogo: Uma Introdução ao Formativo da Guayana

Como vimos anteriormente, a presença de cerâmica, vegetais domesticados, assentamentos densos e modificações importantes da paisagem, tais como a construção de montículos de conchas, já estavam presentes na Guayana desde antes do Holoceno Médio sem que tenham havido profundas modificações em seus modos de vida por milhares de anos.

Isto implica necessariamente uma revisão de conceitos caros a abordagens neoevolucionistas, que vêem estágios bem definidos em termos tecno-econômicos, tais como a mudança do Mesolítico para o Neolítico no caso da Europa e sudoeste da Ásia (Clarke, 1973) ou, no caso americano, do Arcaico para o Formativo (Willey e Phillips, 1958).

Tais evidências não são novidades para a arqueologia amazônica atual. Como colocado por Neves (2016: 39) é necessário repensar o desenvolvimento cultural nesta região. Afirmando que “Não existe Neolítico ao sul do Equador”, através de uma base sólida de dados, o autor coloca que, ao contrário dos modelos de desenvolvimento cultural aplicados à outras regiões do mundo, na Amazônia não é possível aplicar rótulos evolucionistas pré-estabelecidos, tais como “mesolítico” e “neolítico”, ou seus primos americanos “arcaico” e “formativo”.

A base da argumentação do autor é de que há domesticação de plantas em contextos tão antigos como o Holoceno inicial (p. ex. Gnecco e Aceituno, 2004) sem que haja necessariamente componentes do “pacote neolítico” acoplado, como a sedentarização, o adensamento populacional, a diferenciação sócio-política e a construção de estruturas monumentais.

Ou ainda, a de que estes elementos do “pacote neolítico” existam sem que haja agricultura, como exemplificado pela organização econômica em Marajó, baseada no apresamento de peixes (Schaan, 2012). Há o reconhecimento da existência destes componentes em diferentes pontos da história amazônica, mas que a origem destes devem ser procurados através de outras explicações do que simplesmente a domesticação e intensificação do uso de plantas.

É inegável, no entanto, que algo diferente acontece, não só na Guayana, mas por toda a bacia amazônica ao redor de 3000-2000 anos A.P. Uma maior profusão de estilos cerâmicos entram em cena na região, aliados à uma maior gama de alterações na paisagem amazônica, indo além da construção de florestas antrópicas, tais como as terras pretas (Lehmann, Kern et al., 2003; Petersen, Neves e Heckenberger, 2001), *mounds* de terra (Versteeg, 2003; Schaan, 2012; Erickson, 2010) e valas circundantes (Saunaluoma e Schaan, 2012; Mestre, 1997).

Tais mudanças foram empregadas para diferenciar o período Arcaico do Formativo amazônico, primeiramente considerando apenas as alterações em termos tecnológicos, mas depois gradativamente baseando-se mais em formas de específicas de subsistência, inferidas através de tipologias de artefatos e formas de sítios (Willey, 1971). Assim, o Arcaico seria caracterizado pela presença do processamento através de moagem em pedra, artefatos em concha e organização sócio-econômica na forma de bandos forrageiros, enquanto o Formativo era marcado pelo desenvolvimento de cerâmica, agricultura e sociedades aldeãs (Rouse, 1986: 148).

No entanto, pode-se criticar tais visões não só a partir de dados empíricos que estão sendo levantados (Neves, 2016), mas também pelo fato de que os desenvolvimentos que se deram a partir de cerca de 3000 anos A.P. podem ter sido construídos socialmente. Como colocado por Thomas no caso do Neolítico da

Inglaterra, mas que pode ser aplicado para o Formativo da Amazônia, “o que é importante não é o que é produzido, mas como isto é produzido” (Thomas, 1991: 11)

Desta forma, pode-se considerar que o “Formativo” implica mais do que desenvolvimentos tecnológicos, aparecimento de plantas domesticadas ou sedentarismo, envolvendo aspectos tecnológicos, econômicos, sociais e ideológicos como um todo.

Tais mudanças são vistas tradicionalmente como estando possivelmente ligados com as diásporas de grupos ligados à falantes de três grupos linguísticos: Arawak, Caribe e Tupiguarani, estando cada uma delas relacionadas com, respectivamente, as cerâmicas Borda Incisa-Barrancóide, Inciso Ponteadas-Arauquinóide e Polícroma (Lathrap, 1970; Meggers, 1975, 1977).

Estas diásporas são tradicionalmente explicadas por variáveis ecológicas como motor fundamental. Dois setores da Amazônia foram diferenciados por Lathrap (1970), Meggers (1977) e Roosevelt (1980): um primeiro seria o ribeirão, caracterizado por amplos recursos de caça, pesca e solos aluvionais, mas que compreendem somente 2% da área amazônica; o segundo seria o setor interfluvial, mais amplo, mas com escassos recursos econômicos. A primeira área seria foco de atração para as populações ameríndias, ocasionando grandes aumentos demográficos que levariam a migrações para zonas similares.

Desta forma, a movimentação de grupos humanos tinha como principal fator impulsionante a adaptação ecológica. De acordo com Meggers (1971, 1973, 1977), as mudanças ambientais relacionadas aos períodos de flutuação climática do Holoceno teriam afetado as comunidades humanas das terras baixas americanas, levando-os à uma situação de movimento. Tal movimentação teria criado os padrões de dispersão linguística e arqueológica observáveis no registro amazônico (Meggers, 1979).

No entanto, explicações mais recentes tem desafiado a explicação ambiental como causa determinante para explicar a expansão dos grupos pré-coloniais visível a partir de 3000 A.P. Para Heckenberger (2002; 2005) o Formativo amazônico está ligado diretamente à diáspora Arawak, entendida como a expansão de um conjunto de ligações sistemáticas entre “palavras, gestos e ideias, uma estrutura subjacente (precedente) ou sistemas de significado que inflige ações humanas de todo tipo” (Heckenberger, 2002: 116).

Para este autor não houve competição por recursos e uma pressão populacional associada por detrás da expansão populacional Arawak. Esta expansão deve ser entendida a partir de fatores como hierarquia social, regionalidade, e uma predisposição cultural para exploração de novas áreas aliada a aculturações simétricas de grupos autóctones (Heckenberger, 2002: 118), o que ocasionou toda uma gama de alterações na paisagem econômica e sócio-política por uma vasta área.

Assim, o Formativo da Amazônia não seria fruto de uma revolução econômica, sendo a experimentação com o sedentarismo, agricultura e cerâmica algo presente desde antes do Holoceno Médio, como já vimos acima. Antes, o Formativo seria resultado de um controle de trabalho e acumulação de capital simbólico engatilhado pelas forças diretoras da diáspora Arawak e de seu *ethos*, conforme sumarizado por Santos-Granero (2002: 42): supressão de guerras internas; tendência de estabelecer alianças sócio-políticas com grupos linguisticamente relacionados; foco na descendência e consanguinidade como base para vida social; uso de ancestralidade e prestígio herdado como base para liderança política; e, por fim, conjuntos elaborado de cerimônias rituais que caracterizam a vida pessoal, social e política.

Apesar de altamente sedutor por levar em conta aspectos sociais, políticos e ideológicos, problemas emergem ao considerar uma mudança para o Formativo como

derivada unicamente a partir da diáspora Arawak, pois, levando-se em conta as classificações etno-linguísticas, ficam de fora deste modelo explicativo as outras expansões populacionais que devem ter ocorrido concomitantemente na Amazônia, especialmente aquelas relacionadas com falantes Caribe e Tupiguarani.

Outro fator importante a considerar é a relação direta entre estilos cerâmicos e agrupamentos etno-linguísticos. Como já exposto anteriormente, é comum, desde a publicação do “The Upper Amazon” de Lathrap (1970), fazer uma relação entre cerâmicas Borda Incisa-Barrancóide X grupos Arawak, cerâmicas Inciso Ponteadas-Arauquinóide X grupos Caribe e cerâmicas Polícromas X grupos Tupiguarani. Tal relação estanque entre estilos cerâmicos particulares falha em reconhecer a existência de processos históricos particulares no desenvolvimento destes agrupamentos etno-linguísticos, processos estes que podem ser derivados de situações de trocas, contatos, hibridizações e reconfigurações em formações sociais pluri-étnicas.

Tal visão falha também em considerar objetos como entidades dadas que são encaixados em categorias cognitivas, encarando os artefatos e estruturas como atributos de uma estrutura interna da mente, opondo significados materiais e simbólicos da mesma forma que o dualismo ocidental contrapõe mente e corpo e natureza e cultura (Thomas, 1996).

Ingold (1990:5) argumenta que este tipo de pensamento separa tecnologia da sociedade e, portanto, falha em reconhecer que a materialidade articula atividades humanas. Como alternativa, Thomas (1991: 93) sugere que a sociedade seja pensada como pessoas relacionadas com a materialidade. Para se tornar humano, as pessoas tem que ter relações com outras pessoas e com coisas, em uma abordagem que Hodder (2012) chama de “*Entanglement*”.

De fato, a partir do Formativo amazônico, ou seja, 3000-2000 anos A.P., uma série de estilos cerâmicos diferenciados se dispersam pelas terras baixas da América do Sul, sendo bastante complicado suturar com precisão onde começa um estilo e se inicia outro, desafiando, portanto, uma ênfase na delimitação de áreas culturais.

Neste sentido, Barreto (2014) identifica o que ela chamou de uma linguagem pan-amazônica em meio ao emaranhado de complexos cerâmicos que se configuram a partir do Formativo Inicial, mas que se intensificam profundamente no Formativo Tardio, como veremos posteriormente. Esta linguagem, segunda a autora, é fruto de toda uma gama de redes regionais de interação social e o conseqüente intercâmbio estilístico, sendo reconhecível através de representação de corpos, humanos e animais, presentes na arte rupestre, na decoração cerâmica, estatuetas líticas e cerâmicas e urnas antropo e zoomorfas que ocorrem por toda região.

Um conceito que pode ser importante o entendimento destas amplas interações ameríndias que caracterizam o Formativo amazônico foi já discutido na introdução desta tese, denominado “redes de relações” (Gallois, 2005).

A ampla disseminação de características cerâmicas por vastas áreas podem então ser vistas como resultado destas amplas redes de relação, em cuja base estaria uma esfera simbólica comum, vinculando diferentes grupos no espaço e no tempo, que compartilhariam materialidades, tais como determinados estilos decorativos (Barreto, 2008; Van Den Bel, 2010; Boomert, 2000).

Dentro desta perspectiva, o debate aqui a ser feito levará em conta não só os elementos estilísticos das cerâmicas relacionadas ao Formativo da Guayana, mas também o modo com que os grupos ameríndios desta região utilizaram suas materialidades de modo a configurar ou reconfigurar seu mundo.

3. O Formativo Inicial

Como visto anteriormente, as bases para as alterações econômicas, tecnológicas e sociais para a transformação plena do Arcaico para o Formativo estavam já estabelecidas, tais como ocupações sedentárias, o manejo e processamento de plantas domesticadas, a manufatura de cerâmicas e alterações efetivas na paisagem, com a incipiente monumentalidade dos sambaquis, sugerindo uma mudança não revolucionária para as sociedades ameríndias da região.

27. Sítios datados do Formativo Inicial na Guayana.

3.1. Guiana, Suriname e Guiana Francesa

Uma continuidade foi firmemente estabelecida entre a cerâmica Alaka e a cerâmica Borda Incisa-Barrancóide no sítio Hosororo Creek, na Guiana Inglesa (Williams, 2003). Este sambaqui possuía um depósito de 65 cm de espessura, contendo artefatos líticos e cerâmicas distribuídos por toda estratigrafia. A cerâmica Borda Incisa-Barrancóide no sítio Hosororo apareceria em um tempo de final de aridez, com retorno do regime de chuvas, aumento do nível dos rios e rebaixamento da salinidade na zona costeira. Isto fez com que as espécies de moluscos tenham desaparecido do entorno dos sambaquis, o que teria favorecido a mudança efetiva para horticultura (Williams, 2003: 207).

A introdução da tecnologia cerâmica Borda Incisa-Barrancóide na costa da Guiana Inglesa foi através de um processo gradual, resultado de experimentos com outras matérias-primas para confecção das pastas cerâmicas por grupos sambaquieiros, tendo sido denominada Fase Mabaruma (Evans e Meggers, 1960). Esta nova tecnologia está associada a um processo inovador na fabricação de antiplástico, na forma de esmagamento e peneiramento de granito e esteatita em decomposição. A maior elasticidade dos antiplásticos permitiram a incorporação de grandes modelados e decorações típicas como incisões em flanges labiais ou lábios evertidos, adornos zoomorfos, apliques e incisões associadas à ponteados (Evans e Meggers, 1960: 119), além de uma maior variedade de formas.

A tecnologia cerâmica Mabaruma seria concomitante à intensificação do uso de tubérculos como forma de obtenção de amido para alimentação, influenciada pela interação com grupos da foz do Orinoco (Williams, 2003: 231), o que, pelo fato da continuidade estratigráfica entre os níveis majoritariamente constituídos por conchas presentes tanto na ocupação Alaka quanto na Mabaruma, além da continuidade entre a

tecnologia lítica e modos de sepultamento, não trouxe alterações significantes nos padrões de assentamento e formas de organização social.

O início deste processo, no entanto, ainda não é consenso. De fato, a data obtida para um nível alegadamente Mabaruma ficou entre 3989-3644 anos A.P. (3550+/-65 A.P. cal 94,5%), o que combinaria mais com os níveis Alaka dos demais sambaquis da região. Uma das datas, no entanto, parece mais plausível com as cerâmicas Borda Incisa- Barrancóide, ou seja, entre 2858-2736 anos A.P. (2660+/-45 A.P. cal. 94,5%).

Boomert (2000: 121) também problematizou esta data antiga para o início da fase Mabaruma no sítio Hosororo, relacionando-a à mistura mecânica de material na matriz do sambaqui, a inconsistência das datações em relação à ordem dos níveis onde as amostras foram obtidas. A isto soma-se o fato da inconsistência desta antiguidade de tal cerâmica Borda Incisa-Barrancóide em relação à outras estilisticamente relacionadas derivadas da foz do Orinoco. Assim, Boomert (2000) sugere que Mabaruma seria contemporânea da Fase Barrancas, ou seja, entre 2800 e 2000 anos A.P.

De fato, não só a data deste processo de início do Formativo, mas outras envolvendo a Guayana como um todo, possuem controvérsias, especialmente relacionadas às cerâmicas Saladóide e Borda Incisa-Barrancóide. Datas excessivamente antigas de contextos relacionados ao início das Fases Ananatuba e Pocó-Açutuba também poderão ser revistas dentro destas problemáticas, como veremos mais adiante.

Estas controvérsias, segundo Boomert (2000: 110), estão relacionadas, pelo menos em parte, a contaminações dos carvões datados, seja através de partículas de Lignita (que produz datas excessivamente antigas), ou por mistura de carvões mais recentes nos estratos antigos, como no caso de sítios ribeirinhos sujeitos à erosão. À estes dois fatores podemos ainda adicionar casos de problemas relacionados à amostras provenientes de carvões derivados de paleo-incêndios holocênicos, como ficou

demonstrado por datações excessivamente antigas em sítios de *Petit-Saut*, na Guiana Francesa (Vacher, Jeremie et al. 1998)

No caso do vale do Orinoco, existem proponentes para uma “longa cronologia” para este processo que teria se iniciado em 4400 anos A.P. (Roosevelt, 1997^a:73-85; Rouse, 1986:136), e proponentes de uma “cronologia curta”, que advogam para um início do Saladóide e Borda Incisa-Barrancóide com início em 2600 A.P. (Sanoja e Vargas, 1978b, 1983).

Após extensos debates (que são bem discutidos por Boomert, 2000 e Gassón, 2002), o consenso a que se chegou é que novas abordagens, com coletas de amostras em contextos mais seguros, são necessárias. No entanto, ficou evidente que a cronologia Borda Incisa-Barrancóide é bem menos controversa, podendo ter se iniciado entre 3000 e 2700 anos A.P.

Voltando ao caso do início do Formativo na Guiana, em Williams (2003: 282), podemos perceber que ele considera o desenvolvimento da cerâmica Mabaruma como influenciado, em certo grau, pelas cerâmica Borda Incisa-Barrancóide da foz do Orinoco. A influência teria se dado em duas levadas: uma primeira através da transferência de decorações incisadas, caracterizando a Fase Mabaruma Inicial; e uma segunda, mais tardia, que carrega consigo os elementos mais clássicos das cerâmicas Borda Incisa-Barrancóide, ou seja, as decorações incisadas e modeladas e grandes adornos biomorfos e que caracterizariam a Fase Mabaruma Média e Fase Abary (Williams, 2003: 280-300).

A fase Mabaruma Inicial foi caracterizada através dos níveis superiores do sambaqui Hosororo e de outro sítio localizado na periferia norte da colina onde este *Mound* conchífero foi construído. De acordo com Williams (2003: 261), os sítios pequenos demonstrariam pequenos grupos familiares, incapazes, devido à baixa

complexidade sócio-política, de desenvolver uma economia plenamente baseada na mandioca.

As cerâmicas são caracterizadas por uma pasta contendo granito e esteatita em decomposição, que foram moídas e peneiradas, e que possibilitou uma maior diversidade de morfologias dos vasilhames. As formas identificadas nestes dois sítios são caracterizadas por tigelas de contorno simples não restringidas (algumas apresentando flanges labiais), tigelas de contorno simples restringidas, tigela carenadas restringidas, jarros globulares com pesçoço e abertura restringida e jarros globulares com borda infletida.

28. Formas cerâmicas da Fase Mabaruma Inicial (modificado de Williams, 2003).

Os elementos estilísticos são principalmente caracterizados por incisões amplas, com secção em U, além de tiras de argila aplicadas à superfície dos vasos e botões lisos ou ponteados. A segunda leva associada à entrada da cerâmica Borda Incisa-Barrancoíde na Guayana está associada às denominadas Fase Mabaruma Média (Williams, 2003:281-282) e Fase Abary (Evans e Meggers, 1960).

A Fase Mabaruma Média foi principalmente identificada através de um depósito no Sítio denominado *Barabina Hill East*, e apresenta uma indústria cerâmica mais complexa que a Fase anterior, compreendendo quatro conjuntos principais de formas.

Um primeiro conjunto seria derivado da Fase Mabaruma Inicial, compreendendo tigelas de contorno simples não restringidas (algumas apresentando flanges labiais), tigelas de contorno simples restringidas, tigela carenadas restringidas, jarros globulares com pescoço e abertura restringida e jarros globulares com borda infletida.

O segundo conjunto, teria se originado localmente neste período, compreendendo tigelas e jarros com flanges labiais fortemente infletidas, jarros globulares restringidos com bordas evertidas, jarros globulares restringidos com pescoço e grandes jarros restringidos com pescoço.

O terceiro e quarto conjuntos são minoritários e compreendem, respectivamente, formas derivadas das cerâmicas de sítios Borda Incisa-Barrancóide do Orinoco e outras formas desenvolvidas localmente.

29. Conjuntos morfológicos 1, 2, 3 e 4 da Fase Mabaruma Média (modificado de Williams, 2003).

As decorações da cerâmica neste período são principalmente caracterizadas por incisões com secção em U, além de adornos biomorfos que irão marcar de forma profunda todos estilos cerâmicos do formativo médio para o tardio desde o litoral da Guayana até a Ilha de Marajó.

30. Incisões e ponteados da Fase Mabaruma, modificado de Evans e Meggers (1960).

De acordo com Williams (2003: 284), um dos adornos mais característicos deste período é o de uma cabeça humana com boca distendida, que, de acordo com este autor, significa o processo de mastigação da mandioca para produção de bebidas fermentadas. Tal adorno indicaria a ritualização do processamento do tubérculo da mandioca neste período. Além deste adorno, outros constituiriam categorias altamente específicas empregadas em diversos contextos sociais, tais como porcos associados com a caça, urubus-rei associados com o voo shamanico e os motivos mão-na-face e representações de tartarugas, associados à morte (Williams, 2003: 284-290). Estas representações sugeririam, nas palavras de Sanoja e Vargas (1978 :97) “uma rica vida cerimonial e a

existência de uma religião anímica, onde as deidades ou espíritos naturais tinham uma grande importância”.

31. Adornos biomorfos da Fase Mabaruma, de acordo com Evans e Meggers (1960) e Williams (2003).

32. Adornos biomorfos da Fase Mabaruma, de acordo com Evans e Meggers (1960) e Williams (2003).

B: cabeça humana com boca distendida.

A fase Abary foi originalmente identificada através de sítios de habitação caracterizados por casas construídas em Pau-a-Pique (Wishart, 1982), localizados na fronteira com o Suriname, em topos de colina junto ao rio Abary.

No entanto, pesquisas posteriores (Versteeg, 1985; 2003) mostraram que os ceramistas identificados pela Fase Abary alteraram de forma bastante profunda os padrões de assentamento gerais do Formativo Inicial na Guiana Inglesa, com o início de um complexo sistema de modificação da paisagem costeira, tais como construção de *mounds* centrais e periféricos, campos elevados destinados à agricultura, e canais ligando os *mounds*, os campos elevados e o oceano (Versteeg, 2003). O início destas ocupações em paisagens de lodaçais, campos pantanosos e florestas de manguezais está datado entre 1876-1629 anos A.P. (1835 $\pm$ 45 A.P. cal. 94,5%).

Assim como a costa ocidental da Guiana Inglesa, também esta região, apesar de desprovida da ocorrência de bancos de moluscos expressivos, apresenta um alto grau de produtividade biológica, tais como o acesso sazonal à caranguejos terrestres, tartarugas marinhas e aves, além da alta quantidade de camarões e peixes nos estuários de rios (Versteeg, 1985: 662-663).

No entanto, para que o assentamento nesta região fosse consolidado, houve não só a necessidade de elevar as habitações para escapar das inundações das marés diárias, mas também de construir sistemas de elevação dos locais de plantio (Rostain, 2012).

Um dos sítios melhor conhecidos deste período na região é Buckleburg. Ele é parte de um sistema de 6 *Mounds* de terra localizados entre os rios Coopersname e Corantjin, na costa oeste do Suriname (Versteeg, 1985).

O sítio possuía, na época de sua pesquisa, uma altura de 1,88 metros acima do pântano circundante e área de 139x137 metros. As escavações realizadas permitiram detectar três unidades estratigráficas básicas. A unidade inferior consistia em argila azulada, foi considerada como o nível de base onde o *Mound* foi erguido. Trata-se de sedimentos depositados em um ambiente marinho, cuja composição polínica permitiu identificar a presença de *Avicennia*, *Rhizophora* e *Cyperaceae*, o que indica uma paisagem típica de manguezais.

Sobre esta argila azulada uma nova unidade estratigráfica foi identificada, denominada 2, sendo caracterizada por sucessivas camadas de argila húmica, contendo pólenes de espécies adaptadas a ambientes menos salinos, indicando uma fase úmida onde condições de água doce predominam. Nesta unidade estratigráfica surgem os primeiros artefatos cerâmicos, podendo indicar o solo onde o início da ocupação do sítio teria iniciado.

A construção artificial propriamente dita do *Mound* inicia na denominada unidade estratigráfica 3, e a quantidade de material arqueológico em todos níveis desta unidade indicam uma ocupação ininterrupta do sítio até, pelo menos, uma data que se situou entre 1330-1084 anos A.P. (1315 $\pm$ 55 A.P. cal. 94,5%) obtida no nível 55 cm abaixo da superfície e que, portanto, não representa seu abandono. Nenhuma estrutura arqueológica discernível foi identificada nas escavações realizadas.

A cerâmica encontrada é temperada majoritariamente com caco moído, contendo ainda, em menor proporção, fragmentos com fibra vegetal, quartzo, mica e concha. Cinco formas principais de vasilhas foram identificadas: tigelas de contorno simples e com aberturas não restringidas; tigelas de contorno simples e com abertura restringidas; tigelas carenadas com aberturas restringidas; Tigelas ou jarros de contorno composto e abertura não restringida; e tigelas ou jarros de contorno composto e abertura restringida. Além destas formas, outras categorias de artefatos cerâmicos foram encontrados, tais como assadores e suportes de assadores.

As decorações podem ser formadas por linhas incisas, com secção em U, aplicadas no lado interno de flanges labiais, podendo serem retas e paralelas à abertura do vasilhame; linhas curvas combinadas com linhas retas; ou linhas incisas ininterruptas entalhadas. Estão presentes botões lisos, incisos ou ponteados, cercados por uma incisão curva, e formando combinações com as incisões retas ou curvas. Em menor quantidade foram encontradas decorações aplicadas, como tiras de argila, adornos zoomorfos, além de alças.

Apenas quatro artefatos líticos foram encontrados nas escavações de Bucleburg 1, consistindo em dois fragmentos lascados e um polidor de quartzo, além de um percutor em granito.

Além dos artefatos cerâmicos e líticos, a matriz argilosa do *mound* possibilitou a conservação de uma diversidade de restos faunísticos, tais como ossos de veados, capivaras, tartarugas, jacarés, bagres e aves e conchas de espécies marinhas.

Enquanto o *mound*, que media quase 2 metros de altura acima do pântano, serviu certamente como plataforma para a vivência da comunidade, associado a ele existiram complexos de montículos que serviriam para o cultivo de plantas, conhecidos como campos sobre-elevados (Rostain, 2012).

Boomert (1976) distinguiu dois tipos de campos sobre-elevados. Um deles, formado pelo arranjo irregular de montículos, ocorre principalmente associado à pântanos argilosos e em *cheniers* baixos, estando agrupados entre 2 a 15 espécies, e medindo 4-5 metros de largura e 8-140 metros de comprimento. Outro tipo se constitui no arranjo regular de montículos, com formatos quadrados a retangulares, e que possuem 3-4 metros de largura e 4-30 metros de comprimento. Este último está intimamente associado ao *Mound* Buckleburg da Fase Abary.

Concomitantemente ao desenvolvimento da Fase Mabaruma Média, em zonas mais interioranas da Guiana Inglesa, Suriname e Guiana Francesa, principalmente em locais próximos a cachoeiras de rios que correm para o Atlântico, foram localizados sítios contendo cerâmicas filiadas ao estilo Saladóide (Versteeg, 2003; Williams, 2003; Van den Bel, 2015).

Em linhas gerais, este estilo pode ser caracterizado por pinturas monocrômicas, bicroômicas e policrômicas, uso de incisões (especialmente padrões hachurado-zonados), presença de vasilhas com efígies, além de desenhos curvilíneos e geométricos em branco sobre vermelho (Boomert, 2000: 101-102).

Da mesma forma que as cerâmicas Borda Incisa-Barrancóide, também os estilos relacionados à Saladóide-Pocó-Açutuba possuem uma grande controvérsia em relação à

seu início e origem (ver acima discussão sobre Borda Incisa-Barrancóide). No entanto, no caso da Guayana, as datas estão consistentemente agrupadas entre 2307-2007 e 1699-1553 anos A.P. (2150 $\pm$ 35 A.P. e 1710 $\pm$ 30 A.P. cal. 95,4%). Existem algumas poucas datas discrepantes, entre 3630 $\pm$ 160 e 2530 $\pm$ 30 A.P., que devem derivar de problemas de coleta e interpretação da amostra datada.

O mais antigo sítio que pode ser relacionado à cerâmica Saladóide-Pocó-Açutuba foi localizado a 10 km da margem direita do rio *Corentyne*, no Suriname, sendo denominado *Kaurikreek*. Ele situa-se no topo de uma colina arenosa baixa, junto à uma planície pantanosa, tendo sido escavado por Versteeg em 1977 (Versteeg, 1978).

O sítio Kaurikreek possuía uma grande densidade de artefatos arqueológicos, além de ser caracterizado pela presença de terra preta medindo 250x120 metros de área e 50 cm de profundidade.

No poço teste realizado no sítio nenhuma estrutura foi encontrada, somente cerâmica. Esta apresentou características bastante peculiares que, de acordo com Rouse (comunicação pessoal à Versteeg), lembravam muito o estilo Ronquín do Orinoco Médio (Roosevelt, 1978).

Trata-se de uma cerâmica com pasta temperada com uma diversidade de minerais, podendo ser laterita, calcedônia, Caulim e quartzo, denotando uma experimentação dos ceramistas com as matérias primas disponíveis localmente.

As formas são simples, globulares e com bases côncavas. Os padrões decorativos presentes, apesar de lembrarem os motivos incisos hachurado-zonados das cerâmicas Saladóide, são bastante originais, feitos através do aplique de filetes de argila que, pressionados contra as paredes dos vasilhames, formam padrões geométricos. De acordo com Versteeg (2003: 82), tais padrões são inspirados na cestaria indígena.

Mais ligados ao estilo Saladóide são os apliques zoomorfos (sapos, jaguares e pássaros) e um tipo específico de alça, conhecida como “*strap handles*”, algumas contendo no topo um aplique de botão liso.

O sítio possui uma datação confiável, cuja amostra forneceu um período entre 2746-2492 anos A.P. (2530 $\pm$ 30 A.P. cal. 94,5%). Uma segunda amostra possuía uma *Standart Deviation* muito grande, apesar de estar, segundo seu pesquisador, localizada em um contexto mais confiável, tendo sido datada em 3620 $\pm$ 160 A.P. (Versteeg, 2003: 84).

Também no rio *Corentyne*, junto à uma grande cachoeira, foi localizado o sítio *Wonotobo Falls* (Boomert, 1983; Versteeg, 2003). Este sítio, que mede 160x250 metros de área, está implantado no topo de uma colina granítica, situada entre um pequeno igarapé e a cachoeira principal no rio *Corentyne*.

Wonotobo Falls foi extensamente pesquisado por Geijskes na década de 60, quando foram realizados 22 cortes de 1x1 metros por toda área do sítio, implantados a distâncias regulares de 20 metros cada um. Infelizmente o material, posteriormente às escavações, acabou perdendo sua referência espacial e de profundidade.

Posteriormente a isto, Boomert (1983) retornou ao sítio para obter novos dados e checar sua estratigrafia, realizando dois cortes medindo 2x1 metros em seu centro. A partir destas pesquisas, ficou evidente que Wonotobo Falls tratava-se de um sítio contendo uma terra preta areno-argilosa com profundidade de até 85 cm.

Apesar da homogeneidade da terra preta, o conteúdo cultural do sítio modificava-se nos níveis. De acordo com Boomert (1983: 98-99), de 50 a 85 cm abaixo da superfície a cerâmica apresentava-se como exclusivamente relacionada ao estilo Saladóide, tendo sido denominada pelo autor de Complexo Wonotobo Inicial. Entre 20 e 50 cm o Wonotobo Inicial continua sendo dominante, mas é, nos níveis superiores,

quase totalmente dominado por uma cerâmica fortemente influenciada pelo estilo Borda Incisa-Barrancóide, que foi denominada Complexo Wonotobo Tardio. Aparentemente não há ruptura entre as ocupações.

A cerâmica ligada ao estilo Saladóide é temperada com mineral de quartzo, possivelmente derivado da areia das praias que se formam junto ao rio Corentyne próximas ao sítio.

Quatro formas principais de vasilhas podem ser identificadas: tigelas de contorno simples e com aberturas não restringidas, algumas mostrando uma base em pedestal ou, ainda, flanges labiais; tigelas de contorno simples e com abertura restringidas; jarros carenados e restringidos; e assadores. Além destas formas, outra categoria de artefato cerâmico identificado foi um fragmento cilíndrico, provavelmente representando um queimador de incenso (Boomert, 1983: 99).

33. Formas Wonotobo. Modificado a partir de Boomert (1983).

Os fragmentos decorados podem ser pintados, inciso, modelados ou ponteados. Os fragmentos pintados são representados por pinturas brancas sobre vermelha, vermelha sobre branca ou, ainda, pinturas brancas ou vermelhas sobre pasta natural. Os

motivos compreendem zonas horizontais amplas, pintados nas partes superiores dos vasilhames. Os geométricos podem ser losangos, quadrados e espirais.

As incisões, apesar de minoritárias na coleção, compreendem zonas retangulares de incisões entrecruzadas finas, delimitadas por outras incisões mais grossas, bastante semelhantes ao horizonte Hachurado-zonado Meggers and Evans (1961). Tais motivos geralmente estão inseridos na parte interna das flanges presentes nas tigelas. Outras incisões podem ser linhas oblíquas ou horizontais, acompanhadas por pequenos ponteados.

Os modelados podem ser simples botões com ponteados central ou, ainda, adornos sólidos, contendo incisões e ponteados.

O Complexo Wonotobo Tardio é caracterizado por tigelas com amplas flanges labiais, decoradas com incisões em linhas amplas com motivos curvilíneos, associadas à adornos biomorfos incisos, que seriam típicos da Fase Abary, já discutida anteriormente.

Já a data obtida para o Complexo Wonotobo Inicial situa esta ocupação entre 1927-1728 anos A.P. (1900+/-40 A.P. cal. 94,5%).

Na margem esquerda do alto rio Essequibo, a cerca de 320 km de sua foz, situa-se o sítio *Kurupukari Falls*, localizado junto à uma cachoeira bastante piscosa. Nesta cachoeira os afloramentos possuem diversos petroglifos, que seriam associados à uma ocupação arcaica (Williams, 2003: 305).

Caracteriza-se pela presença de uma extensa Terra Preta, medindo 700 x 600 metros de área, com um refugio de até 80 cm de profundidade. Os níveis superiores pertencem à uma ocupação Borda Incisa-Barrancóide, mas os três níveis inferiores mostram espécimes claramente Saladóide. Como no caso do sítio *Wonotobo falls*, também em Kurupukari não é evidente uma ruptura entre as ocupações relacionadas à

um ou outro estilo cerâmico. De fato, Williams (2003: 308-309) sugere um desenvolvimento *in situ* do estilo S-P-A para BI-B.

As cerâmicas presentes em *Kurupukari* apresentaram um tempero de fibra de vegetais ou mineral, este último sendo principalmente derivado do granito decomposto triturado. As análises feitas por Williams (2003: 308) não mostraram correlação entre antiplástico e formas de vasilhames, indicando que o uso de diferentes temperos não tinha objetivos funcionais.

Dez formas básicas de vasilhas foram identificadas, sendo compostas por tigelas de contono simples e abertura não restringida, tigelas de contorno simples restringidas, jarros globulares com lábio evertido, jarro com pescoço restringido, tigela carenada não restringida, além de assadores e tigelas simples com flange labial contendo incisões em linhas amplas, interpretadas como tampas (Williams, 2003: 305-306).

34. Formas Saladóide presentes no sítio Kurupukuri. Modificado de Williams (2003).

As decorações identificadas foram as pinturas, os banhos vermelhos e as incisões, além de algumas bordas lobuladas. Também foram identificados botões circulares ou ovoidais aplicados sobre o topo de alças típicas do estilo Saladóide.

A pintura pode ser branco sobre vermelho ou vermelho sobre branco, cujas técnicas podem estar representadas no mesmo vasilhame. Alguns exemplares mostraram a técnica negativa de representação pintada, com o banho branco sendo apagado em determinadas partes de forma a produzir um padrão avermelhado em barras paralelas.

As incisões são majoritariamente feitas em linhas finas, produzindo motivos geométricos. Estão presentes também padrões hachurados-zonados. Diversas tigelas e possíveis tampas possuindo flanges com incisões em linhas amplas associadas à botões aplicados e bordas lobuladas foram encontradas, apresentando muitas semelhanças com as flanges do estilo Borda Incisa-Barrancóide, que serão, no período formativo tardio, encontradas nas cerâmicas Mazagão, Aristé e Koriabo, como veremos posteriormente.

35. Decorações Saladóide presentes no sítio Kurupukuri. Modificado de Williams (2003).

Outra questão importante notada por Williams (2003: 314-316) é a semelhança de alguns motivos incisos e pintados, além de técnicas como o acanalado, serrungulado, raspado, escovado e ungulado que, segundo ele, indicariam uma relação entre o estilo Saladóide e o desenvolvimento posterior da Tradição Policrômica. De fato, existem hoje fortes indícios que o que ficou definido como Tradição Policrômica é evidência, na verdade, de duas diferentes histórias relacionadas à produtores de cerâmicas policrômicas, uma possivelmente com origem na Amazônia ocidental, relacionada à falantes Tupiguarani, e outra, cuja origem pode estar associada justamente às antigas cerâmicas Saladóide (no caso da calha do Amazonas, as cerâmica Pocó-Açutua, como veremos abaixo) e que teria desembocado nos estilos híbridos da foz do Amazonas, como a cerâmica Marajoara (Neves 2012). Os dados da Guayana reforçam mais ainda esta posição.

As datações obtidas para o sítio Kurupukuri Falls ficaram entre 3330-2851, 2952-2512 e 2305-1884 anos A.P. (respectivamente 2910+-80, 2660+-70 e 2080+-70 A.P. cal. 94,5%). Williams (2003: 314) sugere que a última data represente melhor a ocupação Saladóide no sítio, baseado na densidade dos artefatos no nível obtido para a amostra.

Todos sítios anteriormente discutidos acima foram objeto de escavações bastante restritas, com objetivo principal de obter informações sobre a estratigrafia e conteúdo da cultura material presente, o que impede uma maior compreensão das ocupações Saladóide, principalmente se levarmos em consideração que tais sítios podem ser multicomponenciais, conforme as datas e artefatos obtidos nestas pesquisas.

Entretanto, amplas escavações foram realizadas pelo INRAP nos sítio de *Yaou* (Mestre 2012) e *Chemin Saint Louis* (Van den Bel, 2015), ambos na bacia do rio Maroni na Guiana Francesa. Tais escavações permitiram a visualização de estruturas,

análises espaciais e padrões de assentamento relacionados aos sítios Saladóide na Guayana.

O sítio de Yaou é caracterizado pela existência de um grande fosso que o circunda, sendo, portanto, relacionado ao fenômeno arqueológico denominado “montanhas coroadas”, tipo de sítios que distribuem-se entre o Suriname e o Amapá a partir do Formativo Inicial.

A estimativa de tamanho do sítio, obtida através de estudos de *LIDAR*, é de uma superfície de 3.35 hectares, com um fosso medindo 668 metros de extensão total (Mestre, 2012), localizado na borda de um platô. Na época de sua descoberta (Petitjean-Roget, 1981) foi possível verificar a existência de dois “acessos” à área interna do sítio através de interrupções no fosso, uma entrada à oeste e outra à leste.

Uma extensa campanha de escavações mecânicas permitiu uma melhor caracterização deste sítio (Mestre, 2012). Através da abertura de 5 grandes setores de decapagem, aliadas a duas trincheiras, que totalizaram a abertura de 1408 m² de área, foi possível não só conhecer melhor a formação e história do fosso circundante do sítio, mas também um pouco da estrutura interna da aldeia fortificada.

Na área circundada pelo fosso as escavações mostraram estruturas ligadas à áreas domésticas, tais como buracos de poste e fossas, estas últimas possivelmente relacionadas à antigas lixeiras. Não foi possível obter um plano preciso das estruturas de casas, mas a presença de concentrações de buracos de poste aliados a áreas vazias de estruturas evocam uma certa organização do espaço da aldeia, como áreas de habitação e praças internas. Também foi possível identificar fases de deposição estratificada de fragmentos cerâmicos no interior do fosso, bem como depósitos de cerâmica, possivelmente ligados a rituais. Estas observações sobre as estruturas, aliadas à grande

quantidade de cerâmica encontrada, sugerem uma habitação de longa duração cercada por um grande fosso defensivo.

36. Croqui do sítio Yaou, mostrando a delimitação do fosso (cinza escuro) e áreas decapadas (cinza claro). Modificado a partir de Mestre (2012).

37. Sítio Yaou. Acima o fosso antes da escavação. Abaixo corte mostrando a estratigrafia do preenchimento do fosso. Fotos de Mickael Mestre.

38. Sítio Yaou. Depósitos de cerâmica em fossas. Fotos de Mickael Mestre.

A cerâmica coletada possui um antiplástico mineral, principalmente o quartzo moído. As formas dividem-se, basicamente, em 5 tipos: tigelas simples não restringidas; tigelas simples não restringidas com borda oca; tigelas carenadas não restringidas; tigelas carenadas restringidas; jarros simples não restringidos; e jarros com pescoço restringidos.

39. Sítio Yaou. Formas Saladóide presentes no sítio Yaou. Modificad a partir de Mestre (2012)

Devido à acidez do solo no sítio, poucos fragmentos possuíam a superfície externa preservada, o que, em parte, explica a baixa quantidade de fragmentos decorados (menos de 15% da coleção). Em sua maioria, as decorações apresentavam-se somente como um banho vermelho, especialmente no interior dos vasilhames. Apenas dois fragmentos apresentaram traços de pintura preta sobre o banho vermelho.

Os artefatos líticos coletados foram abundantes, compreendendo restos de debitage bipolar de quartzo, núcleos, percutores, manos, e lâminas de machado polidas.

Uma ampla escavação foi realizada no sítio *Chemin Saint Louis*, junto ao rio Maroni na Guiana Francesa, permitindo a visualização do padrão do assentamento dos sítios Saladóide (Van den Bel, 2015).

A duração da ocupação Saladóide no sítio compreende cerca de 700 anos. O padrão das diversas datações realizadas, com concentrações de datas semelhantes, no entanto, mostram que a ocupação não foi contínua, permitindo o autor definir três ocupações sobrepostas. As estruturas localizadas foram principalmente buracos de poste, fossas, fossas contendo cerâmicas inteiras ou semi-inteiras (interpretadas como sepulturas) e uma área cercada por um fosso.

3.2. Baixo Amazonas e Marajó

Na região do Baixo Amazonas e Marajó, ao sul e sudoeste da área foco da presente tese diversas Fases cerâmicas relacionados ao Formativo inicial foram reconhecidos.

Na região dos baixos rios Nhamundá e Trombetas uma Fase cerâmica específica foi identificada por Hilbert e Hilbert (1980), tendo sido denominada por eles de Pocó, encontrada nos sítios arqueológicos Pocó e Boa Vista, ambos caracterizados pela presença de Terra Preta Arqueológica.

O sítio Pocó estende-se junto à margem do rio homônimo, afluente do rio Nhamundá, possuindo 200 metros de diâmetro, localizado em uma área de

praia. Segundo os autores as camadas arqueológicas possuíam uma profundidade máxima de 1,20 metros, e eram recobertas por dunas de areia da praia.

O sítio Boa Vista está localizado em uma área de terra firme, ocupando a margem direita do rio Trombetas. Sua camada arqueológica possuía uma profundidade máxima de 0,70 metros.

Ambos sítios são multicomponenciais, sendo a ocupação superior marcada pela presença da cerâmica Kondurí (pertencente ao Formativo Tardio, e será descrita no capítulo posterior), enquanto nos níveis inferiores ocorrem a cerâmica denominada Pocó.

De acordo com a publicação dos autores não foi possível verificar nenhuma ocorrência de estruturas arqueológicas associadas à ocupação Pocó nos sítios, restando, para a caracterização desta fase, além da pasta, critérios de formas (não representadas nas pranchas da publicação, e de decorações.

A cerâmica Pocó pode possuir temperos de Cauxí, Cariapé e mistura dos dois na mesma vasilha, e possui como formas mais típicas tigelas carenadas, tigelas simples, tigelas simples com flange labial, jarros simples com pescoço restringido, vasos carenados com pescoço restringido e, finalmente, assadores.

As decorações identificadas foram profusas, consistindo em pinturas vermelhas sobre banho branco, banhos vermelhos e brancos, as incisões, escovados, acanalado, hachurados zonados, ponteados, marcados com corda, serrungulados, ungulados e impressos em ziguezague. Também foram identificados modelados incisivos, que incluem botões arredondados ou ovais ou adornos biomorfos. Estes últimos estão presentes principalmente na parte superior dos vasilhames carenados.

A partir das decorações distintivas da Fase Pocó, Hilbert e Hilbert a associa com os estilos Barrancóides do Orinoco, algo que ainda deve ser revisto ou aprofundado

conforme veremos abaixo. As datações radiocarbônicas obtidas para os dois sítios e aceitas pelos autores ficaram entre 2302-1402 anos A.P. (2015+-95, 1840+- 90 e 1745+- 115 A.P. cal 94,5%).

40. Decorações cerâmicas da Fase Pocó. Modificadas a partir de Hibert e Hilbert (1980).

Mais tarde, na mesma área pesquisada por Hilbert e Hilbert (1980), uma equipe do Museu Paraense Emílio Goeldi realizou uma série de levantamentos e salvamentos arqueológicos relacionados à Mineração Porto Trombetas. Com esta pesquisa, cuja análise de boa parte dos dados resultou na tese de doutorado de Vera Guapindaia (Guapindaia, 2008), houve a oportunidade de realizar escavações mais amplas, obtendo dados mais contextuais relacionados à ocupação Pocó no sítio Boa Vista.

Foi verificado que o sítio possuía, ao todo, 700x400 m² de área. As escavações iniciais de Guapindaia (2008) confirmaram a espessura máxima do depósito arqueológico que já tinha sido descrita por Hibert e Hilbert (1980), ou seja, 60 cm de profundidade. Às áreas com maior profundidade de terra preta denominou áreas centrais, enquanto áreas com até 40 cm ou com até 20 cm, denominou, respectivamente, áreas intermediárias e áreas periféricas.

Após tradagens e elaboração de croquis com a dispersão de materiais arqueológicos em superfície e Terra Preta, Guapindaia (2008) constatou que o sítio era composto por duas manchas de Terra Preta Arqueológica, denominadas Boa Vista e Água Fria voltadas, respectivamente, para o rio Trombetas e um pequeno lago mais para o interior da terra firme. Ambas foram objeto de escavações, que cobriram, ao todo, 77 m² de área não contínua, sendo 64m² na mancha Boa Vista, 11,5m² na Água Fria e 1,5m² em áreas fora das manchas.

A mancha denominada Boa Vista possuía um formato em ferradura, que cercava uma vertente. A mancha possuía aproximadamente 280 metros de diâmetro máximo, cuja maior concentração de material ocorria em sua porção sul, fato que levou a pesquisadora a interpretar esta como área inicial da ocupação da mancha.

Já a mancha de Terra Preta denominada Água Fria possuía um formato elipsoidal, com diâmetro máximo de 300 metros e profundidade maior que da mancha Boa Vista, chegando à 160 cm na sua porção sudoeste. Nesta área tal profundidade da camada arqueológica deve-se à presença de bolsões de solo escuro, em cujo interior há uma profusão de fragmentos decorados, ossos e artefatos líticos. Tais estruturas negativas são conhecidas na literatura arqueológica como “bolsões”. Tais bolsões, identificados inicialmente em sítios da cultura Santarém, são estruturas do tipo fossa

preenchidas com terra preta e fragmentos de cerâmica altamente decorada, interpretadas como ligadas à rituais (Barreto, 2010).

41. Bolsão encontrado na escavação da mancha Água Fria do sítio Boa Vista. A partir de Guapindaia (2008: 159).

As cerâmicas Pocó encontradas no sítio Boa Vista são majoritariamente temperadas com Cauixí ou Cariapé, ou ainda a mistura entre ambos. Há ainda uma pluralidade de outros tipos de aditivos à pasta identificados por Guapindaia (2008: 157-158), mas em menor quantidade.

As formas identificadas podem ser tigelas simples não restringidas, algumas apresentando flange labial, tigelas restringidas simples com pescoço, tigelas carenadas, jarros carenados restringidos e pratos com largas flanges labiais.

42. Formas da cerâmica Pocó identificada no sítio Boa Vista. A partir de Guapindaia (2008).

As decorações identificadas seguem a gama e profusão já identificadas por Hilbert e Hilbert (1980), como pinturas vermelhas sobre banho branco, banhos vermelhos e brancos, as incisões, escovados, acanalado, hachurados zonados, ponteados, marcados com corda, serrungulados, ungulados, impressos em ziguezague, modelados ou adornos biomorfos. Além destes outras técnicas foram identificados, tais como a excisão e pinturas amarelo ou vinho sobre branco.

43. Decorações da cerâmica Pocó no sítio Boa Vista. Elaborado a partir de Guapindaia (2008).

Através de 10 datações radiocarbônicas obtidas por Guapindaia (2008), a ocupação Pocó do sítio Boa Vista ficou entre 2308-1535 anos A.P. (cal.95,4%), bastante semelhante ao período obtido para o sítio Pocó por Hilbert e Hilbert (1980).

No estuário amazônico, junto à ilha de Marajó, várias Fases cerâmicas ligadas ao Formativo Inicial foram definidas por Meggers e Evans (1957). No entanto, apesar de

Prous definir esta área como a “mais completa sequência arqueológica do Brasil equatorial” (1991: 471), tal sequência apresenta certas falhas na sua construção, tal como a definição das Fases ter sido preponderantemente feita a partir da queima dos vasos. Uma vez que Meggers e Evans (1957), não viram diferenciação no tempero nas cerâmicas de Marajó, todas as Fases construídas por estes autores foram definidas a partir da cor da pasta e núcleo dos fragmentos.

A isto soma-se o fato de que quase todas as datações radiocarbônicas disponíveis para Marajó se referem à escavações de mounds, sendo estas preponderantemente atribuídas às ocupações da Fase Marajoara. Existe, de fato, uma única outra datação em Marajó, cuja amostra ficou em 2930+-200 anos A.P., atribuída à um período de transição entre as Fases Ananatuba e Mangueiras. No entanto, não só o desvio padrão é extremamente grande, quanto a data encontra-se isolada de demais manifestações com cerâmicas Hachuradas-zonadas na região. Soma-se à isto o fato de que a amostra foi tomada na escavação feita por João Alvez Cardoso que, apesar de treinado por Simões Figueiredo nas técnicas de escavação em níveis artificiais, tratava-se de um amador (com todo respeito), não tendo possibilidade de interpretar com confiabilidade como o material datado foi parar no depósito escavado.

Na ausência de datações radiocarbônicas confiáveis para o Formativo Inicial em Marajó temos à disposição somente critérios estratigráficos e comparações estilísticas das cerâmicas escavadas para propor a sequência de ocupação desta área no período.

As escavações realizadas por Meggers e Evans (1957) associados à análise crítica de dados primários do Projeto Marajó feitas por Schaen (2001) forneceram os dados para construção dos tipos cerâmicos de Marajó e uma nova cronologia cerâmica que será proposta aqui a partir da re-análise dos dados.

De acordo com o Meggers e Evans, a ocupação do arquipélago de Marajó se iniciaria com a Fase Ananatuba a partir dos tipos Ananatuba Liso e Sorococo Liso. Ambos possuem tempero de caco moído, mas são diferenciados pela diferença de uma queima mais oxidante para o segundo tipo. Associados ao tipo Ananatuba Liso estão os tipos Ananatuba Pintado, Carmo Escovado e Sipó Inciso. Este último tipo decorado, cuja técnica consiste em aplicar bandas de incisões na superfície externa superior dos vasilhames com motivos em recortes curvos, hachurado-zonado fino, hachurado zonado espesso, hachurado diagonal, linhas parallas zonadas, entre outros, persistirá por todas outras Fases do arquipélago de Marajó, como veremos a seguir, sendo inclusive a base de argumentação para “aculturações” que teriam ocorrido entre uma Fase e outra.

Ao final da sequência seriada construída por Meggers e Evans para a Fase Ananatuba (1957: 190), e baseados na distribuição de cacos cerâmicos na estratigrafia do Sítio J7-Sipó, teria entrado na região a Fase Mangueiras, definida através de seus tipos Anjos Liso e Mangueiras Liso, cuja diferenciação principal é uma queima completamente oxidada do primeiro tipo, enquanto o segundo ainda apresenta um núcleo reduzido.

A Fase Mangueiras seria distinguida de sua predecessora pela cerâmica e padrão de assentamento. De acordo com seus autores, a cerâmica Mangueiras se distingue da Ananatuba principalmente pela cor da superfície, apesar do antiplástico de caco moído continuar o mesmo. As decorações identificadas foram o escovado (Croari Brushed e Bacurí Brushed), raspado (Pocoató raspado), banho vermelho (Esperança Red) e uma “cópia” do tipo Sipó Inciso (Pseudo-Sipó Incised).

De acordo com os dados da cerâmica, durante os eventos relacionados com a história da Fase Mangueiras, há indicação de outra cultura arqueológica nas Ilhas Mexiana e Caviana, denominada Acauan (Meggers e Evans, 1957: 429-457).

A cerâmica relacionada à Fase Acauan chamou atenção dos seus autores pela abundância, variedade e complexidade da decoração, que inclui excisão (Acauan Excised), inciso (Carobal Incised) e corrugado (Floripes Incised), além de apêndices juntos às bordas, banhos vermelho e ponteados. Embora Meggers e Evans indiquem que não há possibilidade de obter, estratigraficamente, sua posição temporal em relação às outras culturas arqueológicas, certas características em comum com a Fase Mangueiras, como veremos a seguir, levaram estes autores a considerar Acauan e Mangueiras como Fases contemporâneas.

A seguir, entraria em cena a denominada Fase Formiga, que seria contemporânea com Mangueiras e talvez com Ananatuba, conforme a presença da “fidelidade” da cópia de fragmentos Sipó Inciso sugere. Menos formalizada decorativamente, tem a preponderância do escovado (Saúba Brushed), mas também o corrugado (Mucajá Corrugated) como tratamentos decorativos.

Alguns fragmentos cerâmicos da Fase Marajoara junto à cerâmicas da Fase Formiga fez com que Meggers e Evans (1957) considerasse a contemporaneidade de ambas. A composição da aldeia é menos consistente que as Fases predecessoras, mas parece ter incluído várias casas grandes, que, em duas das três aldeias escavadas, foram construídas em mounds artificiais baixos. Um sepultamento cremado, sem acompanhamentos, foi encontrado no meio do refúgio.

Esta é a base em que esta assentada toda periodização do arquipélago de Marajó no período anterior à Fase Marajoara. Entretanto, quando submetido ao escrutínio detalhado, os dados que sustentam tal sucessão de Fases arqueológicas na região não se sustentam.

Um grave problema emerge com a definição estanque de tipos com critérios baseados nas características de queima, onde espera-se que a coloração das superfícies e

do núcleo sejam conseqüências de procedimentos técnicos estandardizados, reproduzidos durante diversas gerações e, conseqüentemente, observável e delimitável no registro arqueológico e, portanto, ligado à determinadas culturas ou grupos sociais.

Schaan (2001: 161) sumariza de maneira bastante contundente tal problemática:

“Entendemos que as diferenças na queima da cerâmica indicam diferentes procedimentos técnicos, cujos efeitos não são totalmente controlados pelo ceramista, e não definem obrigatoriamente diferentes culturas ou grupos sociais na acepção dada por Meggers & Evans.”

Conforme Rye (1981), a cor de uma determinada cerâmica vai depender fundamentalmente da atmosfera da queima à qual o vasilhame foi submetido. Portanto, as diferentes características de queima identificadas nos fragmentos cerâmicos do arquipélago de Marajó e interpretadas por Meggers e Evans (1957) como representando uma sucessão de grupos culturais na região, cada qual chegando e subjugando a cultura anterior poderiam, assim, estarem muito mais ligadas com constrangimentos ligados ao acesso de matérias-primas, à tecno-função do objeto cerâmico construído ou ao domínio de técnicas de queima por indivíduos, mais do que à grupos étnicos específicos (Sinopoli, 1991; Rye, 1981, Rice, 1998).

Apesar de considerarmos a periodização como originalmente válida, quando nos debruçamos detidamente sobre os dados obtidos pelas escavações de Meggers e Evans, associados com recentes escavações e datações em sítios estilisticamente semelhantes no Baixo Amazonas e no Amapá, percebemos algumas interdigitações dos tipos nos níveis arqueológicos ou nas datações de cerâmicas semelhantes em áreas próximas, o que coloca em xeque a proposição original de Meggers e Evans de uma sobreposição sucessiva.

Primeiramente, alguns padrões decorativos parecem ser grandes fios condutores que ligam a Fase Ananatuba até mesmo à cultura arqueológica considerada imediatamente anterior à Marajoara, denominada Formiga. O tipo Sipó Inciso, por exemplo, ocorre em todas as Fases, não havendo uma ruptura evidente com a introdução de diferentes técnicas de queima que representariam uma nova cultura arqueológica. Não só não há ruptura, mas este tipo ocorre de forma significativa (mesmo que não predominante) nas Fases consideradas mais recentes. Outros tipos decorativos tal como os Corrugados estão presentes, de forma expressiva, desde pelo menos a Fase Mangueiras na Ilha de Marajó.

De fato, ao lermos atentamente a publicação de Meggers e Evans (1957: 219), a impressão é muito mais de um processo de mudança gradual dos tipos Ananatuba para os tipos Mangueiras e Acauan sucessivamente, com uma maior diversificação de formas e decorações conforme se passa de uma para outra Fase.

Podemos ver assim que a cerâmica do Formativo Inicial de Marajó mostrou alguns sinais de mudança ao longo do tempo, mas apenas traços menores são cronologicamente sensíveis, e vários sub-estilos persistem uns juntos com outros ao longo da sequência. Pode ser aceito então que por todo o episódio, motivos decorativos individuais sobreviveram por longos períodos, eventualmente sendo combinados com novos elementos para criar novos estilos de vasos. Assim, a mudança estilística associada com Sipó Inciso parece envolver um gradual incremento na variabilidade geral e um aumento da elaboração na decoração de vasilhames particulares.

Parece assim que estamos na presença de tipos decorados cerâmicos que, se não totalmente coexistentes, ocorrem em diferentes proporções desde a Fase Ananatuba até a proliferação dos estilos cerâmicos com a Fase Marajoara.

Desta forma, é difícil sustentar a hipótese de Meggers e Evans (1957) de ocupações sucessivas de populações se instalando no arquipélago de Marajó, parecendo mais haver uma continuidade entre os diferentes tipos das fases caracterizados por estes autores.

Descreveremos aqui as ocupações relacionadas com o Formativo Inicial de Marajó de forma fluída, sem procurar divisões nas características estanques que marcam as Fases na região, e procurando correlacionar este material com outros do entorno que possuam datações radiocarbônicas, a fim de tentar estabelecer uma cronologia relativa provisória até que pesquisas em contextos não Marajoaras se iniciem na região.

As cerâmicas do deste período no arquipélago de Marajó, como já exposto anteriormente, são predominantemente temperadas com caco moído. Como Schaan (2001) deixa claro, outros temperos foram encontrados associados em menor proporção à estas cerâmicas pelo Projeto Marajó, coordenado por Simões, tais como concha, fibra vegetal e osso, mas não descritos em Meggers e Evans (1957).

As formas consistem em tigelas não restringidas de contorno simples, tigelas não restringidas carenadas, tigelas restringidas de contorno simples, jarros restringidos de contorno simples, jarros restringidos com pescoço e jarros restringidos com pescoço e colar. Algumas tigelas possuem flange labial, onde são preferencialmente aplicadas incisões (Meggers e Evans, 1957: 210-211). Também foram encontrados outros artefatos cerâmicos além dos vasilhames, tais como cachimbos tubulares, expansores labiais e fragmentos de estatuetas.

44. Formas das cerâmicas do Formativo Inicial no arquipélago de Marajó. A: formas lisas; B: formas com pinturas; C: Formas com tratamento de superfície escovado; D: formas com tratamento de superfície inciso. Adaptado de Meggers e Evans (1957).

As decorações presentes são pinturas vermelhas sobre brancas, banhos vermelhos, escovados, corrugados, escovados incisões e excisões. Estas últimas, presentes de forma expressiva em sítios de Caviana e Mexiana, lembram muito motivos presentes nos sítios Pocó, e vão se desenvolver ainda mais no período Formativo Tardio, com a Fase Marajoara.

As incisões mais características estão representadas pelos padrões que Meggers e Evans definiram como Sipó Inciso (1957: 185-187). São incisões em linhas amplas, aplicadas no exterior de tigelas e jarros, podendo ter motivos simples, como linhas curvas abaixo da borda, linhas paralelas, linhas hachuradas ou círculos. O motivo diagnóstico no entanto, são incisões zonadas. Estas podem ser incisões finas hachuradas, espessas hachuradas ou paralelas. Estes tipos de incisões zonadas serviram para a definição da Tradição Hachurada-Zonada por Meggers and Evans (1961). Tal tradição, como inicialmente proposta, se estenderia da foz do Amazonas até os Andes, incluindo, além das cerâmicas do Formativo Inicial do estuário amazônico, complexos cerâmicos antigos, tais como Puerto Hormiga na Colômbia, Tutishcainyo no alto Amazonas e La Gruta no médio Orinoco (Meggers, 1987).

45. Padrões hachurado-zonados do tipo Sipó Inciso, presentes nas Fases Ananatuba, Acauan, Formiga e Mangueiras (modificado de Meggers e Evans, 1957).

No entanto, recentemente tal Tradição sofre revisões, não sendo mais aplicada à contextos além das cerâmicas Ananatuba e Jauarí, esta última localizada no Baixo Amazonas (Hilbert, 1968).

De fato, no entorno da Ilha de Marajó diversos contextos contendo cerâmicas com incisões hachurado-zonadas estão bem datados e nos dão indicações sobre novas conexões. No caso da Guayana, tais incisões são consideradas características comuns nas cerâmicas denominadas Saladóide, chegando a serem consideradas diagnósticas destes contextos datados entre a partir do início da era cristã (Boomert, 2000). No litoral equatorial do Amazonas o sambaqui do Bacanga forneceu contextos bem marcados por cerâmicas contendo incisões hachurado-zonadas, datados entre 2150+-30 e 1860+-30 A.P. (Bandeira, 2008). No Amapá e Guiana Francesa, a cerâmica definida como Ouanary Encoché e Caripo Kwep, os estilos antigos da Fase Aristé, guardam diversas semelhanças com as cerâmicas do Formativo Inicial do arquipélago de Marajó, e estão datadas a partir de 2000 anos A.P. (Rostain, 1994). Por fim, também há semelhanças entre as cerâmicas Acauan, das Ilhas Mexiana e Caviana com aquelas relacionadas aos contextos Pocó-Açutuba (Neves et ali, 2014).

Olhando as novas evidências do entorno do estuário do Amazonas, podemos assim propor uma correlação entre as ocupações do Formativo Inicial desta região com outras que parecem ocorrer simultaneamente, tais como os contextos Pocó-Açutuba no Baixo Amazonas, Saladóide e Ouanary Encoché da Guayana e os sambaquis do litoral atlântico.

Resta agora descrever os contextos relacionados às cerâmicas do Formativo Inicial no arquipélago de Marajó. As escavações restritas realizadas por Meggers e Evans evidenciaram poucas estruturas. Nos cortes realizados por estes autores foram identificados torrões de argila queimada misturados aos fragmentos cerâmicos. Tais

torrões, pela presença de negativos de vegetais impressos neles, foram interpretados como evidências de casas de pau-a-pique. Um sepultamento cremado, sem acompanhamento funerário, foi encontrado.

Os sítios são caracterizados por elevações no terreno, interpretadas como montículos não intencionais, ocasionados pelo acúmulo de refugo ao longo do tempo. Tais Mounds incipientes são comumente isolados, considerados evidências de casas comunitárias (Meggers e Evans, 1957: 591).

Escavações em área ampla de sítios contendo cerâmicas com incisões Sipó Inciso, localizados próximos à cidade de Macapá, permitiram entender melhor o padrão de assentamento relacionado à estas ocupações.

Nesta região diversos sítios habitação foram localizados, todos caracterizados por uma baixa visibilidade arqueológica. Os sítios só são percebidos através de cerâmicas dispersas em superfície, sem alterações perceptíveis na vegetação ou na coloração do solo.

Um conjunto de sítios, compondo múltiplas manchas de concentrações de artefatos foi melhor conhecido através de escavações em duas destas manchas. Uma destas manchas, denominada Macapaba, possuía um diâmetro de 20x10 metros de diâmetro. Apesar desta mancha estar bastante perturbada pela retirada dos primeiros centímetros de solo para supressão vegetal destinada à construção de um residencial, pudemos perceber algumas estruturas ligadas à uma unidade doméstica, tais como buracos de poste e fossas contendo terra preta, fragmentos cerâmicos e carvões.

Uma segunda mancha, denominada IFAP, encontrava-se muito bem preservada, mostrando uma boa integridade de sua camada arqueológica. Esta mancha também não era grande, chegando a um máximo de 25x20 metros de área.

Uma série de estruturas formadas por concentrações de argila queimada foram encontradas. Estas estruturas eram lineares e formavam uma estrutura retangular que sugeria o piso de uma habitação. Concentrações de argila calcinada semelhantes foram encontradas na ilha de Marajó por Meggers e Evans (1957) em sítios das Fases Ananatuba e Mangueiras. Na época, com base em escavações de pequenas dimensões, estes pesquisadores sugeriram tratar-se de estruturas de parede tipo “pau a pique”. No entanto, com base em nossas escavações em área ampla nesta mancha do sítio IFAP, possibilitando a visualização da organização destas concentrações de argila queimada, sugerimos que elas se tratam muito mais de evidências de piso do que de paredes.

As principais estruturas negativas localizadas nesta mancha foram as fossas. Elas são caracterizadas principalmente por uma forma circular, com fundo oval, e a relação diâmetro - profundidade é na ordem de 2-1. Seu preenchimento é escuro e areno-argiloso, contendo fragmentos cerâmicos erodidos e pequenos, além de restos vegetais carbonizados, sendo suas paredes revestidas por argila. Por estarem associados ao piso da casa sugere-se que se tratam, muito provavelmente, de estruturas de armazenamento. Além delas, foram encontradas concentrações densas de material cerâmico na periferia da área escavada, sugerindo áreas de descarte secundário de artefatos.

A organização espacial das estruturas forneceu indicações fortes sobre a natureza e forma do sítio encontrado. Primeiramente, os alinhamentos formados por estas estruturas indicam uma macro-estrutura retangular na área escavada, que mostram claramente a presença de uma casa no local. Associadas às estruturas de argila queimada também encontramos no interior do que seria esta antiga habitação indígena, fossas. Neste caso sugerimos tratar-se de uma espécie de silo para armazenamento. Através da densidade dos artefatos encontrados na escavação, associados à presença de

duas estruturas tipo lixeira na porção sudeste da escavação, sugerimos por fim que esta era uma área reservada para o descarte no sítio.

A cerâmica encontrada nestas estruturas domésticas não é abundante, sendo basicamente temperada com fibra vegetal, com queima oxidante incompleta. As poucas formas que puderam ser reconstituídas a partir dos fragmentos dão conta de tigelas e jarros de contorno simples. As decorações são basicamente formadas por composições de excisão e incisão. Chama a atenção a semelhança de alguns padrões idênticos aos dos tipos “Sipó Inciso” e “Pseudo Sipó-Inciso” da sequência cerâmica definida por Meggers e Evans para o arquipélago de Marajó. As duas datações disponíveis para a mancha IFAP colocam a ocupação entre 1229 e 969 anos A.P. (1190+30 3 1140+30 A.P. cal. 94,5%).

46. Plano da área escavada no sítio IFAP, com a presença das estruturas e densidade de artefatos.

47. Cerâmica relacionada com a mancha IFAP, com incisões do tipo Sipó Inciso e excisão.

3.3. O Formativo Inicial no Amapá: Os Sítios Ouanary Encoché

Na área entre os rios Calçoene e Approuague, um complexo descrito por Rostain (1994), denominado *Ouanary Encoché*, caracteriza o início da longa sequência de ocupação da região pela denominada Fase Aristé (Meggers e Evans, 1957). Dois tipos de sítios podem ser atribuídos à fase inicial da cerâmica Aristé: as aldeias e as grutas.

Os padrões de assentamento gerais da Ouanary Encoché não eram bem entendidos, dado que a maior parte dos sítios estudados estavam com mistura de ocupações tardias, perturbando e misturando os contextos. Além disto, o caráter restrito da maioria das escavações anteriormente feitas (áreas de cerca de 1x1 metros, ou ainda, meras coletas de superfície) restringiam o entendimento destes sítios.

Entretanto, recentes pesquisas no Amapá e oeste da Guiana francesa, envolvendo escavações mecânicas em grande superfície em sítios claramente Ouanary Encoché, estão demonstrando um padrão recorrente para este período: grandes aldeias, algumas com mais de 20.000 metros quadrados, com a construção de diversas casas, como atestado pela profusão de negativos de esteios encontradas nas escavações.

Muitos destes sítios possuem evidências de um esforço coletivo de seus habitantes na forma da construção de grandes fossos delimitando o espaço ocupado, caracterizando os sítios conhecidos regionalmente como “montanhas coroadas”.

As áreas delimitadas por estes fossos variam entre 0,5 e 3,5 ha., com alguns fossos podendo alcançar 3 metros de profundidade. Os fossos são algumas vezes interrompidos por elevações de terra interpretadas como entradas para o interior destes recintos. Foram ainda documentados negativos de postes, sugerindo a existência de paliçadas. Todas estas evidências parecem apontar para um caráter defensivo destas estruturas (Mestre, 1997).

Sítios cerimoniais\funerários bem documentados não foram ainda descritos para este período. Apesar de haver indicações de urnas funerárias Ouanary Encoché em grutas, os dados ainda são precários para um melhor entendimento sobre a composição e estrutura dos sítios cerimoniais deste período. Tudo isto parece indicar que este tipo de sítio não era bem desenvolvido nesta parte da cronologia Aristé.

As Grutas

Várias grutas relacionadas às ocupações Ouanary Encoché foram encontradas nas colinas junto ao estuário do rio Oiapoque (principalmente na Montanha Bruyere, nos montes do Observatório e nas colinas do Ouanary).

Apesar de várias delas serem conhecidas desde 1976 (D.B.A., Crique déau Bonda, Deux Fentes Roche, Trou Chauvesouris, Trou Couleuvre e Trou Crique Déau

Alexis), apenas as grutas Trou Kalina e Ti-Jarre tiveram material recolhido (Rostain, 1994).

As grutas relacionadas às ocupações Ouanary Encoché só foram melhor conhecidas através do projeto Oiapoque, desenvolvido por Stephen Rostain. Dentro deste projeto quatorze sítios foram estudados (Abri Marcel, Abri Patagaie, Carapa II, Carapa III, Carbet Mitan, Gaston, Moustique, Sebeloue I, Sebeloue II, Sebeloue III, Sebeloue IV, Trou Comou, Trou Pac, Trou Tigre), mas somente quatro foram objeto de escavação em área ampla por Rostain (1994), Moustique, Abri Marcel, Abri Patagaie e Carbet Mitan. Tais escavações forneceram informações mais completas de seus conteúdos e sua função, apesar das perturbações horizontais e verticais dos vestígios. Nenhuma estrutura antrópica foi localizada.

Apesar de todas indicações de suas composições sugerirem uma função doméstica para estes sítios, suas dimensões restritas desafiam sua interpretação. Rostain (1994) sugere tratem-se de habitações de curta duração, destinadas à retiros sociais ou rituais de pessoas ou famílias das aldeias em períodos específicos (puberdade, menstruação, iniciações, etc.).

A gruta Moustique trata-se de uma das menores localizadas na região e sua dimensão restrita não permitiria mais do que uma pessoa em seu interior.

As escavações revelaram uma camada arqueológica de cerca de 30 cm de profundidade, nível onde a rocha de base da gruta surge. Os vestígios se apresentam de maneira aparentemente ordenada, ocupando a base das paredes do fundo.

A cerâmica localizada foi classificada como pertencente ao tipo Caripo Kwep. Alguns fragmentos de quartzo lascado também foram localizados.

Os outros três abrigos escavados por Rostain (1994) possuem uma superfície entre 16 e 20 m², e uma espessura do depósito variando entre 60 e 100 cm de

profundidade. Neles, o nível mais denso de artefatos cerâmicos fica entre 25 e 40 cm de profundidade, enquanto a quantidade de material lítico se intensifica entre 40 e 60 cm. Esta diferença, segundo o autor, não se deve à uma diferença na ocupação dos abrigos, mas se explica pela particularidade de cada material, com o lítico sendo mais propício à migrar mais para o fundo da camada, enquanto a cerâmica ficaria relativamente no lugar de deposição.

No sítio Patagaie um afloramento de 2 metros de diâmetro, localizado à 2 metros da entrada do abrigo, forneceu a base para a instalação de duas fogueiras sucessivas no mesmo local. Os fragmentos cerâmicos estão claramente associados à estas estruturas, sendo numerosos no seus entornos, enquanto os restos de debitage e artefatos líticos estão agrupados na entrada e na área imediatamente exterior da área protegida, onde há mais luz. Em Carbet Mitan o material é mais abundante no centro do abrigo, na área em frente à entrada, enquanto uma estrutura de fogueira foi identificada junto à parede de fundo.

Apesar das evidências de atividades ligadas ao consumo e processamento de alimentos por longos períodos de tempo, as baixas condições de habitabilidade destas grutas, com tetos baixos e pouca área coberta, fez com que Rostain (1994) interpretasse tais locais como áreas de atividades específicas, possivelmente ligadas à rituais de passagem.

As aldeias com Fossos – as “montanhas coroadas” da Guiana Francesa e Amapá

O primeiro uso da palavra "montanha coroada" na Guiana Francesa, aparece em Emile Abonnenc. Em 1987, durante a realização do XII Congresso da Associação Internacional para o Caribe Arqueologia em Cayenne, Hugues Petitjean-Roget apresenta um inventário sobre a presença de 16 montanhas cobertas (Petitjean-Roget 1991). Os

sítios estão divididos da seguinte forma: seis locais na bacia do Oiapoque, quatro na bacia do Approuague, um na bacia do Mana e cinco locais na bacia do Maroni.

Alguns anos mais tarde, em 1997, em seu livro sobre arqueologia na Guiana, Guy Mazière refere-se a trinta locais denominado por ele de “defensivo”s (colinas com fosso). Desde os trabalhos sistemáticos levados à cabo por Mickael Mestre do INRAP o inventário aumentou consideravelmente. Em 2016 a Carta Arqueológica da Guiana Francesa registra cinquenta “montanhas coroadas” na região. Mestre (2016), no entanto, afirma que esta realidade é subestimada, devendo ainda muito mais sítios deste tipo serem descobertos a medida que se conhecerem os territórios do interior.

Desde a descoberta deste tipo de sítio, diversos trabalhos de escavação foram realizados a fim de entendê-los.

A hipótese defensiva para estes sítios com fosso é a mais comumente aceita, sendo sua construção uma resposta da época para disputa de territórios por diferentes grupos indígenas (Mazière 1992).

Versteeg por sua vez, pela falta de artefatos em sua escavação no sítio Pondorkreek, localizado no Suriname, estima que estes sítios teriam caráter mais cerimonial (Versteeg, 1980).

Através de suas próprias pesquisas, Mestre (2013) afirma que os sítios de montanhas coroadas devem ser avaliados caso a caso, pois a diversidade que encontra em suas escavações faz com que ele proponha um programa intensivo de investigações e datações para melhor compreensão deste tipo de sítio. No entanto, os dados já disponíveis podem fornecer boas indicações sobre sua natureza e função ao longo do tempo, como veremos nesta tese.

Entretanto, a escavação ampla de quatro destes sítios com fossos, todos contendo cerâmica Ouanary Encoché e datados do primeiro milênio d. C., permitiram uma boa

visualização das estruturas associadas que nos levam a acreditar que, pelo menos alguns destes sítios são, de fato, aldeias.

Um destes sítios é denominado Montagne Favard. Ele localiza-se na serra de Kaw, na bacia do Approuague, na Guiana Francesa, sendo caracterizado como um sítio no topo da montanha, em cuja área de acesso mais fácil a este topo, com menor declividade, foi construído um fosso medindo 25 metros de comprimento, largura de 4,5 metros e profundidade atual de 1,6 metros. Todos outros acessos à área originalmente habitada pelos indígenas na colina são dificultados pela forte inclinação do terreno. A área total do sítio compreende 3ha (Boualy, 1994).

As escavações foram realizadas em 1995 e 1996 neste sítio por Guy Mazière, do *Service Regional Archeologique* da Guiana Francesa, e tinham três objetivos principais: entender a estruturação do fosso; verificar a existência de uma possível entrada para a área fechada através de uma rampa visível que corta o fosso; decapar a área imediatamente após o fosso, a fim de verificar se o sítio trata-se mesmo de uma aldeia. Para atingir tais objetivos, as áreas escavadas foram as seguintes:

- Setor I: abordou a base do fosso, que atingiu 2,30 metros de profundidade na escavação. O preenchimento do fosso se mostrou heterogêneo, contendo diversos nódulos lateríticos derivados do substrato. Além disto, foram encontrados nos níveis superiores, associados aos nódulos lateríticos, diversos fragmentos cerâmicos e artefatos líticos soltos sem formar estruturas, que Mazière interpretou como derivados da habitação próxima ao fosso. Já nas porções basais foram encontradas deposições de cerâmicas inteiras e/ou fraturadas *in situ*.

- Setor II: escavado na porção externa do fosso, procurando evidências estratigráficas da deposição de rejeitos derivados da construção desta estrutura. A

escavação mostrou que esta deposição enterrou um paleo-solo de uma ocupação anterior à construção do fosso, contendo muita cerâmica e lítico.

- Setor III: decapou uma superfície de 20 m², evidenciando um nível de ocupação caracterizado por buracos de poste, fossas e cerâmicas in situ, associados à diversos blocos de laterita que parecem ter servido de suporte dos postes de antigas habitações.

O sítio Montagne Favard foi datado entre 1809 e 1558 anos A.P. (1750+45 A.P. cal.95,4%).

48. Sítio Montagne Favard: Escavações do fosso.

49. Sítio Montagne Favard: Decapagem na área interna ao fosso, mostrando paleo solo contendo lítico e cerâmica associado a buracos de poste.

O sítio denominado Pointe Maripa localiza-se no topo de um morro na confluência dos rios La Conté e Oyak, próximo à Caiena, Guiana Francesa, sendo caracterizado por uma área circundada por dois fossos. Este sítio foi escavado por Mickael Mestre (1997; 2010) com o objetivo principal de entender a estruturação e conteúdo destes fossos.

50. Planta do sítio Pointe Maripa, mostrando os dois fossos e o local das intervenções realizadas (créditos SRA Guyane).

Tais escavações, foram realizadas através de duas trincheiras com pá mecânica, que cortaram os dois fossos e o talude construído entre eles em dois locais diferentes do sítio, um mais ao norte e outro mais à sul.

Estas escavações revelaram a presença de buracos de poste associados aos fossos, perceptíveis nos cortes realizados, bem como a presença expressiva de deposição cerâmica no fundo da fossa interna. As datações obtidas para o sítio ficaram entre 1926 e 1414 anos A.P. (1930 $\pm$ 25 A.P., 1740 $\pm$ 25 A.P., 1710 $\pm$ 25, 1685 $\pm$ 45 A.P., 1600 $\pm$ 25 A.P. cal. 95,4%).

51. Sítio Pointe Maripa. À esquerda corte do fosso mostrando, junto ao talude, negativos de poste (marcados por flechas brancas). À direita densa deposição de cerâmica no fundo do fosso. Fotos de Mickael Mestre.

O sítio Pointe Blondin está localizado em um topo de morro junto ao rio Oiapoque, fronteira entre o Amapá e Guiana Francesa, sendo caracterizado por um sítio marcado por um fosso exterior que circunda uma área de um pouco mais de 1ha.

O fosso possui pouca profundidade, com um pouco mais de 1 metro da superfície atual do solo, mas é claramente marcado por um talude interno construído através do rejeito derivado da construção do fosso.

As escavações realizadas por Mickael Mestre em 2006 e 2012 foram feitas através de trincheiras que decaparam áreas internas do sítio, bem como variadas porções do fosso, que chegou à uma área total de 1174 m².

A estratigrafia observada foi bastante simples, sem um nível de terra preta observável, apenas uma fina camada escura em contato com o substrato argiloso, que continha os artefatos encontrados.

Já o preenchimento do fosso era pouco estratificado, sem sucessão de camadas arqueológicas. O que se observou foi somente uma única camada escura no fundo do fosso, contendo artefatos cerâmicos e carvões. Sobre esta camada foi verificado o nível de preenchimento propriamente dito, formada por um sedimento argiloso marrom claro, derivado do processo de lessivagem das paredes.

As estruturas observadas foram essencialmente buracos de poste, além de um depósito de cerâmica. As datações obtidas para o sítio ficaram entre 1810 e 1306 anos A.P. (1780 $\pm$ 25 A.P., 1630 $\pm$ 25 A.P., 1465 $\pm$ 25 A.P. cal. 95,4%).

Por fim, outro sítio bem estudado trata-se do sítio Ponte do Oiapoque. Os resultados obtidos nas escavações deste sítio permitiram visualizar de maneira ampla as estruturas arqueológicas relacionadas com uma aldeia com fosso relacionada às ocupações Ouanary Encoché. Situado no platô de uma colina alta, cerca de 40 metros acima da margem direita do rio Oiapoque, o sítio foi objeto de resgate devido à futura escavação da ponte binacional ligando o Amapá à Guiana Francesa, o que permitiu a abertura de quase 4.000 m² de área escavada, apresentando um total de 243 estruturas claramente antrópicas, além de uma camada de terra preta contendo grande quantidade de fragmentos cerâmicos e artefatos líticos.

A distribuição espacial de artefatos e estruturas mostrou que a ocupação está limitada a parte mais alta e plana do platô, com pelo menos quatro áreas principais de estruturas contendo concentrações de buracos de poste e fossas preenchidas por cerâmicas, que podem ser interpretadas como casas. Estas casas, segundo o padrão dos alinhamentos de postes, deveriam ser circulares. Outros postes não ofereceram alinhamentos claros, podendo se tratar de estruturas anexas (áreas de atividades, postes para outras funções, etc.). Na periferia destas concentrações de estruturas a densidade de

artefatos é muito maior, caracterizando um padrão de descarte nas áreas externas às casas.

Quatro tipos de estruturas negativas foram encontrados: os buracos de poste, as fossas, os poços e o fosso. Estas estruturas aparecem após a retirada da camada superior de terra preta, apresentando internamente um preenchimento areno-argiloso escuro, se diferenciando claramente do sedimento exterior marrom alaranjado. A formação de tais estruturas se deve a uma perturbação antrópica da segunda camada que recebe elementos da camada superior.

Cento e oitenta e cinco estruturas negativas puderam ser caracterizadas como buracos de poste de antigas cabanas que existiam no local. Todos apresentavam uma abertura arredondada e forma cilíndrica. Sete destas estruturas apresentavam rochas na borda, formando uma coroa para sustentação do poste. Uma estrutura de buraco de poste apresentou ainda uma concentração de cerâmica em sua borda.

O conjunto de buracos de poste corresponde certamente a construções em madeira. Os sítios de habitação pré-coloniais, tanto no Amapá quanto na Guiana Francesa, lugares onde as escavações em grandes áreas têm permitido a ampla visualização deste tipo de estrutura, são verdadeiras nuvens formadas de buracos de poste e algumas fossas (ver Mestre, 2009, Van den Bel, 2007, Saldanha e Cabral, 2009). Neste caso, a interpretação que se faz é que as casas e estruturas em madeira, por serem bastante perecíveis em meio tropical super-úmido, são reconstruídas ou rearranjadas de lugar durante o tempo de ocupação do sítio. Na maioria dos casos, um plano preciso das casas da região das Guianas é extremamente difícil de obter. Os alinhamentos de buracos de poste, na maior parte dos casos, somente sugerem a localização das antigas habitações.

52. Sítio Arqueológico Ponte do Oiapoque: Estruturas tipo buraco de poste. À esquerda, coroa de pedras. À direita, concentração de fragmentos cerâmicos.

As fossas encontradas no platô superior contabilizam doze unidades. Elas possuem tamanhos variados. Algumas são de pequenas dimensões, medindo não mais que 30 cm, enquanto outras são grandes, com mais de 1 metro de abertura superior. Elas são caracterizadas principalmente por uma forma circular ou retangular, com fundo oval, e a relação diâmetro-profundidade é na ordem de 2-1. Seu preenchimento é escuro e areno-argiloso, contendo uma grande quantidade de fragmentos cerâmicos erodidos e pequenos.

53. Sítio Arqueológico Ponte do Oiapoque: Estruturas tipo fossa.

Outro tipo de estrutura negativa encontrada foram poços. De natureza muito semelhante às fossas, contendo um preenchimento também areno-argiloso e escuro, os poços se diferenciam destas devido a sua forma: de abertura circular ou retangular,

fundo plano, paredes retas e relação diâmetro-profundidade de 1-2. Apesar de alguns deles possuírem formatos sugestivos, lembrando os poços funerários encontrados no norte do Amapá (Goeldi, 2005- Cabral e Saldanha, 2008), seu interior é vazio, e os únicos artefatos cerâmicos encontrados estão no seu preenchimento, sendo todos muito fragmentados e erodidos.

54. Sítio Arqueológico Ponte do Oiapoque: Estruturas tipo Poço.

No limite sul do platô, delimitando a área de maior concentração de buracos de poste e artefatos foi localizado o fosso, característico dos sítios habitação Ouanary Encoché, que foi soterrado por deposições de cerâmica, interpretadas como lixeiras. A porção descoberta do fosso possui 2,50 m de abertura, 2,1m de profundidade máxima e uma extensão de 15 metros na área escavada. Mais porções deste fosso encontram-se preservadas sob a mata em áreas não escavadas do sítio, conforme pudemos perceber nos perfis. Em diversos pontos do fosso foram detectadas estruturas tipo buraco de poste, o que pode estar ligado à presença de uma paliçada no seu interior.

55. Sítio Arqueológico Ponte do Oiapoque: Fosso delimitando parte do sítio. Acima, deposições de cerâmica interpretadas como lixeiras para tapar o fosso. Abaixo a porção descoberta do fosso, totalmente escavada.

Por fim, outro tipo de estrutura encontrada esta relacionada com a deposição de vasilhas cerâmicas em pequenas fossas escavadas para sua contenção. Dezesete estruturas deste tipo foram escavadas, todas tratando-se quase todas de vasilhas ceramicas que parecem ter sido intencionalmente quebradas antes de sua deposição. Em somente um caso a vasilha foi depositada inteira e em seu interior foi identificado um crânio humano, ligando esta estrutura com um contexto funerário.

56. Sítio Arqueológico Ponte do Oiapoque: Estruturas de deposição de cerâmica.

A datação realizada a partir de amostra derivada do fundo do fosso permitiu situar a ocupação do sítio entre 1288-1176 anos A.P. (1280 $\pm$ 30 A.P. cal. 95,4%).

57. Planta da área escavada na Ponte do Oiapoque mostrando a distribuição das estruturas

A maior parte da cerâmica aqui apresentada consiste em artefatos derivados das estruturas acima descritas. O inventário cerâmico lida com cerca de 63 Números Mínimos de Vasilhames (NMV), dos quais 18 são perfis completos³.

Mais da metade dos vasilhames (52%) foram temperados com mistura de caco moído e quartzo ou, em menor quantidade, simplesmente quartzo (19%) e granito moído (16%). Outros antiplásticos foram também identificados (Silva, 2016: 87).

Cerca de 44% dos NMV apresentaram decoração, que podem ser compostas por incisões, ponteados, engobo, pintura e apliques modelados. Os engobos são predominantemente vermelhos, ocorrendo, em apenas 2% dos casos, engobos pretos.

As incisões, cuja seção transversal é em formato de “U”, podem ser retilíneas em linhas longas ou curtas, curvilíneas ou em zig-zag. Outras decorações plásticas presentes são os ponteados, digitados, ungulados e raspado.

Os apliques modelados podem ser em forma de botão, roletes ou, ainda, biomorfos, além de outros não identificados.

Já a pintura observada trata-se de traços vermelhos, pretos ou amarelos aplicados sobre a pasta natural da cerâmica (sem engobo).

Os NMV's permitiram isolar 11 formas principais:

³ Uma descrição mais detalhada da análise cerâmica do sítio foi realizada por Michel Bueno Silva (2016), em sua dissertação de mestrado.

Forma 1: tigelas esféricas de contorno simples, não restringida, possuindo diâmetros entre 6 e 58 cm, temperadas predominantemente com mistura de caco moído e quartzo. As decorações presentes podem ser incisões, ponteados, digitado, engobo vermelho ou ainda apliques biomorfos.

Forma 2: jarro ou garrafa esférica, infletida, fortemente restringida por um pescoço longo, com diâmetros entre 6 e 15 cm, temperado com mistura de caco moído e quartzo. Podem ocorrer engobos vermelhos, incisões, ponteados e apliques nesta forma.

Forma 3: tigelas esféricas de contorno simples, não restringida, com presença de flange labial, possuindo diâmetros entre 10 e 42 cm, temperada predominantemente com mistura de caco moído e quartzo. As decorações presentes são as incisões, ponteados, banhos vermelhos e apliques em forma de botão ou biomorfo. As decorações incisivas, ponteadas e modeladas quase sempre estão restritas às flanges. Algumas formas apresentam base em pedestal.

Forma 4: tigelas esféricas de contorno simples, restringidas, possuindo diâmetros entre 8 e 56 cm, temperadas predominantemente com mistura de caco moído e quartzo. As decorações presentes são as incisões, engobos vermelhos ou pretos, além de apliques e roletes aplicados sobre a parede.

Forma 5: Jarro ovalóide de contorno infletido, restringido por um pescoço, possuindo diâmetros entre 10 e 38 cm, temperados predominantemente com mistura de caco moído e quartzo. As decorações podem ser através de engobo vermelho ou incisões.

Forma 6: tigela ovalóide, de contorno infletido, restringida, possuindo diâmetros entre 6 e 56 cm, temperada predominantemente com caco moído e quartzo. As decorações podem ser através de engobo vermelho ou incisões.

Forma 7: tigela carenada, restringida, possuindo diâmetros entre 8 e 13 cm, temperada predominantemente com mistura de caco moído e quartzo. As decorações verificadas tratam-se de incisões e, em um caso, apliques em forma de botão.

Forma 8: prato ou assador não restringido, possuindo diâmetros entre 8 e 44 cm, temperado predominantemente com quartzo ou granito moído. As decorações presentes podem ser incisões, engobos vermelhos e apliques. Algumas vasilhas deste tipo possuem vista superior naviforme.

3.3.1. Uma discussão sobre a periodização e atribuição da cerâmica Ouanary Encoché

Apesar da fase Aristé ter sido definida desde a década de 50 por Meggers e Evans (1957), o refinamento cronológico deste complexo cronológico só foi obtido por Rostain (1994), através de suas escavações em três abrigos sob rocha, análise cerâmica e datações radiocarbônicas.

De acordo com o autor, a fase Aristé inicia na região do Oiapoque na metade do primeiro milênio depois de cristo com o tipo “Ouanari Encoché”, da tradição inciso-ponteadas com um componente policrômico. O tipo Ouanary Encoché seria caracterizado por antiplástico mineral (sobretudo o quartzo), com uma pasta marrom-avermelhada e incisões nas bordas e flanges labiais, havendo pinturas monocromáticas vermelhas ou brancas e algumas peças policrômicas.

Baseado em escavações realizadas através de níveis artificiais em três abrigos sob rocha, Rostain, apesar de reconhecer a perturbação vertical da estratigrafia pela lixiviação, indica que este tipo dominaria os níveis mais inferiores dos abrigos e seria, portanto, mais antigo. Através de datações radiocarbônicas obtidas em dois destes abrigos, podemos situar o tipo Ouanary Encoché entre o início da era cristã (2070+/-45 A.P.) e o século IX D.C. (1170+/-30 A.P.).

Na metade da sequência teria surgido o tipo “Caripo Kwep”. Este tipo é caracterizado por um antiplástico de Cariapé, uma pasta amarelo-avermelhada e decorações incisadas complexas. Apesar da cerâmica característica deste tipo estar distribuída ao longo dos níveis dos três abrigos escavados e não haver nenhuma datação radiocarbônica diretamente associada, Rostain estimou seu surgimento entre 850 e 1350 anos A.P., sendo visto como marcador da mudança entre os tipos Ouanary Encoché e Enfer Polychrome. Apesar de originalmente ter sido proposto como representante de um

período “Aristé médio” mais recentemente Rostain (2011) propôs que este tipo seria consequência da intrusão de um grupo não Aristé derivado do Baixo Amazonas. Rostain (2011) vê semelhanças entre o Caripo Kwep e as cerâmicas Pocó, Itacoatiara e Açutuba do baixo e médio Amazonas, o que não seria incompatível com a proposta cronológica para o tipo.

A cronologia teria continuidade com o tipo “Enfer Polychrome”, representando o período denominado por ele de Aristé Recente. Este tipo é caracterizado pela presença de caco moído como antiplástico, formas complexas, decoração policrômica, incisões e apliques zoo e antropomorfos. Na estratigrafia dos abrigos escavados este tipo substituiria gradativamente o tipo Ouanary Encoché, sendo predominante nas camadas superiores. Com datações feitas em duas grutas funerárias, Trou Reliquaire (530+-60 A.P.) e Trou Agae (310+-100 A.P.) Rostain situa o tipo Enfer Polychrome entre os séculos 14 e 17 D.C.

Apesar de considerarmos a periodização como originalmente válida, quando nos debruçamos detidamente sobre os dados obtidos pelas escavações de Rostain, associados com recentes escavações realizadas pelo IEPA e INRAP no Amapá e Guiana Francesa, respectivamente, percebemos algumas interdigitações dos tipos nos níveis e estruturas arqueológicas, o que coloca em xeque a proposição original de Rostain de uma sobreposição sucessiva.

De fato, se observarmos o gráfico abaixo, mostrando a distribuição dos tipos ao longo dos níveis nos três abrigos sob rocha escavados, podemos fazer algumas observações.

58. Gráfico de distribuição de tipos cerâmicos nos níveis em diferentes abrigos.

Primeiramente, o tipo Ounary Encoché ocorre em todos os níveis, não havendo uma ruptura evidente com a introdução do tipo Enfer Polychrome. Não só não há ruptura, mas este tipo ocorre de forma significativa (mesmo que não predominante) nos níveis superiores. No Amapá, por exemplo, se considerarmos a pasta característica do Ounary Encoché, este tipo ocorre não só diretamente associado com o Enfer Polychrome, mas esta também associado com formas antropomorfas com pinturas policrômicas, que seriam tipicamente Aristé Recente.

O tipo Caripo Kwep não parece representar uma introdução exógena no meio da sequência da sequência pois ocorre, mesmo que em baixa proporção, em todos os níveis, desde os inferiores até os superiores.

O tipo Enfer Polychrome, cuja presença somente se daria a partir do ano 1100 D.C., apesar de ser predominante nos níveis superiores está presente, de forma expressiva, desde os níveis de base dos abrigos escavados.

Parece assim que estamos na presença de três tipos coexistentes, mas em diferentes proporções, desde a inepção da Fase Aristé (início da era cristã) até o contato com os europeus.

Desta forma, é difícil sustentar a hipótese de Rostain de ocupações sucessivas de populações Aristé se instalando nos abrigos ao longo de 15 séculos, parecendo mais haver uma continuidade entre os diferentes tipos da fase Aristé. Rostain, mesmo sustentando a sucessão entre Ouanary Encoché e Enfer polychrome, concorda com a continuidade ao afirmar que “la aparición de la policromía durante el Aristé Reciente no modifica de manera fundamental los decorados, sino todo lo contrario, por la soltura del trato pictórico y las composiciones más complejas” (Rostain, 2011: 19-20).

Na presente tese, discordamos de Rostain na sucessão estanque dos tipos Aristé ao longo do tempo, mas mantemos, com um refinamento cronológico derivado de novas datações radiocarbônicas realizadas em sítios da região sob estudo, a periodização proposta pelo autor.

Desta forma nos aproximamos da proposta mais recente de Neves (2010) aplicada em suas pesquisas na Amazônia Central. Fugimos do foco na cerâmica como único suporte para interpretação do passado, mas mantemos as classificações anteriores como um ponto de partida para organizar a variabilidade cultural, social, demográfica e política das ocupações indígenas da Amazônia, através da associação com outros aspectos do registro arqueológico, tais como padrões de assentamento, estruturas e feições associadas (Neves 2010).

Propomos assim uma nova periodização para a região compreendida entre os rios Araguari e Approuague que será utilizada na presente tese. Tal periodização leva em conta não só elementos estilísticos da cerâmica, mas também características de sítios associados e eventos específicos que foram identificados.

No início da era Cristã o estilo Ouanary Encoché está presente na área compreendida entre o rio Amapá e a Ilha de Cayenne. Apesar de originalmente ter sido classificada como filiada à tradição Inciso-ponteadas, suas características estilísticas, tais como flanges com abundantes decorações incisivas, apliques abstratos e zoomorfos, além das datações mais recuadas, nos levam a concordar com Van Den Bel (2015:461) que o Ouanary Encoché está mais ligado à cerâmica Borda Incisa-Barrancóide do que com a tradição inciso-ponteadas. De fato, se observarmos as pranchas presentes em Evans e Meggers (1960), a cerâmica filiada à fase Mabaruma possui enormes semelhanças com o Ouanary Encoché, podendo haver aí uma ligação histórica entre ambas.

Em torno do ano 1000 D.C., surge o estilo Enfer Polychrome com uma proliferação de sítios, que trataremos mais detalhadamente no capítulo seguinte.

4. O Período Cerâmico Tardio

Como podemos perceber no capítulo anterior, o Formativo Inicial na Guayana é caracterizado por uma homogeneidade regional dos estilos cerâmicos, todos marcados pela presença de incisões, excisões, algumas pinturas e adornos biomorfos. As primeiras alterações significativas na paisagem também surgem, tais como terras pretas, mounds e valas circundantes.

No entanto, a partir de cerca do ano 1000 A.P. podemos visualizar na Guayana oriental uma verdadeira explosão de diferentes entidades arqueológicas, caracterizando uma das áreas mais diversas da Amazônia. De fato, desde a foz do rio Orinoco até a ilha de Marajó pelo menos onze estilos cerâmicos que são total ou parcialmente contemporâneos, foram identificados, todos definidos através de cerâmicas altamente decoradas, tomadas como “fósseis-guia” para identificação destas culturas arqueológicas. Tais estilos cerâmicos estão distribuídos em três principais áreas fisiográficas: a costa atlântica, estuário do Amazonas e as áreas serranas do interior.

Os complexos cerâmicos presentes na costa foram encaixados nos complexos Aristé, Aruã, Mazagão, Marajoara, Maracá (Meggers and Evans 1957), Thémire, Barbakoeba, Kwatta (Rostain, 1994) e Hertenrits (Boomert, 1980), além de um novo estilo identificado através de coleções de museus, e descrito na bibliografia arqueológica como Caviana ([Rostain 2013](#)). Já no interior de florestas serranas as cerâmicas foram reconhecidas como filiadas à fase Koriabo (Boomert, 2004; Rostain, 1994).

Os pesquisadores que se voltaram ao estudo dos contextos associados a estes diferentes complexos, até muito recentemente, reforçam em suas sínteses uma compreensão normativa de culturas arqueológicas, e os únicos pontos de discussão

referem-se à caracterização geral, cronologia, e à origem ou dispersão (Meggers and Evans, 1957; Boomert, 2004).

Com isso, a maneira como a classificação de sítios arqueológicos nestes complexos tem sido usada segue uma tendência mais ampla de encaixar o registro arqueológico em categorias homogêneas como Fases e Tradições e, principalmente, baseado tão somente nas urnas ou vasos decorados

O problema é quando este termo carrega junto um pacote de outras afirmações que vão além de uma descrição de características próprias do conjunto. Do ponto de vista de um novo enfoque teórico que tem norteado a Arqueologia Amazônica contemporânea, existe hoje em dia um consenso entre os arqueólogos de que as culturas arqueológicas não representam unidades sociológicas, sendo então consideradas classificações dos vestígios arqueológicos, baseadas em características do material encontrado nos sítios.

Tendo isto em mente passamos a descrever os complexos cerâmicos de uma maneira mais fluída. De fato, as pesquisas recentes no Marajó, Amapá, Guiana Francesa, Suriname e Guiana Inglesa demonstram que amplas redes de troca deveriam estar em funcionamento no litoral e interior das Guianas, no período pré-colonial (Veersteg 2003 ; Boomert 2004; Rostain 2009; Van den Bel, 2015), fazendo eco com as sugestões de antropólogos de que as atuais redes de trocas ameríndias devem ter profundidade temporal (Gallois 2005).

Aliado aeste fenômeno de profusão de classificações em estilos cerâmicos, podemos perceber também o surgimento efetivo da monumentalidade, principalmente na Guayana Oriental, tais como a construção de mounds para além da necessidade de abrigo de enchentes, e de estruturas megalíticas e valas circundantes, contendo depósitos funerários\rituais em seu interior. Esta monumentalidade está claramente

ligada à cultos de ancestrais, na forma de deposição de urnas altamente decoradas sepultadas no interior destes locais.

É a caracterização deste fenômeno regional que descreveremos neste capítulo, procurando demonstrar as principais características destes estilos e os padrões de sítios ligados a eles.

4.1. Guiana Inglesa, Suriname e Guiana Francesa

Na região litorânea da Guiana Inglesa e Suriname uma continuidade no padrão de assentamento parece se configurar, apesar de haver uma intensificação, conforme demonstrado pelo aumento do número de sítios, altura dos mounds e quantidade de campos sobre elevados, bem como de algumas modificações no estilo cerâmico, conforme veremos a seguir.

Esta intensificação é explicada em termos de migração de populações sócio-politicamente mais complexas derivadas do Orinoco Central, relacionadas às cerâmicas da tradição Arauquinóide (Rostain, 2016: 60). É inegável, no entanto, que a intensificação pode também estar relacionada ao sucesso do sistema de mounds associados ao plantio dos campos sobre-elevados, que ocorre desde o início da era cristã e associado à cerâmica Borda Incisa-Barrancóide. Tal sucesso teria levado à uma pressão populacional, fazendo com que não só mais mounds tenham sido erigidos, mas também um novo padrão de assentamento tenha surgido, através da instalação das aldeias sobre cordões arenosos do litoral entre o Suriname ocidental e no leste da Guiana Francesa (Rostain, 2013).

Um destes *mounds*, denominado Hertenrits, é bem conhecido graças às escavações de Versteeg (1985). Conforme uma datação de sua camada de construção mais baixa, este *mound* começou a ser erigido entre 1176-957 anos A.P. (1130+-45 A.P.

cal. 95,4%). Através das medidas de seus diâmetros e altura, estimou-se que 100.000 m² de terra foram removidos para sua construção (Versteeg, 1985). Tal remoção ficou marcada no entorno do *mound* na forma de um fosso medindo entre 20 e 100 metros de largura, que o cerca formando um corpo d'água na época das chuvas.

59. Mounds Hertenrits. Acima, vista do mound durante o período de chuvas. Abaixo perfil de um mound mostrando a intercalação entre camadas construtivas (argila clara) e camadas ocupacionais (lentes de terra preta). Modificado de Versteeg (2003).

O *mound* foi trabalhado arqueologicamente através de 3 áreas não contíguas, cuja estratigrafia revelou quatro estágios principais de construção, demonstrados pelas camadas com concentração de artefatos intercaladas por camadas argilosas de períodos construtivos (Boomert, 1980).

A fase I consiste em 3 ou 4 camadas artificiais de argila, consistindo em um primeiro mound com não mais de 1 metro de altura, e cerca de apenas um terço da superfície atual de Hertenrits. Na fase II a superfície e altura do mound foram aumentadas pela adição de mais duas camadas de argila, compreendendo agora cerca da metade da superfície atual de Hertenrits. A fase III consiste no aumento mais expressivo

do mound através da adição de uma única camada de argila com 1 metro de espessura, fazendo com que ele alcance seu tamanho atual de 320x200 metros de área. Por fim a fase IV compreende a adição de outras 3 camadas de argila, que não aumentam sua superfície, somente a altura, que chega aos 2,50 metros.

60. Sepultamento Hertenrits. Modificado de Versteeg (2003).

Ao todo 10 sepultamentos humanos foram encontrados, em sua maioria correspondendo ao mesmo nível da fase IV de ocupação. Quase todos são sepultamentos primários, depositados em decubito dorsal estendido, com uma orientação preferencial nos sentidos sudeste-noroeste ou sudoeste-nordeste. Apenas 3 possuem acompanhamento funerário, consistindo em tigelas ou jarros depositados junto à cabeça

ou aos pés do sepultamento. Um indivíduo infantil foi depositado sem o crânio. Dois sepultamentos são secundários, consistindo em dois crânios de indivíduos adultos depositados no interior de tigelas cobertas por uma tampa. Um sepultamento, por fim, é combinado, consistindo em um esqueleto masculino, orientado SE-NW, estendido em decubito dorsal. O crânio foi separado e depositado em uma tigela com tampa, que foi colocada na posição da cabeça do esqueleto (Boomert, 1980: 85).

Juntamente com o aumento da densidade de sítios, os campos sobre elevados associados também se expandem no entorno dos mounds, com estimativas entre 150 e 160 hectares de áreas cobertas por este sistema agrícola. Além disto, diversos canais construídos conectam Hertenrits com outros *mounds* e áreas de campos elevados (Versteeg, 2003). Todas estas evidências implicam um vasto investimento em trabalho humano coordenado, sugerindo uma certa proeminência sociopolítica envolvida no controle, construção e manutenção deste sistema de trabalhos de terra (Rostain, 2010).

Além dos *mounds*, em áreas pantanosas, junto à pequenas elevações artificiais, são encontradas concentrações de cerâmicas mais elaboradas do que as encontradas nos sítios habitação. No sítio Prins Bernhard Polder, localizado à oeste da zona dos mounds, a cerâmica é de melhor qualidade, contém uma maior profusão de elementos decorativos e representações humanas na forma de estatuetas. Também associado foi encontrada uma indústria de pingentes e adornos feitos de concha, alguns, inclusive, possuindo o formato de muiraquitãs. Devido à estas características, aliadas à falta de terra preta e outras estruturas características de habitações, este tipo de sítio relacionado com Hertenrits foi interpretado como cerimonial ([Versteeg 2003](#)).

A mudança no estilo cerâmico que acompanha esta intensificação observável na construção de um maior número de mounds associados à densos campos sobre elevados

para cultivo é interpretada como associada à chegada de um novo grupo migrante do Orinoco (Rostain, 2016:60).

No entanto, algumas continuidades entre as ocupações Borda Incisa-Barrancóide e Arauquinóide podem ser observadas, as quais podem nos levar a uma visão muito mais de alteração dos grupos locais do que a chegada de um grupo estrangeiro. Estas continuidades podem ser vistas não só no padrão de assentamento, com mounds associados à campos elevados, mas também na morfologia cerâmica. A diferença principal reside em uma maior diversidade de formas e elementos decorativos.

A cerâmica denominada Hertenrits (Boomert, 1980) é predominantemente temperada com caco moído (chegando à 99,2% dos fragmentos), havendo ainda a presença, em bem menor proporção, de fibra vegetal, arenito ou concha moída.

Boomert (1980: 79-80) foi capaz de identificar 15 formas cerâmicas baseadas em perfis completos e fragmentos de borda, das quais as tigelas de contorno simples, restringidas e não restringidas, denominadas respectivamente 1 e 2, são as mais bem representadas na coleção, chegando à 77,2% do total.

As outras formas compreendem tigelas e jarros carenados, alguns com contorno composto, bem como assadores, pratos e peças naviformes.

61. Formas Hertenrits, modificado a partir de Boomert (1980).

Um pouco mais de 40% da coleção é decorada, compreendendo incisões finas em zig zag, incisões retilíneas delimitando zonas ponteadas, ponteados em linhas paralelas, corrugados e roletados, unguados em linhas horizontais e espirais, pintura preta pós-queima, apliques em forma de tiras de argila aplicadas ao corpo ou prolongamentos nos lábios das vasilhas. Os adornos biomorfos são característicos, podendo representar morcegos, cachorros, guaxinins, macacos ou humanos. Tais adornos muitas vezes são duplos, geralmente estando modelados junto a projeções do lábio, e olhando para o interior da vasilha.

Outros artefatos cerâmicos encontrados consistem em estatuetas, assadores, trempes, suportes de vasilhas e alargadores de orelha, além de outras peças de natureza desconhecida.

62. Decorações cerâmicas Hertenrits. Acima, tipos de alças. Abaixo, da esquerda para direita, apliques em corda, adornos antropomorfos e estatueta feminina. Modificado de Versteeg (2003).

Mais a leste, entre os rios Coopername e Kourou, extensivas linhas de cordões arenosos litorâneos, conhecidos regionalmente como “*cheniers*”, são características de antigas linhas de praia depositadas sobre a planície costeira alagadiça.

Tais áreas, naturalmente protegidas contra as cheias das épocas de chuva e das elevações da maré, foram locais propícios para implantação de grupos relacionados com os estilos Kwatta e Barbakoeba. Os sítios relacionados a estes estilos estão datados entre 1380 $\pm$ 50 A.P. e 895 $\pm$ 50 A.P.

Um dos sítios mais intensamente trabalhados relacionados com esta ocupação é o denominado *AM-41*. Este sítio, localizado sobre um cordão arenoso distante a 1.5 km

a oeste do rio Iracoubo, foi trabalhado primeiramente por uma equipe do INRAP, em uma área especificamente destinada para sepultamentos ([Van den Bel 2015](#)). Neste local, na zona no limite sul do cordão arenoso, duas concentrações de sepulturas foram localizadas. Sobre elas haviam evidências da construção de um pequeno montículo argiloso que serviria como marcador da necrópole.

63.AM-41: as duas concentrações de estruturas de deposição de cerâmica. Modificado de Van Den Bel (2015).

Em uma primeira concentração foram localizadas 23 fossas contendo 28 deposições de cerâmicas em uma área de 10 metros de diâmetro. A segunda concentração de estruturas localizava-se a 75 metros da primeira. Nesta segunda área foram localizadas mais 16 fossas com 19 deposições de cerâmica. Associadas à duas concentrações de urnas, possíveis estruturas de madeira foram localizadas, marcadas por buracos de poste. Nesta área também foi encontrado um canal escavado, que serviria para a drenagem da área([Van den Bel 2015](#)).

64. AM-41: Estruturas de deposição de cerâmica. Modificado de Van Den Bel (2015).

Em outra área deste sítio, localizada mais ao norte da necrópole, foi constatada uma área habitacional relacionada à cerâmica Barbakoebe, escavada pela equipe “*Earth Movers of the Amazon*” coordenada por Stephen Rostain. Foram escavados 300 m² da área residencial do sítio, até uma profundidade de 40 cm. As estruturas encontradas foram diversos buracos de poste, lixeiras, vasilhames quebrados e possíveis sepultamentos.

Thémire, outro sub-estilo Arauquinóide da Guayana, ocupa a região no entorno da ilha de Cayenne. Ao contrário das regiões ocupadas por outros grupos Arauquinóide, a ilha de Cayenne, com regiões montanhosas e áreas mais altas junto ao mar, proporcionaram assentamentos de frente ao oceano.

A cerâmica, de acordo com Rostain (1994^a) mostra a influência da policromia junto à padrões estilísticos relacionados com a cerâmica Arauquinóide, contendo pinturas vermelhas e pretas sobre banho branco.

Não estão associados aos sítios Thémire os campos sobre elevados. De fato, os solos da Ilha de Cayenne seriam suficientemente salvo de inundações, onde não haveria necessidade de construções agrícolas.

Apesar da cerâmica Thémire ter sido amplamente descrita por Rostain (1994), foi somente com a possibilidade de escavações em grandes superfícies feitas pelo INRAP, feitas através de decapagem mecânica, que o padrão de assentamento Thémire foi melhor conhecido.

Um sítio habitação foi bem conhecido através das escavações de Mickael Mestre, do INRAP (Mestre, 2005). Este sítio, denominado Katoury, foi encontrado junto às obras de uma escola em Cayenne, tendo sido escavado através da decapagem mecânica em uma área de 1,3 ha. O sítio localiza-se em uma antiga praia, consistindo hoje em um cordão arenoso litorâneo, sobre a qual a antiga aldeia, datada entre 700 e 1000 anos A.P., foi instalada.

65. Plano de escavação do sítio Katoury, mostrando as estruturas localizadas. A partir de Mestre (2005).

As estruturas encontradas consistiram em buracos de poste, cerâmicas formando paleo-solos, fossas retangulares contendo cerâmicas inteiras e poços de obtenção de água.

Os buracos de poste foram as estruturas arqueológicas mais comuns, tendo sido registrado, ao todo, 432 unidades. Em algumas áreas, seus alinhamentos e associação com paleo-solos, permitiram a identificação de áreas de casas.

66. Acima, concentração de buracos de poste. Abaixo, alinhamentos que sugerem a localização de uma casa. Modificado de Mestre (2005).

Os paleo-solos consistiram em áreas onde a deposição da cerâmica permitiu visualizar antigos pisos de ocupação. Em alguns casos estavam em associação com buracos de poste, formando pequenas fossas em alinhamento, que foram interpretadas como zonas de gotejamento dos telhados das casas. Ao todo 171 m² de paleo-solos foram identificados.

67. Sítio Katoury. À esquerda, paleo-solo em associação com buracos de poste. À direita, paleo-solos em fossas alinhadas, interpretadas como zonas de gotejamento das casas. Modificado de Mestre (2005).

As fossas contendo cerâmicas inteiras contabilizaram 37 unidades. Tais fossas possuíam um formato retangular contendo cerâmicas geralmente emborcadas em seu fundo. Elas geralmente apareciam em associação uma com a outra, e isolada dos buracos de poste. Após os estudos realizados por Delpech (2010) no sítio Chennebras (ver abaixo) foi possível relacionar tais estruturas com sepultamentos humanos sobre os quais foram depositadas vasilhames cerâmicos.

68. Sítio Katoury. Estruturas tipo fossas contendo cerâmicas. Modificado de Mestre (2005).

Por fim, grandes poços, com mais de 2 metros de diâmetro de abertura e profundidades que atingiam o lençol freático, foram interpretados como estruturas de obtenção de água.

69. Sítio Katoury. Possíveis poços de obtenção de água. Modificado de Mestre (2005).

Sítios funerários foram também localizados, no sítio Chennebras (Delpech, 2010) e Monbin II (Delpech, 2015). Nestes sítios foram encontradas concentrações de fossas preenchidas com cerâmicas inteiras ou semi-inteiras, algumas depositadas emborcadas no fundo da fossa. Apesar de não ter sido encontrados vestígios ósseos, tais estruturas foram interpretadas, devido à suas formas e dimensões, como fossas de inumação de corpos cobertos por cerâmicas. O sítio Mobin II foi datado entre 1061 e 695 anos A.P. (1097 $\pm$ 28 A.P. e 854 $\pm$ 27 A.P. Cal. 95,4%).

70. Sítio Chennebras. Fossas preenchidas com cerâmica. Modificado de Delpech (2010).

71. Sítio Monbin 2. Acima, concentração de fossas preenchidas com cerâmica. Abaixo detalhe de uma das estruturas. Modificado de Delpech (2015).

A cerâmica Thémire foi dividida em dois períodos, um Inicial e outro Tardio, de acordo com Rostain (1994^a). O período Inicial dataria a partir do século X d.C. e seria plenamente relacionada à Série Arauquinóide, podendo tanto ser uma segunda onda migratória desta série a partir do Orinoco (Rostain e Versteeg, 2004) ou, ainda, expansão da ocupação Barbakoeba para oeste (Boomert, 1993). Além de incisões, apliques e pintura vermelha, também é característico deste período Inicial a presença de pintura branca sobre vermelha, além de algumas primeiras influências da policromia da foz do Amazonas (Van den Bel, 2015).

Para Van Den Bel (2015), a partir de análises cerâmicas de sítios Thémire, este período Inicial teria uma origem local, e que, através de redes de relações, teria incorporado tanto características Barbakoeba quanto Aristé.

72. Cerâmica Thémire Inicial derivada do sítio Katoury. Modificado de Mestre (2005).

Já o período Thémire Tardio seria marcado pela presença de pinturas policromicas elaboradas, bordas lobadas, bancos incisos e jarros tóricos. De acordo com Van Den Bel (2015), tais elementos seriam característicos da Fase Koriabo, o que levou

o autor a considerar que a mudança entre os períodos Inicial e Tardio teria se dado pela chegada de grupos portando cerâmica Koriabo à ilha de Cayenne a partir do século XIV d.C.

73. Cerâmica Thémire Tardio derivada do sítio Sainte Agathe. Modificado de Samuelan (2009). Da esquerda para direita, no sentido horário, pinturas branco sobre vermelho, pinturas policrômicas, incisos, vasilhame tórico e banco.

4.2. Marajó

No Formativo Tardio floresce na ilha do Marajó uma cultura arqueológica que modificou de forma intensiva a paisagem da região através da construção de grandes mounds associados a lagoas artificiais interpretadas como reservatórios de água e criatório de peixes (Schaan, 2012).

Os mounds estão geralmente agrupados em conjuntos que podem chegar à mais de 34, como no caso do sítio no igarapé Camutins (Schaan, 2004), todos distribuídos em um padrão linear ao longo do curso d'água. Diferenças no tamanho entre os mounds são observadas e, em um primeiro momento, os maiores foram interpretados como

cemitérios, enquanto os menores seriam destinados a habitações do grupo (Meggers e Evans, 1957).

Entretanto, Roosevelt (1991), através de amplas escavações associadas com levantamentos geofísicos, demonstra que os grandes mounds também serviam para habitação, além de abrigar urnas funerárias. Schaan, (2004), por sua vez, interpreta os maiores como tesos cerimoniais, destinados também à moradia da elite, enquanto os menores seriam destinados à habitação das pessoas comuns.

Apesar de inúmeros cortes para obtenção de sequências seriadas da cerâmica realizados por Meggers e Evans (1957) e posteriormente por Mário Simões (Schaan, 2001), escavações em grandes áreas, que permitissem a compreensão da estrutura dos sítios e, portanto, de sua função, só foram feitas em 4 mounds, todos eles de grandes dimensões. Dois deles foram escavados por Roosevelt (1991) e dois deles por Schaan (2004).

As escavações de Roosevelt foram realizadas nos mounds Teso dos Bichos e Guajará.

O mound Guajará faz parte de um sítio composto por três outros mounds, sendo o maior do grupo. Guajará já havia sido escavado anteriormente por Meggers e Evans (1957: 259-279). Na ocasião, a escavação foi realizada na área mais elevada do mound, através de um corte de 1,5x1,5 metros de área, que encontrou uma importante estrutura funerária com mais de 2 metros de profundidade, caracterizada 17 vasilhas, algumas contendo restos humanos.

As diferenças nas práticas funerárias associadas à esta estrutura, com alguns sepultamentos em urnas altamente elaboradas, lado a lado com outros em urnas mais simples ou mesmo fora de urnas, levou Schaan (2004) a interpretar isto como diferenças sociais dos indivíduos sepultados, possivelmente relacionadas à status, idade ou gênero.

As escavações de Roosevelt no Guajará foram realizadas através de 10 poços teste em áreas reportadas como contendo anomalias geofísicas, detectadas por diversos métodos (Bevan e Roosevelt, 2003).

Estas investigações revelaram 3 principais unidades estratigráficas. Duas delas, mais inferiores e bastante semelhantes, contendo camadas de argila construtiva e estruturas de barro queimado em formato de “U”, interpretadas como fogões, e uma superior, caracterizada pela presença de terra preta arqueológica e associada à diversas urnas funerárias.

As escavações foram mais extensivas no mound Teso dos Bichos (Roosevelt, 1991). Aplicando uma metodologia de abordagem semelhante a feita no Guajará, foram identificados grupos de fogueiras, buracos de poste, áreas de descarte, trabalhos de terra e caches de cerâmica ritual quebrada.

A estratigrafia, segundo a autora, revelou que o mound foi formado por vários estágios de deposição de argila para construção de plataformas de assentamento (Roosevelt, 1991: 333). No entanto, ela afirma que as escavações atingiram somente as últimas fases de ocupação.

Estas mostraram um arranjo oval de casas no entorno de um espaço central vazio, com o descarte secundário ocorrendo entre as casas e trabalhos de terra periféricos ao mound, interpretados como paredes para retenção de terra ou estruturas de defesa do assentamento. O alinhamento leste-oeste dos fogões, que a autora supõe revelar a localização de antigas habitações no mound, sugeririam também a mesma orientação para as casas.

Devido ao fato dos mounds serem muito mais elevados do que o necessário para escapar das cheias, Roosevelt (1991:333) considera que estes deveriam ter um caráter simbólico ou defensivo. Dado ao fato destes conterem elaborada cerâmica relacionada

com rituais, aliado à falta de evidência de guerrilha no período de ocupação destes sítios, nos inclinamos mais para a primeira hipótese.

A superimposição ao longo de até 4 metros nos perfis estratigráficos de grupos de fogões construídos em argila sugeriria ocupações de longo termo e contínuas por um mesmo grupo familiar durante o tempo de ocupação.

Mais recentemente, Schaan (2004), realizou escavações em dois grandes mounds no sítio Camutins. Este sítio é composto por 34 mounds, distribuídos em 3 grupos ao longo do igarapé Camutins.

Os maiores deles, que seriam mounds cerimoniais, estavam no baixo curso, associados à grandes lagos que Schaan interpretou como locais de obtenção de sedimentos para construção das estruturas que seriam, posteriormente, servido para criação de peixes.

Mais acima, quinze mounds pequenos formam um segundo grupo, interpretados como habitações de pessoas comuns. Por fim, no alto curso, mais três mounds cerimoniais estavam associados com doze outras estruturas habitacionais.

Devido às diferenças de tamanho dos mounds, associadas à cultura material, fez com que Schaan (2004) sugerisse uma relação hierárquica entre os que serviriam para cerimônias e os que serviriam para moradia. Enquanto nos primeiros haveriam evidências de festins, rituais, sepultamentos e residência de uma elite, os menores serviriam como habitação de pessoas comuns. Foram os maiores mounds do sítio, os denominados M1 e M17, localizados no baixo curso do rio, que Schaan escavou.

No mound M-1 foram limpos quatro perfis estratigráficos e realizadas duas escavações de 2x2 metros. Os dados obtidos indicaram uma estratigrafia formada pela adição sucessiva de sedimentos arenosos derivados da escavação e manutenção de viveiros de peixes, intercalados por camadas de carvão, interpretadas como camadas

ocupacionais. As estruturas encontradas foram uma possível estrutura de queima de cerâmica, paredes de retenção de terra, um possível cache cerimonial caracterizado por 2 ou 3 vasilhames quebrados, além de uma urna funerária. As datas obtidas permitiram situar a ocupação do mound entre 1303 e 933 anos A.P. (1140 $\pm$ 40 B.P., 1140 $\pm$ 60 B.P., 1290 $\pm$ 60 B.P., cal. 95,4%).

No mound M17 foram escavadas cinco áreas de diferentes tamanhos, o que permitiu identificar uma área aberta, onde a produção de cerâmica era feita; uma área periférica com refugio secundário formado por muitos restos culturais; Duas áreas domésticas, onde foram encontrados fogões de argila queimada, refugos, sepultamentos secundários, algumas cerâmicas muito decoradas e estatuetas, além de camadas sucessivas de adição de areia construtiva intercalada por restos ocupacionais.

Uma área específica para sepultamentos foi encontrada, que parece ter sido utilizada no período de alguns séculos. Quatro períodos de deposição de urnas neste local foram interpretados a partir da posição estratigráfica; um primeiro marcado por grandes vasos com tampa completamente enterrados; um segundo utilizando tanto vasos pequenos e grandes urnas que parecem ter sido parcialmente enterrados, mantendo as bordas na superfície da área; um terceiro período de vandalização das urnas, que levou ao abandono temporário da estrutura; por fim, um período de sepultamentos secundários em urnas pequenas e grandes com tampa. (Schaan, 2004). As datações permitiram situar a ocupação do mound M-17 entre 1293 e 922 anos A.P. (1200 $\pm$ 60 B.P., 1250 $\pm$ 60 B.P., 1190 $\pm$ 40 B.P., 1060 $\pm$ 40 B.P. cal. 95,4%)

4.3. Amapá

4.3.1. Estuário

Para além das evidências derivadas das escavações na ilha de Marajó, as áreas restantes do estuário amazônico foram pouco trabalhadas arqueologicamente, resultando em um panorama incompleto sobre a ocupação ameríndia antiga na região.

De fato, as únicas evidências que temos disponíveis são derivadas de trabalhos esporádicos de Nimuendajú (2004) na ilha de Caviana, além dos trabalhos de Meggers e Evans para compor a sua “Archaeology at the Mouth of Amazon” (1957). Ambos, no entanto, oferecem apenas uma visão extremamente parcial sobre a arqueologia da região pois, por parte de Nimuendaju, somente estava interessado na obtenção de artefatos para compor coleções de museus, e por parte de Meggers e Evans, procuraram oferecer uma distribuição no tempo e espaço de culturas arqueológicas construídas a partir de análises de coleções derivadas de simples coletas ou pequenos cortes estratigráficos.

Através destes dados foram construídas duas culturas arqueológicas, as denominadas Fases Aruã e Mazagão. Tais Fases representariam ocupações sucessivas na região, com a Fase Aruã tendo ocupado o Amapá no entorno do século XIII d.C. até a entrada da Fase Mazagão em um período anterior ao período colonial (Meggers e Evans, 1957).

Trabalhos arqueológicos recentes na região estuarina do Amapá, à esquerda do canal norte do rio Amazonas, através de prospecções intensivas, escavações em áreas amplas, análises de artefatos e datações radiocarbônicas permitiram não só a revisão dos dados anteriormente obtidos para a região, mas também adicionaram novos componentes contextuais para os sítios do estuário amazônico.

Não só os elementos que originalmente distinguiam as Fases Aruã e Mazagão puderam ser revistos, mas também foi possível verificar, nesta área, a ocorrência das cerâmicas Marajoaras. Uma cronologia mais precisa, com auxílio de datações radiocarbônicas, permitiu entender melhor mudanças nos padrões de assentamento que ocorreram entre os séculos VIII e XVI d.C. Além disto, as escavações amplas em alguns sítios proporcionaram informações não só sobre atividades cotidianas nestes locais, mas também dados relevantes sobre atividades rituais\funerárias.

São as evidências obtidas através destes novos trabalhos que trataremos nesta seção, buscando descrever as características dos sítios escavados, bem como os artefatos e estruturas localizados.

74. Mapa da distribuição dos sítios no estuário do Amapá.

Dois sítios interessantes para problematizar o contexto do formativo tardio na costa estuarina do Amapá são o Sítio UNIFAP e Curiaú Mirim, como veremos a seguir.

No caso do sítio UNIFAP Trabalhos arqueológicos adicionaram um novo componente na monumentalidade dos sítios da região da foz do Amazonas. Escavações no sítio AP-MA-05: Campus da UNIFAP permitiram o caracterizar como um espaço funerário com grande densidade de deposições de urnas. Este espaço funerário foi coberto intencionalmente pelos indígenas por uma camada entre 20 e 40 cm de profundidade de laterita, trazida de outro local para ser ali intencionalmente depositada. A regularidade no espaçamento das urnas e a existência de coroas de laterita circulares no topo das mesmas sugere ainda a existência demarcações visíveis em superfície. Com isto, coloca-se que os grupos pré-coloniais que utilizaram o sítio Campus UNIFAP modificaram de tal forma a paisagem para demarcar este espaço cerimonial, que o sítio, em sua época, deve ter sido monumental, mesmo que hoje superficialmente não possamos perceber.

Este sítio está localizado na atual cidade de Macapá, junto ao Campus da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Este sítio foi descoberto no final da década de 90 quando, através da abertura de valas para drenagem dos prédios da universidade, trabalhadores encontraram vasilhas cerâmicas enterradas. Na ocasião uma equipe do Museu Emílio Goeldi foi chamada para realizar o resgate das peças expostas na vala aberta (Machado, 1997).

Desde então, o sítio permaneceu sem pesquisas. Uma primeira delimitação do sítio foi feita pela equipe do Museu Goeldi, a fim de que o sítio não sofresse impacto. No entanto, esta delimitação caiu no esquecimento e, atualmente, o sítio sofria diariamente com a passagem de veículos e pedestres na Universidade.

Entre 2008 e 2011 o Núcleo de pesquisas Arqueológicas do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA) celebrou um convenio com a Universidade Federal do Amapá para pesquisa arqueológica no interior do Campus. Durante este período pesquisamos o sítio AP-MA-05 através de sítios-escola, aberto aos estudantes universitários.

O sítio localiza-se a menos de 2 km do rio Amazonas, sobre terrenos terciários não inundáveis. As escavações revelaram que o espaço de ocorrência das estruturas funerárias era coberto por uma camada medindo entre 20 e 40 cm de laterita, trazida de outro local para ser ali intencionalmente depositada. O mapeamento da camada laterita mostrou que o sítio possui cerca de 1ha. Na área total escavada (105 m², ou 1% do total da área do sítio), foram encontradas 31 estruturas antrópicas.

Estratigraficamente o sítio comportava-se da seguinte maneira: uma primeira camada se mostrou formada predominantemente por blocos irregulares de laterita, medindo entre 2 a 50 cm de diâmetro máximo, e possuía, em média, 30 cm de espessura.

Seguia uma camada arenosa, cinza escura e extremamente compacta, com espessura média de 20 cm de profundidade. Esta camada posteriormente dava lugar à outra também arenosa e compacta, mas de coloração marrom clara. Era sobretudo no limite entre a primeira e a segunda camada que as estruturas arqueológicas começavam a ser delimitadas.

75. Perfil estratigráfico do sítio AP-MA-05, mostrando a primeira camada de laterita, e a estrutura arqueológica formada por uma concentração de laterita seguida da vasilha cerâmica.

Estas estruturas foram inicialmente notadas, ao ultrapassar a primeira camada, como concentrações de laterita circulares, preenchendo espaços vazios. Ao se rebaixar estas concentrações, notava-se que elas sempre cobriam vasilhas cerâmicas enterradas ou, em alguns casos, preenchiam fossas com ou sem fragmentos cerâmicos.

Desta forma, o processo de formação do sítio foi interpretado da seguinte forma: primeiramente, era escavada a fossa para receber a urna. Posteriormente a urna era colocada e, sobre ela, eram inseridas marcações da posição da urna, possivelmente postes de madeira. A área era recoberta por inúmeros blocos de laterita de tamanho variado, trazidos para esta área especialmente para este propósito.

Com o passar do tempo, o poste teria desintegrado, dando lugar às rochas migradas do topo da estrutura, que vão conformar as coroas de laterita situadas sobre as urnas funerárias.

76. Sítio Arqueológico AP-MA-05: momento de identificação das estruturas arqueológicas através das concentrações de laterita.

77. Sítio Arqueológico AP-MA-05: vasilhas cerâmicas encontradas abaixo das concentrações de laterita.

Com os dados estratigráficos obtidos durante as escavações, em que foi observado que a camada de laterita recobre o sítio arqueológico, foi possível realizar a delimitação precisa da extensão de sua área.

Assim, foram realizadas sondagens para esta delimitação. Ao todo foram feitas 44 sondagens de 30x30 cm, a fim de observar a extensão da camada de laterita. Estas

sondagens demonstraram que o sítio possui um tamanho maior e uma delimitação diferente da proposta por Machado (1997). O sítio possui cerca de 1 Ha de área, conforme pode ser observado no mapa abaixo.

78. Delimitação precisa do Sítio AP-MA-05, baseada na dispersão da camada de laterita (em azul) e áreas já escavadas (em vermelho).

A grande maioria dos artefatos recuperados no sítio encontra-se nas fossas, sendo compostos quase que exclusivamente de vasilhames inteiros ou fragmentos cerâmicos. Em um caso foi constatada a presença de ossos humanos no interior de um vasilhame. Apenas duas Lâminas de machados polidos foram encontradas, ambas relacionadas com as coroas de lateritas que recobrem as fossas de inumação.

As estruturas encontradas na área escavada são de cinco tipos:

- 1- Vaso inteiro em fundo de fossa, contendo uma coroa de laterita sobre a estrutura (13 ocorrências);
- 2- Vaso inteiro em fundo de fossa, coberto por outro recipiente virado, contendo uma coroa de laterita sobre a estrutura (9 ocorrências);
- 3- Dois vasilhames inteiros, um colocado sobre o outro, em fundo de fossa, contendo uma coroa de laterita sobre a estrutura (2 ocorrências);
- 4- Fossa preenchida com grandes fragmentos cerâmicos misturados com laterita (2 ocorrências);
- 5- Fossa preenchida apenas com lateritas (3 ocorrências).
- 6- Buracos de Poste (2 ocorrências).

Quase todas cerâmicas presentes nas estruturas possuem uma homogeneidade na fabricação, contendo o mesmo tipo de pasta (cariapé) e queima (oxidante incompleta, com baixa temperatura). No entanto, existe uma grande heterogeneidade na morfologia (tigelas grandes, jarros com e sem pescoço, tigelas carenadas) e na decoração presente (incisões, excisões, pintura monocrômica, pintura policromica, apliques antropozoomorfos). Uma das características mais impressionantes dos vasilhames encontrados é que tanto em morfologia e em decoração estes artefatos remetem a vários estilos cerâmicos conhecidos na Foz do Amazonas (fases Marajoara, Ananatuba, Aruã e Mazagão). As datações obtidas situaram o uso do sítio entre 980 e 1290 anos A.P. (920+/-30 A.P.; 740+/-30 A.P.; 990+/-40 A.P. cal. 95,4%)

79. Diferentes estilos cerâmicos encontrados na escavação. Acima, à esquerda, vaso do tipo Ararí Exciso, da fase Marajoara. Acima, à direita, tampa com incisões retilíneas do tipo Uxy Inciso, da fase Mazagão. Abaixo, à esquerda, Vaso Sipó Inciso, fase Ananatuba. Abaixo, à direita, vaso do tipo Piratuba liso com aplique antropomorfo.

80. Tipologia das estruturas encontradas: (1) Vaso inteiro em fundo de fossa; (2) Vaso inteiro em fundo de fossa; (3) Dois vasilhames inteiros, um colocado sobre o outro, em fundo de fossa; (4) Fossa preenchida com grandes fragmentos cerâmicos misturados com laterita; (5) Fossa preenchida apenas com lateritas; (6) Buraco de poste.

A maior parte das estruturas encontradas no sítio campus UNIFAP trata-se de fossas contendo vasilhas cerâmicas inteiras, com pelo menos uma contendo ossos humanos. Outras estruturas encontradas foram pequenas fossas preenchidas com laterita com ou sem fragmentos cerâmicos, além de evidências de buracos de poste, preenchidos somente com sedimento escuro. Dada a ausência de outras estruturas de caráter doméstico (fogueiras, lixeiras, concentrações de buracos de poste) e de uma camada arqueológica com mais artefatos, o sítio trata-se, certamente, de uma área unicamente funerária.

Outro ponto interessante a ser ressaltado é o espaçamento regular das urnas no espaço e a não ocorrência de sobreposição de estruturas em um mesmo local. Isto implica necessariamente em uma marcação visível em superfície da existência das estruturas enterradas abaixo do solo, de modo que novas deposições não afetassem materiais já depositados. Estas marcações seriam, certamente, realizadas com materiais perecíveis, possivelmente postes de madeira. É bastante plausível, assim, que não só as fossas preenchidas com laterita e os buracos de poste encontrados entre as estruturas sejam evidências destas marcações superficiais, mas também as coroas de laterita encontradas sobre as urnas. Uma vez decomposto o poste de madeira com o passar do tempo depois do abandono do sítio, seu espaço seria re-ocupado pela migração de lateritas da camada superior, conformando assim as fossas preenchidas por rochas e as coroas com laterita sobre as urnas.

Toda a área deste antigo cemitério indígena não só foi modificado por estas sinalizações sobre as estruturas, mas foi ainda intencionalmente marcado pela deposição de uma camada de laterita, trazida de outro local para ser ali depositada. Outros sítios na região mostraram diferentes evidências de modificação intencional da paisagem para demarcar espaços funerários\cerimoniais, tais como os montículos artificiais na

Amazônia central (Machado, 2005) e na ilha de Marajó (Schaan, 1996) e as estruturas megalíticas da costa atlântica do Amapá (Cabral e Saldanha, 2008). No entanto, as características acima observadas no sítio Campus da UNIFAP são uma forma de monumentalidade ainda sem precedentes na arqueologia amazônica.

Por fim, deve ser destacada a alta diversidade nas formas e decorações da cerâmica encontrada na área escavada. Estas diferentes formas e decorações encontradas remetem a diferentes estilos cerâmicos conhecidos para a Foz do Amazonas, descritos por Meggers e Evans, (1957) como fases Aruã, Mazagão, Ananatuba e Marajoara.

O significado da aparente contemporaneidade, em um mesmo sítio, destes diferentes estilos cerâmicos é algo que deverá ainda ser mais bem explorado no futuro, mas vai de encontro com estudos mais recentes que colocam em cheque a visão estanque das fases e tradições criadas através das abordagens tradicionais (Cabral, 2011; Schaan, 2007).

Assim, a escavação revelou que o sítio tratava-se mais do que meramente um local de deposição de urnas, que os grupos pré-coloniais que o utilizaram modificaram de tal forma a paisagem para demarcar este espaço cerimonial, que o sítio, em sua época, deve ter sido monumental, mesmo que hoje superficialmente não possamos perceber.

Localizado junto à várzea do Amazonas, na cidade de Macapá, outro sítio, denominado Curiaú Mirim é caracterizado pela presença de terra preta e pelo sepultamento de urnas. Ela é mais tardia que o sítio UNIFAP.

A dualidade de funções de sítios, contendo em uma mesma área evidências de atividades cotidianas lado a lado com estruturas cerimoniais-rituais, tem sido percebida na Guiana desde a foz do Amazonas até quase a Foz do rio Orinoco. Van den Bel

(2015) evoca algumas das possibilidades desta dualidade: a coexistência entre os vivos e os mortos; ou o sepultamento do morto em aldeias abandonadas.

A escavação em área ampla no sítio denominado Curiaú Mirim forneceu importantes evidências para o entendimento da estruturação do espaço em sítios habitação contendo sepultamentos no estuário do Amapá. Este sítio está localizado junto à várzea do Amazonas, na cidade de Macapá, sendo caracterizado pela presença de terra preta e pelo sepultamento de urnas. Os trabalhos mostraram o uso diversificado do espaço, com a ocorrência de estruturas de casas cercando áreas contendo estruturas funerárias.

As estruturas domésticas são caracterizadas pela presença de concentrações e alinhamentos de buracos de poste e densas concentrações de artefatos líticos e cerâmicos amontoados e misturados com terra preta e carvão, sugerindo locais de refúgio.

As estruturas funerárias podem aparecer em grupos ou isoladas, em diferentes profundidades em relação à superfície atual do terreno, algumas logo abaixo de 20 cm, enquanto outras podem estar enterradas a mais de 150 cm localizadas dentro de poços (alguns deles com câmara lateral, semelhantes aos descritos para a cerâmica Aristé). O sítio também mostrou uma grande diversidade de estilos cerâmicos presentes no mesmo local, com cerâmicas com decorações características das fases Marajoara, Mazagão e Caviana sepultadas lado a lado neste mesmo sítio.

81. Poço com câmara lateral - Note os três conjuntos cerâmicos em cada recinto do poço.

Uma análise mais particular dos contextos onde encontram-se estas cerâmicas, principalmente os poços funerários, forneceu uma luz à esta diversidade de estilos cerâmicos.

Apesar das diferenças morfológicas dos poços, o que os une são seus conteúdos e contextos semelhantes. Em todos os poços, à primeira vista, encontramos grandes quantidades de artefatos que poderiam ser encaradas como estruturas de refugio ou lixeira, porém ao examinarmos com maior cuidado percebemos algumas recorrências entre essas estruturas, o que nos permitiu aproximarmos de seus possíveis significados.

A maioria destes artefatos jogados e misturados com muitos carvões e restos ósseos de animais dentro dos poços, em formato de bolsão, são relacionados à Fase Marajoara. Após ultrapassar este contexto inicial de deposição, surge um contexto mais estruturado, claramente arranjado, de urnas das Fases Mazagão e Caviana (que

tecnologicamente são idênticas, com exceção da policromia e antropomorfismo da segunda), em associação com ossos humanos.

As datações realizadas, situadas entre 1042 e 427 anos A.P. (1020 $\pm$ 30 A.P., 720 $\pm$ 30 A.P., 700 $\pm$ 30 A.P., 660 $\pm$ 30 A.P. e 390 $\pm$ 30 A.P.) permitiram verificar a contemporaneidade das Fases, o que nos traz as seguintes problemáticas: 1- a fase Caviana, que até então era um estilo separado dos demais por ser reconhecida apenas por coleções de museus (Rostain, 2013) corresponderia, de fato, à presença do antropomorfismo e da policromia na fase Mazagão? As cerâmicas da fase Marajoara neste contexto estariam relacionadas a festins acompanhando os sepultamentos?

Além disto, circundando os poços localizamos uma série de bolsões, bastante semelhantes aos que encerram as deposições funerárias. No entanto, no fundo, ao invés de sepultamentos, localizamos negativos de esteio bastante significativos no fundo destas estruturas. A dispersão espacial destes bolsões marcados por esteios parecem marcar e celebrar o espaço funerário do poço, em um contexto semelhante ao megalitismo, mas ao invés de pedras estarem marcando o espaço ritual, troncos erigidos serviram para este propósito.

82. Detalhe de poço funerário e o mesmo poço cercado por bolsões rituais contendo negativos de poste no seu fundo.

83. Planta baixa de poço funerário cercado por bolsões contendo negativos de poste e interpretação da estrutura com os postes ainda erigidos.

4.3.2. A Costa Atlântica

A partir do ano 1000 BP a região da costa atlântica do Amapá é ocupada pelo componente policrômico da fase Aristé, denominada por Rostain como “Enfer Polichrome”. Este estilo é caracterizado por um tipo específico de cerâmica, com incisões, pinturas policromicas e modelagem antropo e zoomorfa.

Os sítios de habitação possuem tamanhos variados, mas nunca ultrapassando 10000 m². A camada de ocupação não ultrapassa 50 cm, demonstrando pouca duração dos assentamentos.

Os lugares mais impressionantes com ocorrência desta cerâmica são, certamente, os sítios cerimoniais/funerários. Estes tipos de sítios podem ser tanto monumentos quanto lugares naturais.

No primeiro caso temos a ocorrência de sítios megalíticos com poços funerários ou poços isolados. A maior parte dos sítios megalíticos é formada pelo arranjo circular de grupos de blocos de granito em posições horizontal, vertical ou inclinada, dispostos no topo de colinas. Os tamanhos e composições são variáveis. Algumas estruturas são pequenas, com menos de 10 metros de diâmetro, formadas por blocos medindo menos de 1 metros. A maior estrutura megalítica circular até agora encontrada mede mais de 30 metros de diâmetro, sendo formada por grandes blocos, alguns deles com mais de 3 metros acima do nível do solo (Cabral&Saldanha, 2008).

Os poços funerários são estruturas cilíndricas com câmara lateral escavadas na crosta laterítica, em cujo interior, vasilhas contendo ossos humanos são colocadas (Goeldi, 1905). Em dois casos já registrados, a área de ocorrência destes poços foi delimitada por uma vala circundante (Mestre, 2015).

Outro tipo de sítio cerimonial/funerário com ocorrência de cerâmica Aristé são cavernas ou abrigos rochosos, formadas na crosta laterítica ou em afloramentos

graníticos. Nestes casos, a cerâmica é encontrada distribuída na superfície das áreas abrigadas (Meggers e Evans, 1957).

4.3.3. Os Sítios Habitação Enfer Polichrome escavados

Sítio AP-CA-48: Ponte do Torrão

O sítio AP-CA-48: Ponte do Torrão está localizado na coordenada UTM 22N 0474698\0271972, caracterizado como um sítio lito-cerâmico a céu aberto, em topo de colina junto ao igarapé torrão. A área do sítio mede 120x80 metros.

Houve necessidade de resgate deste sítio devido ao futuro uso da área pela empresa CR Almeida para construção de um pátio de estocagem de materiais construtivos da Ponte sobre o Igarapé Torrão. O sítio já encontrava-se bastante alterado pelo fato de estar ao lado do leito da BR-156, a anos em uso, e sob uma sede de fazenda, o que comprometeu a camada arqueológica em alguns pontos.

Para a realização do trabalho de resgate, uma série de estratégias foram desenvolvidas. Primeiramente, a partir de uma estação topográfica, foi realizado um levantamento plani-altimétrico da área, situando os acessos, áreas impactadas e preservadas do sítio.

A seguir, foi realizado o mapeamento do sítio com polidores junto à ponte.

Com a utilização de uma escavadeira hidráulica foi possível realizar amplas escavações. As decapagens foram feitas em níveis de 5 cm de profundidade, com o material encontrado solto nas camadas arqueológicas coletados à mão em quadras de 5X5 metros de área. Quando eram identificadas estruturas a escavação era interrompida e só retomada, se necessário, quando eram finalizadas as escavações manuais destas estruturas.

A estratigrafia observada é a que se segue: uma camada inicial húmica, sedimento cinza, fino e arenoso, contendo algumas lateritas pequenas. Esta camada possui uma espessura média de 5 cm de profundidade. Segue uma segunda camada com lateritas pequenas, coloração marrom, areno-argilosa e friável. Uma terceira camada é bege-amarelada, argilosa, bem compacta com muita laterita. Ao final dela é que foram detectadas as estruturas tipo buraco de poste e uma fossa.

84. Sítio Arqueológico AP-CA-48. À esquerda, decapagem mecânica do sítio do sítio. À direita, escavação manual das estruturas encontradas.

85. Sítio Arqueológico AP-CA-48. À esquerda, vista geral da área decapada. À direita, detalhe da estrutura do tipo “buraco de poste”, a mais freqüente encontrada.

A seguir foram escavadas manualmente todas anomalias identificadas através da decapagem mecânica, trabalhando em camadas naturais. Ao todo, 50 anomalias foram confirmadas como estruturas de natureza antrópica, entre elas buracos de poste e fossas rasas contendo fragmentos cerâmicos.

Ao todo, a escavação atingiu mais de 1800 m², totalizando toda área do sítio dentro da faixa de domínio da rodovia.

86. Sítio AP-CA-48: Plano mostrando as estruturas encontradas durante as escavações.

AP-OI-10: Uaçá 01

O sítio AP-OI-10: Uaçá 01 trata-se de um sítio lito-cerâmico a céu aberto com baixa densidade de artefatos, localizado em um topo de morro junto a um pequeno afluente do rio Uaçá, medindo 100x50 metros de área, com ponto central junto à coordenada UTM 22N 0445570\0341952. Encontrava-se parcialmente impactado pela abertura da própria rodovia realizada a muitos anos atrás. Este sítio foi escolhido para resgate por se encontrar junto a uma caixa de empréstimo a ser utilizada pela empresa JM para pavimentação da rodovia BR-156.

Para a realização deste trabalho de resgate, uma série de estratégias foram desenvolvidas. Primeiramente, a partir de uma estação topográfica, foi realizado um levantamento plani-altimétrico da área, situando a rodovia e áreas impactadas e preservadas do sítio.

Com a utilização de uma escavadeira hidráulica foi possível realizar amplas escavações. As decapagens foram feitas em níveis de 5 cm de profundidade, com o material encontrado solto nas camadas arqueológicas coletados à mão em quadras de 5X5 metros de área. Quando eram identificadas estruturas a escavação era interrompida e só retomada, se necessário, quando eram finalizadas as escavações manuais destas estruturas.

A estratigrafia observada é a que se segue: uma camada inicial húmica, sedimento cinza, fino e arenoso, contendo algumas lateritas pequenas. Esta camada possui uma espessura média de 5 cm de profundidade. Segue uma segunda camada com lateritas pequenas, coloração marrom, areno-argilosa e friável. Uma terceira camada é avermelhada, argilosa, bem compacta com muita laterita.

87. Sítio Arqueológico AP-OI-10. À esquerda, decapagem mecânica do sítio do sítio. À direita, escavação manual das estruturas encontradas.

88. Sítio Arqueológico AP-OI-10. À esquerda, estrutura de lixeira contendo fragmentos cerâmicos e artefatos líticos. À direita, detalhe da estrutura do tipo “buraco de poste”.

A seguir foram escavadas manualmente as anomalias identificadas através da decapagem mecânica, trabalhando em camadas naturais. Apenas 06 anomalias foram confirmadas como estruturas de natureza antrópica, entre elas quatro buracos de poste e duas fossas rasas contendo fragmentos cerâmicos e artefatos líticos. Trata-se, certamente, de um sítio acampamento, com baixa permanência, devido á pouca densidade de estruturas e artefatos.

Desta forma, foi constatado que o sítio AP-OI-10 era bastante pequeno e continha poucas estruturas arqueológicas, demonstrando que o local tratava-se de um sítio de curto tempo de habitação.

89. AP-OI-10: Plano de escavação mostrando as estruturas encontradas

AP-OI-11: Uaçá 02

O sítio AP-OI-11: Uaçá 02 trata-se de um sítio lito-cerâmico a céu aberto com baixa densidade de artefatos, localizado em área plana entre um pequeno afluente do rio Uaçá e o próprio rio Uaçá, medindo 30x20 metros de área, com ponto central junto à coordenada UTM 0439880\0352686. Encontrava-se parcialmente impactado pela abertura da própria rodovia realizada a muitos anos atrás. Este sítio foi escolhido para resgate por se encontrar junto a um desvio a ser construído pela empresa JM durante a pavimentação da rodovia BR-156.

Para a realização deste trabalho de resgate, uma série de estratégias foram desenvolvidas. Primeiramente, a partir de uma estação topográfica, foi realizado um levantamento plani-altimétrico da área, situando a rodovia e áreas impactadas e preservadas do sítio.

Com a utilização de uma escavadeira hidráulica foi possível realizar amplas escavações. As decapagens foram feitas em níveis de 5 cm de profundidade, com o

material encontrado solto nas camadas arqueológicas coletados à mão em quadras de 5X5 metros de área. Quando eram identificadas estruturas a escavação era interrompida e só retomada, se necessário, quando eram finalizadas as escavações manuais destas estruturas.

A estratigrafia observada é a que se segue: uma camada inicial húmica, sedimento cinza, fino e arenoso. Esta camada possui uma espessura média de 3 cm de profundidade. Segue uma segunda camada com coloração marrom acinzentada, areno-argilosa e friável. Uma terceira camada é amarelada, argilosa e compacta. Os artefatos estavam concentrados na interface entre a segunda e a terceira camada.

90. Sítio Arqueológico AP-OI-11. À esquerda, decapagem mecânica do sítio do sítio. À direita, escavação manual das estruturas encontradas.

91. Sítio Arqueológico AP-OI-11. À esquerda, estrutura de lixeira contendo fragmentos cerâmicos e artefatos líticos. À direita, detalhe da estrutura do tipo “fossa”.

A seguir foram escavadas manualmente as anomalias identificadas através da decapagem mecânica, trabalhando em camadas naturais. Apenas 12 anomalias foram confirmadas como estruturas de natureza antrópica, entre elas tres fossas contendo fragmentos cerâmicos e artefatos líticos, sendo as demais estruturas concentrações de artefatos, possivelmente relacionadas à lixeiras. Apesar de não termos encontrado buracos de poste no sítio, o arranjo espacial da distribuição das lixeiras sugere uma habitação possivelmente retangular. Trata-se, certamente, de um sítio com baixa permanência, devido á pouca densidade de estruturas e artefatos, mas bastante importante para compreendermos a ocupação pré-colonial da região.

92. AP-OI-11: Plano de escavação mostrando as estruturas encontradas.

AP-CA-41: Rio Amapá Grande I

O sítio AP-CA-41: Amapá Grande 1 (também denominado Jazida 01) foi escolhido para resgate emergencial devido à proximidade de obras para retirada de aterro. Algumas obras, realizadas pela empresa CR Almeida antes da descoberta do sítio, haviam impactado cerca 10% de sua superfície, comprometendo apenas parte do limite norte do sítio.

Para a realização deste trabalho de resgate, uma série de estratégias foram desenvolvidas. Primeiramente, a partir de uma estação topográfica, foi realizado um levantamento plani-altimétrico da área, situando os acessos, áreas impactadas e preservadas do sítio.

A seguir, foi realizado um percorrimto sistemático da sua superfície, marcando todos os vestígios arqueológicos visíveis em superfície. Posteriormente, estes vestígios foram geo-referenciados com nível topográfico e coletados individualmente.

Isto permitiu, por um lado, a delimitação do sítio, ainda que esta delimitação seja parcial já que considera apenas as evidencias superficiais. Por outro lado, este mapeamento permitiu verificar áreas com maior densidade de evidências para serem testadas através de escavações manuais.

93. Sítio Arqueológico AP-CA-41. À esquerda, delimitação superficial dos vestígios. À direita, topografia do sítio.

Com estas informações sobre a distribuição do material arqueológico em superfície, foi possível identificar algumas áreas com maior densidade. Houve uma área em especial que chamou nossa atenção pela presença de muitos fragmentos cerâmicos, então decidimos iniciar uma pequena escavação para testar a natureza dos depósitos em subsuperfície. Esta área está situada na porção sudoeste do sítio, e sua localização pode ser observada nos croquis abaixo.

Para criar a malha de escavação nesta área, primeiramente fizemos a transposição da estação topográfica, marcando um ponto inicial para a malha. Este ponto foi chamado de 100\100, segundo o sistema X\Y. A partir deste ponto, foram nomeadas as quadriculas a serem escavadas.

94. Plano mostrando a densidade de artefatos em superfície e as áreas abertas (escavação manual, escavação ampla e trincheira).

95. Sítio Arqueológico AP-CA-41. Início dos trabalhos de escavação manual em área com grande densidade de artefatos em superfície.

Ao todo foram escavadas 13 quadrículas contíguas, todas medindo 1x1 metros. Estas quadrículas foram escavadas em níveis artificiais de 10 cm, com peneiramento de todo sedimento com malha de 3mm. Ao atingirmos o final deste nível artificial, pudemos perceber algumas concentrações de material arqueológico, indicando a existência de estruturas arqueológicas. Optamos então por manter o material arqueológico evidenciado. A partir destas observações também decidimos ampliar a área de escavação para outras três quadrículas, a fim de evidenciar melhor estas possíveis estruturas arqueológicas que apareceram.

Com esta área de 13m² aberta, foi possível observarmos a delimitação das estruturas. Foi observada uma grande estrutura na porção sul da área escavada, abarcando cinco quadrículas, com continuidade à leste, sul e oeste; e uma estrutura menor, atingindo um pouco além de duas quadrículas.

Após esta delimitação, voltamos à escavação manual. Para tanto, optamos seguir a escavação em níveis naturais, acompanhando as características específicas de cada estrutura. Esta escavação foi realizada com a plotagem individual de cada peça, o que oferece uma visão detalhada da distribuição espacial do material nesta área.

Ao final da escavação em nível natural destas estruturas, identificamos sobre o sedimento laterítico a presença de leves depressões, situadas nas áreas centrais das estruturas, indicando um preparo prévio da área (escavação de valas rasas) para a colocação do material da estrutura. Com estas escavações, interpretamos estas estruturas como áreas de descarte doméstico, ou sejam, lixeiras. Posteriormente, com a decapagem mecânica realizada, identificamos outras estruturas deste tipo, como será descrito abaixo.

Com a utilização de uma escavadeira hidráulica foi possível realizar amplas escavações. As decapagens foram feitas em níveis de 5 cm de profundidade, com o

material encontrado solto nas camadas arqueológicas coletados à mão em quadras de 5X5 metros de área. Quando eram identificadas estruturas a escavação era interrompida e só retomada, se necessário, quando eram finalizadas as escavações manuais destas estruturas.

Inicialmente foi aberta uma trincheira, orientada do norte em direção ao sul, a partir do início até o fim do declive, de forma a sabermos o limite do sítio e verificar a ocorrência de estruturas.

A estratigrafia observada é a que se segue: uma camada inicial húmica, sedimento cinza, fino e arenoso, contendo algumas lateritas pequenas. Esta camada possui uma espessura média de 5 cm de profundidade. Segue uma segunda camada com lateritas pequenas, coloração cinza escura, areno-argilosa e friável. É nesta camada que foram encontradas estruturas como pequenas fossas contendo cerâmica e uma grande lente de argila queimada. Uma terceira camada é bege-amarelada, argilosa, bem compacta com muita laterita. Ao final dela é que foram detectadas as estruturas tipo buraco de poste. A última e quarta camada é de cor alaranjada, com textura arenosa e lateritas maiores, sem material arqueológico e sem estruturas.

Já no início da trincheira, foi notada, entre a primeira e a segunda camada, uma lente de argila queimada, que se estendia por cerca de 3 metros ao longo da trincheira. Ela inicialmente não foi escavada e deu-se prosseguimento à trincheira em direção ao sul. Algumas anomalias estratigráficas foram notadas, mas nenhuma concentração de cerâmica foi identificada. Quando a trincheira saiu do topo plano e iniciou a pendente a geologia do substrato modifica-se. De um substrato com laterita de dimensões médias (entre 5 e 15 cm), passa para um substrato com grandes blocos de laterita (alguns com mais de 80 cm). Todas as anomalias notadas neste outro substrato são pouco sugestivas, não valendo a pena serem escavadas.

96. Sítio Arqueológico AP-CA-41. À esquerda, abertura de trincheira na porção central do sítio. À direita, trincheira finalizada com a estrutura de argila queimada em primeiro plano.

Ainda assim, uma área ampla foi aberta no final desta trincheira, em área de declive, medindo 5x25 metros de área. Nenhum artefato nem anomalia significativa foram notados. Dado estes resultados, foram interrompidos os trabalhos nesta área de declive, sendo concentrados os esforços na área plana da colina.

Para tanto, iniciamos as decapagens mecânicas próximo ao limite norte do sítio, indo na direção sul. No entorno da lente de argila queimada identificada na abertura da trincheira mais estruturas deste tipo foram encontradas, associadas com blocos de granito e fragmentos cerâmicos, confirmando que esta lente é antrópica. Esta lente estende-se por mais de 4 metros.

Próximo a esta estrutura, à leste da trincheira, alguns possíveis buracos de poste e uma concentração de cerâmica foram identificados.

Na decapagem mais à oeste da trincheira seguiram aparecendo anomalias com possibilidade de serem buracos de poste. Nesta área, mais especificamente na quadra denominada K18, uma concentração de blocos de granito (um deles um polidor depositado horizontalmente na camada) sugere que ai havia uma área de atividade.

Mais a sul iniciam a aparecer concentrações significativas de fragmentos cerâmicos, semelhantes àsquelas identificadas na escavação manual e que tratam-se, muito possivelmente, de pequenas fossas de deposição de lixo. Os possíveis buracos de poste diminuem, o que sugere que mais ao sul não há moradias antigas, o que é ainda mais sugerido pela grande quantidade de lixeiras, inconcebíveis em um espaço doméstico.

97. Sítio Arqueológico AP-CA-41. À esquerda, vista geral da área decapada. À direita, detalhe da estrutura de argila queimada.

A seguir foram escavadas manualmente todas anomalias identificadas através da decapagem mecânica, trabalhando em camadas naturais. Ao todo, 50 anomalias foram confirmadas como estruturas de natureza antrópica, entre elas buracos de poste, fossas rasas contendo fragmentos cerâmicos e material orgânico calcinado (principalmente sementes), além de uma grande estrutura de argila queimada, possivelmente um piso preservado.

Ao todo, a escavação atingiu mais de 1500 m², cerca de 50% do sítio. De acordo com a empreiteira, o restante da área do sítio não será impactada, ficando, portanto, preservada.

98. Plano mostrando a densidade de artefatos em superfície, as áreas decapadas e as estruturas antrópicas encontradas no sítio AP-CA-41.

99. Detalhe do plano mostrando as estruturas antrópicas no sítio AP-CA-41.

100. Mosaico de fotos e forma da Estrutura de argila queimada, interpretada como um fogão.

4.3.4. Sítios naturais: abrigos e "ilhas"

Abrigos

Sítios em recintos rochosos, tanto abrigos quanto cavernas, com presença de cerâmica Aristé, têm sido reportados desde o trabalho de Nimunedaju entre os povos indígenas do Uaçá, na bacia do Rio Oiapoque (Stenborg, 2004). Desde lá, outras cavernas ou recintos contendo cerâmicas relacionadas ao complexo Aristé têm sido encontradas no Amapá (Meggers & Evans, 1957) e na Guiana Francesa (Rostain, 1998). Estes sítios, junto com poços com câmeras laterais, têm sido considerados uma característica diagnóstica da fase Aristé (Meggers&Evans, 1957:157). A seguir vamos explorar as principais características da deposição de artefatos nestes locais.

Pelo menos dois tipos de grutas foram exploradas para a uso cerimonial da fase Aristé: abrigos de granito e cavernas na laterita. Em ambos casos, os tipos de deposição são as mesmas: vasilhas cerâmicas, as vezes inteiras, as vezes fragmentadas, sempre dispostas contra as paredes dos abrigos.

Aragbus

Aragbus é um grande conjunto de blocos graníticos com abrigos contendo cerâmica. O sítio possui este nome, "Aragbus", por conta de duas pedras em pé, próximas a abrigos rochosos. Parecem serem formações naturais, e não megalitos como os encontrados em Calçoene. Isto porque pode-se perceber claramente os negativos delas na rocha-mãe, um grande matacão granítico aos sul das "Aragbus". O que espanta, no entanto, é que a "mira" entre as "Aragbus" aponta para o leste magnético. Talvez, apesar de estarem perto ainda da rocha-mãe, as rochas possam ter sido mexidas de forma a ficar em pé, mas apenas uma escavação em área ampla na base das rochas poderia dar indicações sobre isto.

101. Sítio Arqueológico Aragbus. À esquerda vista geral das rochas. À direita as duas pedras “Aragbus”.

Em Aragbus existem pelo menos quatro abrigos-sob-rocha contendo material. O maior e com maior densidade de artefatos circunda um grande bloco granítico e foi denominado “Abrigo 1”, cuja superfície abrigada é de cerca de 21x14 metros. Ao sul deste primeiro abrigo existe um menor, que mede 8x4 metros, formado por uma placa encostada à um grande bloco, tendo sido denominado “Abrigo Himeket”, denominação dada pelo Sr. Uwet, uma liderança Palikur que nos acompanhou. O denominado “Abrigo 2” está localizado à oeste das pedras Aragbus, sendo o menor de todos abrigos que continham material, medindo 6x2 metros. O denominado “Abrigo 3” está mais afastado dos outros abrigos, localizado ao norte do conjunto medindo 10x 4 metros. Todos abrigos contém cerâmica em superfície. Do abrigo 3, segundo Sr. Uwet,, um crioulo da Guiana Francesa retirou um cesto cheio de laminas de machado polido.

102. Sítio Arqueológico Aragbus. À esquerda o Abrigo 1, à direita o abrigo Himeket.

Aragbus foi inicialmente visitado por David, Sr. Uwet, Xoni e Ivanildo em 1997. Na ocasião, um tatu havia escavado um buraco no abrigo Himeket, de onde saíram fragmentos cerâmicos e ossos humanos.

Em 2000, Eduardo, Uwet, Avelino, Elielson, Ivanildo Lega, Ailton, David e Lesley, visitaram novamente Aragbus, desta vez para fazer pequenas sondagens em alguns abrigos.

No Abrigo 1 foram feitas 6 tradagens. Em geral, o sedimento do abrigo se mostrou pouco profundo, com máximo de 60 cm de profundidade, quando as tradagens eram interrompidas pela presença de rochas.

No Abrigo Himeket foram feitas tradagens em uma linha atravessando a parte abrigada, indo de Sudeste para Sudoeste. Foram abertas 5 tradagens com espaçamento de 2 metros cada. Aqui também as escavações foram interrompidas à uma profundidade máxima de 60 cm, sempre batendo em rochas.

Estes trabalhos mostraram a presença de cerâmica Aristé. Ficou, no entanto a dúvida em relação aos níveis de rocha encontrados na base das tradagens. Não foi possível averiguar se eram realmente a base dos abrigos ou se eram fragmentos caídos do teto inseridos no solo. Somente escavações mais amplas poderiam fornecer mais informações.

Em 2008 João, Mariana, David, Sr. Uwet, Avelino, Nãtan, Cristiano, Joel e Benigno voltaram à Aragbus. Os objetivos desta vez eram fazer um mapeamento de Aragbus, uma amostragem de superfície, além de um poço teste a fim de verificar a estratigrafia de um dos abrigos.

Uma equipe, chefiada por Mariana com Cristiano e Joel, iniciou a escavar um poço-teste de 1x1 metros no Abrigo Himeket.

Na superfície do poço-teste havia vários blocos soltos de até 30 cm, fragmentos das paredes do abrigo que se desprenderam

Os primeiros níveis pareciam muito perturbados, creio que principalmente por ações de tatus (existe na região algo que chama-se Tatu-açu, que pode chegar a medir 1 metro). Abaixo de 1 metro em relação à superfície, após a ocupação cerâmica encontramos uma ocupação lítica. Conseguimos boas amostras de carvão, tanto da parte cerâmica quanto da lítica.

103. Sítio Arqueológico Aragbus. À esquerda escavação do poço-teste, à direita, poço-teste no nível 40-50 cm, com blocos e um grande fragmento cerâmico.

104. Sítio Arqueológico Aragbus. À esquerda escavação do nível 90-100 cm, na camada com material lítico, à direita, poço-teste finalizado no nível 100 cm.

Foi realizado o mapeamento das rochas e abrigos, além de uma coleta de superfície de elementos diagnósticos nos abrigos, e quantificação do material presente em superfície, através de quadras de 4x4 metros. O mapa com a densidade dos artefatos e os blocos rochosos pode ser visto abaixo.

105. Mapa das rochas (cinza), abrigos (áreas em branco) e densidade de fragmentos cerâmicos (tons de azul mais forte indicam maior densidade) em Aragbus. Duas datações associadas à deposições funerárias atestam a longa duração de uso de Aragbus, indo desde o século XII até o século XV D.C.

As Grutas do Tracajatuba

As grutas do Tracajatuba são caracterizadas pela presença de material cerâmico da fase Aristé, distribuído na superfície das áreas abrigadas de maciços rochosos de granito (conhecidos como *inselbergs*). Elas são conhecidas pela população calçoense desde, pelo menos, 1997 quando, moradores locais, os Srs. Roseno e “Porronca” durante uma caçada encontraram uma gruta contendo rico material cerâmico. Curiosos, abriram um ramal precário para chegar nas grutas de carro e levar as peças para algum museu em Macapá.

No entanto, o prefeito de Calçoene na época, o Sr. Ricardo Bravo, com receio de perda das peças foi até lá com uma equipe da prefeitura e coletou exemplares, alertando a Subregional do IPHAN em Belém sobre a descoberta.

Sabendo do fato, o IPHAN solicitou à Vera Guapindaia, arqueóloga do Museu Paraense Emílio Goeldi que fosse feito uma visita ao sítio e elaborasse um relatório propondo medidas de preservação. Desta visita foi gerado um relatório (Guapindaia, 1997) que registrou, além da gruta encontrada por Roseno e “Porronca” mais três outras grutas. As peças coletadas pelo prefeito foram então levadas ao Museu Joaquim Caetano da Silva que até hoje detém sua guarda.

As grutas acabaram caindo no esquecimento da população, o ramal aberto em 1997 acabou sendo engolido novamente pela mata e as grutas encontravam-se com acesso extremamente difícil até recentemente, tornando-as seguras do ponto de vista de sua preservação.

No início de 2010 ficamos sabendo que um morador local, que havia adquirido a terra onde estão localizadas as grutas, havia aberto um ramal que cruzou muito próximo de um maciço rochoso contendo uma das grutas. Dado o acesso facilitado, várias

peessoas começaram a visitar esta gruta, o que nos preocupou, visto que o material arqueológico esta exposto à superfície e visitas descontroladas poderiam danifica-lo.

Sabendo disto, planejamos uma vistoria destes sítios, a fim de relocizá-los e avaliar o impacto das visitas de curiosos às grutas e, no caso de evidências de impacto, realizar o mapeamento e resgate do material exposto. Esta atividade foi desenvolvida entre os dias 9 e 12 de outubro de 2010.

No primeiro dia chegamos e arrumamos a logística, contatando o Sr. Roseno para nos guiar até as grutas.

No dia 10, às 7 da manhã nos dirigimos às cabeceiras do Tracajatuba, onde estão localizados os sítios. Percorremos de carro o ramal recentemente aberto. Este ramal passa a menos de 50 metros do maciço rochoso que contém o sítio AP-CA-14.

Neste dia, no entanto, nos programamos para chegar nos sítios AP-CA-15, AP-CA-16 e AP-CA-17 que se encontra mais distante e com acesso menos facilitado que o primeiro.

Percorremos o ramal até uma área alagável, onde o carro, mesmo tracionado, não mais tem acesso. Deste ponto, fomos a pé ainda pelo ramal aberto no cerrado. Em certo ponto Roseno nos guiou pela mata até encontrarmos a montanha que contém os sítios.

Passamos por um primeiro abrigo contendo poucos fragmentos cerâmicos. Esta gruta não é ainda registrada, mas não foi possível fazer a leitura de sua coordenada com o GPS devido á cobertura vegetal. Denominamos este sítio de AP-CA-46.

106. Sítio Arqueológico AP-CA-46. Visão geral do abrigo.

Seguimos então procurando outras grutas, encontrando uma outra também com material arqueológico e ainda não registrada. Esta gruta continha duas vasilhas fragmentadas próximas à entrada do abrigo. Denominamos este sítio de AP-CA-47. Também não foi possível obter sua coordenada geográfica com GPS.

107. Sítio Arqueológico AP-CA-47. À esquerda Vista geral da entrada do abrigo. À direita, cerâmicas quebradas em superfície.

Chegamos depois finalmente no sítio AP-CA-15, já registrado por Guapindaia em 1997. Foi impressionante encontrar o sítio ainda com as urnas semi-inteiras no abrigo. O abrigo é amplo e seu fundo possui uma grande quantidade de fragmentos de urnas, muitas com pintura policrômica.

Ainda é possível a posição das urnas retiradas em 1997, devido ao fato de suas marcas ainda permanecerem no sedimento arenoso da gruta.

Uma vez que esta caverna não esta tendo acesso atualmente, deixamos as peças sem mexer no seu contexto, deixando-as para uma pesquisa futura. Sua localização é na coordenada 0487151\0290157.

108. Sítio Arqueológico AP-CA-15. Entrada da gruta com urnas semi-inteiras na entrada.

109. Sítio Arqueológico AP-CA-15, agrupamento de urnas na entrada do abrigo

110. Sítio Arqueológico AP-CA-15. Detalhe de urna semi-inteiras encontradas.

O sítio AP-CA-16 está justo ao lado do AP-CA-15. Trata-se de um pequeno abrigo, em cujo interior ainda restam alguns fragmentos e um aplique zoomorfo.

111. Sítio Arqueológico AP-CA-16. À esquerda chão do pequeno abrigo contendo fragmentos cerâmicos.
À direita, aplique zoomorfo encontrado no local.

No dia seguinte fomos visitar o sítio AP-CA-14. É uma gruta cujo acesso principal se faz através de uma estreita fenda no interior do Inselberg.

Após passar esta fenda, se abre uma ampla gruta, com mais de 38 metros de abertura e 4 metros de profundidade. Em quase toda a gruta percebe-se fragmentos de urnas. No caso deste sítio, não havia nenhuma urna inteira.

112. Sítio Arqueológico AP-CA-14. À esquerda abertura da fenda de acesso ao abrigo. À direita visão da fenda de acesso.

Notamos que as peças estavam sofrendo bastante impacto com as visitas recentes de curiosos, com muitas peças fraturadas recentemente pelo pisoteio das pessoas, muitas peças nitidamente retiradas de contexto, em cima de pedras, possivelmente para tirar fotografias.

113. Sítio Arqueológico AP-CA-14. À esquerda fragmentos na superfície do abrigo. À direita fragmentos recentemente quebrados e colocados sobre uma pedra.

Assim, foi decidido que o melhor era recolher todo material em superfície do abrigo. Para tanto, foi realizado um quadriculamento de sua área, com quadriculas de 4 m² de área, tamanho considerado ideal, que espacializaria as peças, mesmo que alguns tenham sido removidas de seu contexto original (considerando que elas não tenham sido retiradas a mais de 2 metros de seu local original). A denominação foi alfa-numérica.

114. Sítio Arqueológico AP-CA-14. À esquerda atividade de quadriculamento da gruta. À direita coletas de superfície.

“Ilhas”

Vila Velha

O sítio conhecido como Vila Velha está localizado no baixo curso do Rio Cassiporé, sob uma pequena elevação de terra firme no limite dos campos alagados do litoral atlântico.

As únicas escavações sistemáticas foram realizadas por Peter Hilbert (1957) em duas áreas, uma mais afastada e outra mais próxima ao rio Cassiporé. Em ambos locais, as urnas foram encontradas entre 10 e 20 cm da superfície atual. Não foram notadas as fossas de inserção, nem um padrão de disposição das urnas (Hilbert, 1957: 11).

Foram, no entanto, notadas diferenças no formato e conteúdo das urnas nas diferentes áreas escavadas. Na porção mais afastada do rio, as urnas são mais numerosas e colocadas mais próximas uma das outras, seu tamanho é relativamente grande (60 cm de diâmetro), sendo cobertas por tampas, em sua maioria, com formato de bacia com incisões no fundo, interpretadas como ralos de mandioca. No interior foram encontrados, na parte mais funda das urnas, ossos bastante decompostos. A decoração principal é a pintura em preto sobre engobo branco, em linhas horizontais paralelas ou cruzadas e gregas, limitadas aos ombros ou pescoços das urnas.

Na porção mais próxima do rio as urnas aparecem com menos frequência e são mais afastadas umas das outras, algumas vezes por metros de distância. Os tamanhos são menores (30 cm de diâmetro) e possuem formatos mais complexos. A pintura, além do preto, possui também o vermelho sobre fundo branco, cobrindo em faixas todo o corpo com exceção da base. As tampas não possuem as incisões em seu interior e são de tamanho menor, podendo serem pintadas ou lisas. No interior foi encontrada terra húmica com restos de ossos cremados. As urnas apresentaram contas de vidro e outros artefatos de origem européia.

As diferenças encontradas nas áreas escavadas foram interpretadas, a partir da caracterização da cerâmica e dos padrões de sepultamentos fornecidos por Meggers e Evans (1957) e das evidências de artefatos europeus no local mais próximo do rio, como diferenças cronológicas. Para Hilbert (1957: 36) haveria uma estratificação horizontal no Vila Velha, onde as deposições mais afastadas do rio seriam mais antigas e as mais próximas, mais recentes.

Ilha das Igaçabas

O sítio Ilha das Igaçabas esta localizado sobre uma elevação de terra cercada por um igapó junto ao curso do Igarapé Grande, ao sul do rio Cassiporé.

Kumenê

A atual aldeia de Kumenê é a mais populosa entre os Palikur, com mais de 500 habitantes. Ela é comprida, com casas perfiladas no entorno de duas ruas paralelas ao rio Urucaúá.

Junto à rua principal há muito tempo é notado o aparecimento de bordas de urnas, possivelmente funerárias. Algumas foram já retiradas por moradores e por Eduardo Neves em 2000.

Decidimos fazer uma pequena escavação na rua da comunidade, em algumas urnas expostas. Esta escavação teria a vantagem de, por um lado, salvar um pouco do sítio e, por outro, mostrar para toda comunidade como funciona uma escavação.

No dia 27 de Junho, com a ajuda de Benigno, Avelino e Miquéias, iniciamos a escavação de duas urnas na rua de Kumenê. Primeiramente delimitamos uma área de 2x1 metros que cobria duas urnas que pareciam um pouco mais inteiras. Por conta disto, os cortes não foram orientados na direção norte (280°). Desde o início muitos Palikur acompanharam a escavação, muitas crianças e alguns adultos. Uma das urnas, escavada

na quadrícula 100/101 tinha como tampa um “ralador” de mandioca. A urna, propriamente dita, tinha ainda boa parte da borda preservada (cerca de $\frac{3}{4}$), apesar de fragmentada para dentro do pote.

A urna escavada na quadrícula 100/100 não possuía tampa, nem tinha mais a borda.

Ambas puderam ser retiradas aos 20 cm de profundidade, sob muita atenção da comunidade.

No dia 28 de Junho foi realizado o mapeamento dos restantes das urnas e das casas no entorno de Kumenê, com bússola e trena. Ao mesmo tempo, Mariana realizou a escavação do conteúdo das urnas na rua mesmo da comunidade, para todos verem o que havia no interior. Com exceção de fragmentos cerâmicos, mais nada havia no interior das urnas.

4.3.5. As estruturas artificiais: megalitos e valas

Estruturas Megalíticas

A maior parte dos sítios megalíticos é formada pelo arranjo circular de grupos de blocos de granito em posições horizontal, vertical ou inclinada, dispostos no topo de colinas. Os tamanhos e composições são variáveis. Algumas estruturas são pequenas, com menos de 10 metros de diâmetro, formadas por blocos medindo menos de um metro. Outras podem medir mais de 30 metros, sendo compostas por blocos de até 4 metros de altura.

Uma análise espacial foi realizada com objetivo de entender as diferenças nos tamanhos em uma área piloto. Através das análises realizadas, os sítios megalíticos estão agrupados por bacias d’água e regularmente espaçados. Considerando as

diferenças nos tamanhos das estruturas e suas distribuições podemos perceber claramente uma distribuição hierárquica de sítios, com a ocorrência de apenas 3 grandes estruturas (mais de 25 m) cercadas por outras muito menores (menos de 20m).

Para compreender melhor estas distribuições, uma área piloto foi selecionada para um estudo aprofundado. Em uma área de campos medindo 2x0.6 km existe um complexo cerimonial envolvendo estruturas megalíticas com diferentes tamanhos. Nenhum assentamento expressivo foi encontrado no entorno.

Este complexo está distribuído nas colinas junto à planície alagadiça do igarapé Rego Grande. Ele compreende cinco áreas de estruturas megalíticas inseridas no topo das colinas.

115. Área junto ao Igarapé Rego Grande, mostrando a distribuição das estruturas megalíticas. O tamanho dos pontos é relativo ao tamanho das estruturas.

Quatro destas estruturas foram objeto de investigações arqueológicas. Estas investigações mostraram que as diferenças em tamanho das estruturas também refletem diferenças nas deposições de objetos.

Área 1 (Sítio AP-CA-38)

Trata-se de um sítio composto por megalitos, que formam uma estrutura oblonga, com diâmetro máximo de 10 metros e mínimo de 8 metros. Existem muitas rochas deitadas, havendo apenas um conjunto de várias pedras sobrepostas que ficam em pé, situado a norte da estrutura. Algumas pedras depositadas horizontalmente possuem mais de 3 metros de comprimento. Muitas parecem ser tampas de poços.

A primeira etapa do trabalho de campo foi a limpeza da vegetação arbustiva que recobria as áreas a serem escavadas. Não foram derrubadas árvores. A seguir, foi realizado o quadriculamento das áreas que sofreriam intervenções.

A escavação se focou em estruturas de rochas visíveis a partir da superfície: quatro áreas abertas em estruturas formadas por rochas depositadas horizontalmente e uma área no entorno do conjunto de blocos em pé. Cada uma destas áreas recebeu um número específico, além de serem cobertas por uma malha de quadriculamento. Destes cinco conjuntos, no entanto, apenas três apresentaram estruturas arqueológicas abaixo das placas.

As quadrículas de 1mX1m foram escavadas em níveis artificiais de 10 cm de profundidade, mantendo as peças encontradas *in situ* para visualização de estruturas em cada nível. A coleta das peças era feita posteriormente, após a visualização (e registro) da estrutura a qual pertencia. No caso de estruturas que avançavam por mais de um nível, as peças eram coletadas apenas no nível da base da estrutura. Esta é uma

metodologia híbrida da escavação em nível artificial e em nível natural, permitindo um registro contextual das peças e facilitando a escavação para colaboradores com pouca experiência.

O primeiro conjunto escavado, denominado Poço 1, era formado por duas placas. Ao se rebaixar estas placas, foi notado que elas cobriam um poço circular medindo 80 cm de diâmetro. Rebaixando-se este poço, abaixo de 70 cm de profundidade, foi notado o início da formação de uma câmara lateral, que estava direcionada para leste. Nesta câmara, que media 2,30 m x 2 metros, foi possível evidenciar a deposição de diversos ossos humanos colocados sobre placas de granito no fundo do poço. Sobre estes ossos foram ainda depositadas 5 urnas lisas, possivelmente acompanhamentos funerários, pois em seu interior não haviam ossos.

116. Sítio Arqueológico AP-CA-38, Poço 01: sequencia da escavação arqueológica, desde o início de seu acesso à câmara, passando pela descoberta de 5 vasos, até o fundo da câmara contendo ossos desarticulados.

O segundo conjunto de megalitos escavado era formado por uma imensa placa granítica medindo 3 x1 metros associada a outras menores. Ao se retirar as placas superficiais foi possível notar a abertura de um poço, medindo 1,20 metros de diâmetro, contendo placas de granito em posição vertical que forravam suas paredes a oeste, norte

e sul. Aos 60 cm de profundidade foi notada a abertura de uma câmara lateral para a direção leste. Esta câmara, que possuía 80 cm de diâmetro e 35 cm de profundidade, possuía em sua base a deposição de ossos humanos desarticulados, associados a uma lâmina de machado polido.

117. Poço 02: sequência da escavação arqueológica, desde a exposição de sua tampa, o início de seu acesso a câmara, passando até o fundo da câmara contendo ossos desarticulados, associados a uma lâmina de machado polido.

Uma terceira área escavada foi aberta de modo a abranger toda a área de entorno do conjunto de megalitos em posição vertical. Esta escavação, que abrangeu uma área de 5m x4 metros, rebaixou o solo no entorno destes megalitos até a base, a fim de verificar o método de inserção destas placas no solo. Foi possível ainda verificar a deposição de sete urnas intencionalmente depositadas na base desta estrutura, no seu setor sul.

118. Sítio Arqueológico AP-CA-38, Estrutura 05: seqüência da escavação arqueológica.

Mapa de localização da área escavada do sítio AP-CA-38, com indicação das estruturas localizadas. As marcações indicam a malha de quadriculamento de 1mX1m.

Área 2 (AP-CA-21)

Este é um sítio megalítico de pequenas dimensões, situado na margem esquerda do igarapé Rego Grande, e distante não mais do que 500 metros da Área 4. O local onde a estrutura está inserida é cercado por uma área aberta ampla, mais baixa, e parcialmente alagada durante o período de chuvas. As rochas ficam no topo de uma colina (ilha), em meio a uma capoeira antiga.

Em superfície, é possível contabilizar 13 conjuntos de blocos, entre enterrados e de pé (7 de pé). A estrutura é circular, possuindo 16 metros de diâmetro.

A primeira etapa do trabalho de campo foi a limpeza da vegetação de capoeira que recobria as áreas a serem escavadas. A seguir foi realizado o quadriculamento das áreas que sofreriam intervenções.

A escavação se focou em três estruturas de rochas visíveis a partir da superfície: duas áreas abertas em estruturas formadas por rochas depositadas horizontalmente, uma no centro da estrutura e outra em seu limite oriental e uma área no entorno dos blocos em pé. Cada uma destas áreas recebeu um número específico, além de serem cobertas por uma malha de quadriculamento de 1mX1m.

As quadrículas foram escavadas em níveis artificiais de 10 cm de profundidade, mantendo as peças encontradas *in situ* para visualização de estruturas em cada nível. A coleta das peças era feita posteriormente, após a visualização (e registro) da estrutura a qual pertencia. No caso de estruturas que avançavam por mais de um nível, as peças eram coletadas apenas no nível da base da estrutura.

O primeiro conjunto escavado, denominado 1, era formado inicialmente por um grande bloco de granito, localizado no centro da estrutura. Ao se rebaixar esta placa, outros blocos foram notados, que mergulhavam para os níveis inferiores. Aos 30 cm de profundidade já foi possível notar as bordas de um poço, medindo 1,5 metros de

diâmetro e, em seu centro, uma placa granítica em posição horizontal que, dado nosso conhecimento acumulado sobre as estruturas megalíticas, trata-se de uma tampa do poço. Sobre a tampa, e no entorno das bordas do poço, encontramos deposições de cerâmicas fragmentadas. Retirando esta tampa e rebaixando-se o poço, abaixo de 58 cm de profundidade, foi encontrada a deposição de 10 urnas funerárias. Duas delas, apesar de possuírem apenas pinturas vermelhas, pela sua forma e algumas incisões, parecem indicar tratarem-se de variações das urnas antropomorfas típicas da Fase Aristé (Goeldi 1905; Meggers & Evans 1957; Rostain 2011; Cabral & Saldanha 2012) . A escavação do poço foi encerrada aos 78 cm de profundidade, quando localizamos seu fundo.

119. Sítio AP-CA-21: Poço 01 :sequência da escavação arqueológica, desde o achado de sua tampa, passando pela descoberta do conjunto de 10 urnas, até o fundo do poço aos 78 cm de profundidade.

O segundo conjunto escavado localizava-se junto ao limite oriental da estrutura megalítica, tendo sido notado inicialmente como uma depressão no solo contendo placas de granito enterradas. Ao se rebaixar aos 20 cm de profundidade, foi possível notar os limites de um poço e, em seu interior, placas de granito que parecem servir de

tampa. Sobre uma das tampas, uma concentração de cerâmica foi localizada, tendo sido denominada “Deposição 01”. Ao se retirar as placas e rebaixando o poço, começamos a notar deposições mais estruturadas de fragmentos cerâmicos, formando conjuntos mais definidos, como urnas funerárias fragmentadas. Aos 73 cm de profundidade, era possível notar quatro placas de granito em posição vertical que, estando encostadas junto às bordas do poço, pareciam formar uma espécie de parede. No centro do recinto formado pelas placas já era possível notar seis conjuntos formando urnas funerárias e suas tampas. Uma das urnas era um exemplar de urna antropomorfa policrômica Aristé que, no entanto, não apresentava apliques. No fundo do poço, aos 90 cm de profundidade, além das placas servindo de paredes ao poço, foi encontrado, além da urna policrômica, uma tigela carenada que, pela sua posição, deveria ser a “tampa” desta urna. Uma pequena câmara lateral, vazia, foi localizada na parede leste do poço. A escavação do poço foi encerrada aos 90 cm de profundidade, quando localizamos seu fundo.

120. Sítio AP-CA-21: Poço 02:sequência da escavação arqueológica, desde a exposição de sua tampa, passando pela descoberta das urnas funerárias e, por fim, o fundo do poço com a pequena câmara lateral.

Uma terceira área escavada foi aberta de modo a abranger uma área de entorno de um megalito em posição vertical. Esta escavação, que abrangeu uma área de 2mx2 metros, rebaixou este megalito até a base, a fim de verificar o método de inserção desta

placa no solo. Algumas concentrações de fragmentos cerâmicos no entorno foram encontrados.

121. Sítio AP-CA-21: Estrutura 03: sequência da escavação arqueológica.

122. Mapa de localização das escavações no sítio AP-CA-21, com indicação das estruturas localizadas.

As marcações indicam a malha de quadriculamento de 1mX1m.

Área 3 (associado a AP-CA-18)

A menor das estruturas megalíticas do sítio, aqui denominada de “Área 3”, era formada por duas concentrações de blocos graníticos dispostos horizontalmente na superfície, distantes uma da outra em 10 metros. A escavação, medindo 4 m², foi realizada junto à um destes conjuntos, formado por cinco placas alinhadas no sentido norte-sul.

A escavação foi realizada em níveis artificiais de 10cm de espessura, por quadricula, alterando-se a metodologia para a escavação das fossas.

123. Disposição dos blocos em superfície na Estrutura 1 da Área 3, com delimitação da área escavada.

Logo após a retirada das rochas mais superficiais, percebemos a borda de uma vasilha inteira que estava abaixo, apoiada em outros dois blocos menores. No entorno dela e dos blocos menores aparecem muitos fragmentos cerâmicos, possivelmente de vasilhas quebradas com a deposição de grandes rochas sobre elas.

124. Uma estrutura bem preservada, com uma vasilha cerâmica inteira rodeada por blocos de rocha e fragmentos cerâmicos. No canto inferior direito, em destaque, a área com sedimento mais fino: início da

Fossa 1.

Na quadrícula E21 começou a aparecer outra estrutura, desta vez evidenciada na diferença de sedimentos. Em contraste com a camada laterítica, uma porção da quadrícula E21 era formada por um sedimento mais fino e livre de laterita. Sua delimitação sugere tratar-se de uma fossa (Fossa 1) cavada no solo laterítico. Ela possui um formato circular, com cerca de 80 cm de diâmetro. O sedimento que a preenche se destaca do entorno de laterita por ser mais homogêneo e alaranjado e argilo-arenoso.

Ao baixar o nível 20-30 cm da Fossa 1, foi encontrada a borda de uma vasilha inteira com pintura vermelha externa. Ela começou a ser delimitada estando levemente inclinada de oeste para leste. No final do nível 20-30 cm da escavação da Fossa 1 apareceu outra borda de uma vasilha que estava colocada abaixo da primeira.

O sedimento que preenche a fossa é relativamente limpo, com pouca laterita e alguns poucos fragmentos cerâmicos soltos.

A continuação da escavação da Fossa 1 ocorreu seguindo a camada natural, não obedecendo mais os níveis artificiais, tentando identificar a forma como a fossa foi preenchida (se em um único evento ou vários). A idéia foi liberar todo o sedimento que preencheu a cova e soterrou as vasilhas, para daí, tirar a profundidade total da fossa. Foi possível evidenciar as duas vasilhas que estão depositadas em seu interior. A base de ambas está diretamente sobre a parede de laterita, com o fundo da fossa situado a 50cm de profundidade. A vasilha mais profunda possui uma forma ovalada e elipsóide, também com pintura vermelha e dois apliques zoomorfos. A vasilha que está depositada por cima também tem a forma ovalada, pintura vermelha. Entretanto ela é maior e mais baixa.

Com a retirada da estrutura entre as quadrículas F22 e F21, foi notado que abaixo dela havia o mesmo sedimento que cobria a Fossa 1. O sedimento cobria uma área também circular, que se estendia para baixo de uma rocha que ainda estava na

quadícula F21. Iniciando a escavação desta segunda fossa (Fossa 2), foram logo evidenciadas duas bordas de vasilha, justamente abaixo da rocha acima citada. Foi necessário abrir parte das quadículas G21 e G22 para liberar a rocha e conseguir escavar a segunda fossa. Também a retirada de fragmentos cerâmicos da quadícula F21 mostrou uma grande concentração junto à parede no limite da quadícula G21, reforçando a necessidade de abrir as quadículas G21 e G22.

Para remover a rocha sobre a Fossa 2, foi aberta a metade oeste da quadícula G21 (subquadículas A e C) e parte da quadícula G22 (subquadícula C).

Nas quadículas G22 e G21, de 0 a 10 cm, o sedimento era areno-argiloso, alaranjado, com pouco material. Aos 10 cm começaram a aparecer alguns fragmentos cerâmicos, cujas bases estavam no nível abaixo. Abrindo o nível 10 a 20 cm, surgiu uma grande concentração de fragmentos cerâmicos, dando continuidade ao que já aparecia na quadícula F21. Na quadícula G22 também continuou a grande concentração de cacos. Parece uma série de vasilhas que foram amassadas no local. Notou-se sobre uma pilha de cacos um pedaço de rocha, como se fosse jogado sobre o pote para ele se despedaçar. A remontagem posterior dos fragmentos ajudará a entender melhor como se deu este episódio, se foi deposição e quebra posterior de vasilhames, ou se foram depositados apenas pilhas de cacos. A distribuição também parece se dar de forma circular no entorno das Fossas, que são limpas nos seus topos.

Após a escavação da estrutura formada pelos fragmentos, foi delimitada com maior precisão nas quadículas F21 e f22 a segunda fossa, também de forma circular.

Nas quadículas G21 e G22, aos 20 cm de profundidade, foram delimitados os limites oeste de mais duas fossas, que se estendem para baixo de outra grande pedra localizada a leste da área escavada. Estas outras fossas não foram escavadas.

A escavação da Fossa 2 mostrou que ela também foi preenchida por um sedimento areno-argiloso alaranjado, que se destaca do entorno de laterita. Já no início foram evidenciadas as bordas de duas vasilhas com pintura vermelha.

125. Esquerda: o início da escavação da Fossa 1, vista para Norte. Direita: As duas fossas evidenciadas, a mais próxima é a Fossa 1.

Ao fim da escavação, havíamos evidenciados duas fossas cavadas na laterita, sendo depositadas dentro de cada uma duas vasilhas inteiras. Nas duas fossas, foram escolhidas vasilhas semelhantes para serem depositadas ao fundo e sobre estas, outras vasilhas também semelhantes em forma, sugerindo um padrão claro de deposição.

126. Esquerda: Distribuição espacial do material arqueológico no nível 0-10cm. Direita: Distribuição espacial do material arqueológico no nível 10-20cm.

127. Distribuição espacial do material arqueológico ao longo d escavação da Área 3.

Área 4 (AP-CA-18)

Esta área compreende uma estrutura megalítica de grande porte, inserida no topo plano de uma colina que mede, aproximadamente 150mX80m de diâmetros. A estrutura megalítica possui um formato aproximadamente circular/elipsóide, cujo diâmetro máximo é de 30m, sendo formada por um anel de rochas dispostas em posições horizontais, verticais e inclinadas. Também é possível verificar uma área aberta da estrutura na direção sudeste, sendo uma espécie de “entrada” para o círculo de rochas. As poucas pedras encontradas neste local estão claramente deslocadas de sua posição original.

Ao entrar no centro da estrutura, é possível perceber uma clara diferença na constituição dos blocos rochosos nas direções norte e sul. Ao norte, os blocos são de menor porte (maior bloco com 2,2 metros) e aparentemente mais frágeis, restando hoje em dia apenas 4 blocos em pé. Durante o mapeamento, foi possível perceber que outros três blocos estavam em posição vertical ou inclinada, mas se encontram hoje tombados. De suas posições originais, sobraram apenas as bases, ainda perceptíveis junto ao solo. Nota-se, portanto, que no lado norte a preservação dos blocos é pior, com uma maior quantidade de placas fragmentadas e deslocadas do que no lado sul.

Ao sul, além da melhor preservação, os blocos são monumentais, com três grandes conjuntos de blocos em pé, alguns sustentando outros, além de três outros grandes blocos que se encontram isolados. O maior bloco no lado sul mede 3,2m de altura acima do solo. Sua base encontra-se enterrada no solo, o que o torna ainda maior.

Além dos blocos rochosos, pelo menos duas outras estruturas são perceptíveis na superfície do solo no sítio: pequenos montículos de laterita e depressões.

Os montículos de laterita estão distribuídos de maneira mais ou menos regular nas áreas externas da estrutura, sobre a elevação natural, com o tamanho máximo de 1m de comprimento e 50cm de espessura. No início, a equipe pensou que poderiam ser perturbações do solo decorrentes do desmatamento, como se as raízes houvessem trazido estes aglomerados de laterita à superfície do solo. Porém, o geólogo Marcondes Lima (UFPA) e a geo-arqueóloga Dirse Clara Kern (MPEG) sugerem outra causa.

Depois de uma visita científica ao sítio, Costa observou que há uma “distribuição aparentemente regular [dos montículos] ao longo da meia-encosta e quase sempre em igual morfologia e volume, além da sucessão granulométrica mencionada [concreções grossas sobrepostas à finas, em uma inversão estratigráfica]”(Costa, 2007). Tal situação sugere, portanto, a possibilidade dos montículos serem deposições

resultantes de escavações antigas, possivelmente para construção das fossas para assentar os monólitos (Costa, 2007).

A posterior escavação de uma destas fossas pela equipe reforçou esta possibilidade, por se tratarem de buracos relativamente fundos (mais de 70 cm), cujo preenchimento para fixação dos monólitos foi majoritariamente constituído por placas menores de granito. Deveria haver, desta forma, um local para deposição do sedimento escavado, que apenas parcialmente foi aproveitado para re-aterro destas fossas.

128. Mapa com a distribuição dos megalitos, das depressões (círculos pretos), da possível delimitação da primeira estrutura (círculo vermelho) e do possível prolongamento para o sul (círculo amarelo).

129. Diferença no tamanho dos monólitos entre os dois lados da estrutura. À esquerda: lado sul. À direita: lado norte.

A metodologia de escavação utilizada foi de decapagem em área ampla, seguindo níveis artificiais de 10cm de espessura. As quadrículas foram escavadas individualmente, com plotagem e coleta individual das peças maiores e coleta sem plotagem do restante do material arqueológico presente.

A opção pelas áreas a serem escavadas ocorreu a partir das informações obtidas através de uma prospecção geofísica aliadas às observações da equipe em campo sobre a disposição dos blocos de rocha e de material arqueológico durante as escavações. Nesse sentido, houve especial interesse em abrir áreas que respondessem a diferentes questões sobre o sítio, tais como: Que atividades foram realizadas no interior da estrutura? De que forma as anomalias detectadas na geofísica correspondem a micro-

estruturas arqueológicas? Como a estrutura foi construída? Há diferenças na deposição de material ao longo da estrutura? Como os blocos foram fixados no solo? Qual a relação entre blocos de rocha e poços funerários? O resultado foi a escavação de duas áreas com contigüidade interna, com características bastante diversas, inclusive dentro de uma mesma área.

As escavações iniciaram em uma área de 15m² na porção Sudoeste da Área 1, no interior da estrutura circular de blocos de rocha, onde havia poucos blocos em superfície. Esta área havia sido indicada com alto potencial pelos estudos geofísicos.

Logo nas primeiras quadrículas abertas, a alta densidade de fragmentos cerâmicos chamou a atenção da equipe, com quadrículas em que o primeiro nível (0-10cm) tinha mais de 160 fragmentos plotados individualmente. Com o prosseguimento das escavações, e a expansão da área aberta, algumas micro-estruturas começaram a ser identificadas. Nestes casos, ao invés das peças serem imediatamente plotadas e recolhidas, as estruturas eram evidenciadas, de forma a oferecer uma melhor visualização para sua compreensão. Apenas após evidenciarmos toda a estrutura, realizando os registros necessários, as peças eram recolhidas, seguindo a plotagem e numeração padrão.

O nível estéril nesta área inicial de 15m² foi alcançado por volta de 30cm de profundidade, com exceção do poço funerário identificado entre as quadrículas 98/100, 98/101, 99/100 e 99/101. Este poço foi escavado pelos construtores do sítio no solo natural, alcançando 1,90m de profundidade (ver item 4.6.2-III).

A escavação então teve sua área expandida para sul, de forma a englobar parte dos conjuntos de blocos de rocha que formam a estrutura circular. Desta forma, foi possível realizar escavações em uma área que atingisse tanto a porção externa quanto a

interna da estrutura, além de oferecer informações sobre sua construção, sobre a forma como os megalitos foram colocados e fixados no solo.

Na expansão da malha para sul, começamos a trabalhar entre os blocos de rocha, havendo então uma preocupação em não fragilizar as estruturas, de forma a impedir qualquer movimentação dos blocos. Para tanto, as escavações nesta área atingiram apenas 10cm de profundidade (apenas o primeiro nível artificial), permitindo uma boa visualização dos conjuntos de blocos de rocha e da forma como estavam articulados, além de oferecer uma amostra da dispersão de material na área. Entre os blocos, porém, foi retirado também o entulho natural, decorrente das ações climáticas, o que provoca a falsa impressão de que a escavação foi além dos 10cm.

De forma a melhor compreender como era feita a estrutura de fixação dos blocos de rocha no solo, optamos por escavar a base de um bloco quebrado. A escolha por não escavar os blocos ainda de pé se deu justamente para impedir qualquer movimentação que pudesse afetar a estabilidade e a própria posição em que se encontram hoje. A base escavada ofereceu dados muito interessantes sobre a fixação e o cuidado do posicionamento do bloco no solo (ver item 4.6.2-II). Nesta área, que atingiu duas quadriculas⁴ (2m²), a escavação perfurou o solo natural, alcançando 70cm de profundidade.

A outra área de escavação com contigüidade está localizada mais ao Leste, no limite entre a estrutura circular e seu interior. A opção por escavar neste ponto se deu pelo interesse em testar a correlação entre grandes blocos de rocha deitados no solo e a presença de poços funerários. Como nesta área havia o maior bloco de rocha deitado do sítio, decidimos investigar.

⁴ Estas quadriculas são: 99/93 e 99/94.

Nesta área, abrimos 12m², identificando um poço funerário justamente abaixo do grande bloco de rocha. Diferentemente da outra área escavada, aqui havia baixa densidade de material e os fragmentos eram menores. No interior do poço, porém, foram encontradas 10 vasilhas completas e duas pouco fragmentadas, cuidadosamente arranjadas do fundo do poço até sua borda (ver item 4.6.2-III).

O poço funerário nesta segunda área foi escavado pelos construtores da estrutura no solo laterítico natural, alcançando a profundidade de 1,10m, e estava situado entre as quadrículas 107/93, 107/94, 108/93 e 108/94. As quadrículas no entorno não chegaram a ser escavadas até o solo estéril, que tinha início entre 30cm e 40cm de profundidade. Com exceção da quadrícula 109/93, que foi escavada até o nível 40cm de forma a facilitar a escavação e o acesso ao poço funerário, as demais quadrículas foram escavadas até os níveis 10cm e 20cm (a depender de sua localização).

Uma quadrícula isolada também foi escavada na porção Norte da estrutura circular, alcançando 20cm de profundidade e atingindo parcialmente a camada estéril. Foram encontrados poucos fragmentos cerâmicos e alguns pequenos blocos de rocha. Na base do nível 20cm, a maior parte da quadrícula já estava na camada laterítica que forma o solo natural. Entretanto, no canto Sudoeste havia uma alteração do sedimento, sem presença de lateritas e de textura mais solta. Associado a este sedimento, havia um bloco de rocha que penetrava para os níveis inferiores.

Um dos principais problemas para a escavação na estrutura megalítica era compreender a forma de inserção dos blocos colocados em posição vertical e inclinada, de forma a saber não só como eles eram sustentados, mas também verificar a possibilidade de deslocamento de suas posições originais ao longo do tempo. Também procuraríamos evidências estratigráficas de possíveis deslocamentos, se ocorridos, de forma a tentar reconstituir a posição original.

Como um dos objetivos da pesquisa arqueológica no sítio AP-CA-18 é subsidiar a abertura do sítio para visitação, a escavação da base das rochas não deveria comprometer a estrutura megalítica, de forma a manter o sítio arqueológico na forma mais próxima possível da época de seu registro. Assim, procuramos trabalhar apenas bases *in situ* de rochas visivelmente tombadas. Desta forma, a escavação não abalaria a sustentação de rochas que ainda estão em pé. Para isto foi escolhida uma base localizada entre as quadriculas 99/92 e 99/93.

130. Base de rocha escolhida para escavação. Em destaque (circulado), o topo do bloco caído.

A área já havia sido escavada até 20cm de profundidade, e havíamos encontrado uma estrutura de deposição de fragmentos cerâmicos junto à base dessa rocha. Na maior parte das quadriculas no entorno, a camada estéril de laterita tornava-se evidente, com exceção da área no entorno imediato do bloco, que ainda possuía um sedimento mais fino contendo fragmentos cerâmicos e placas menores de granito. Com a escavação dessa estrutura, foi possível compreender que este sedimento diferenciado referia-se à fossa escavada (alvéolo) para inserção do monólito.

Mais a sul desta base, na quadricula 99/92, foi encontrada a base de uma outra pedra caída, permitindo a reconstituição de, pelo menos, duas rochas que originalmente estavam em pé na área. Originalmente elas eram levemente inclinadas para oeste, direcionadas de norte a sul. No entorno delas, aos 20cm de profundidade, foi localizado

o solo natural, formado por laterita. Onde não havia a laterita parecia haver a borda da fossa escavada para inserção das rochas colocadas em pé. Junto da borda, havia pequenas placas de granito e fragmentos cerâmicos que mergulham na direção desta fossa.

Primeiramente, foi escavada a quadrícula 98/93 na parte norte do bloco a ser escavado. Foi observado novamente nesta quadrícula uma lente de laterita localizada à oeste de uma rocha, associado a placas de granito menores. Blocos de laterita e placas de granito colocadas a oeste sugerem um apoio para sustentação da pedra em pé.

Na sequência foi aberto o nível 20-30 cm da quadrícula 99/94, a norte do bloco. A idéia principal foi abrir uma pequena trincheira, medindo 2mx1m no entorno da base de rocha, a fim de entender a estrutura de sustentação, o tamanho da fossa para inserção dos monólitos, e o quanto eles se aprofundam abaixo do solo. Assim, a escavação trabalhou conjuntamente as quadrículas 99/93 e 99/94.

131. Detalhe da estrutura de sustentação do monólito no nível 20-30 cm com blocos de laterita e placas de granito inseridas na fossa de forma a manter o bloco em um ângulo específico.

No nível 20-30cm, foram notados grandes blocos de laterita e placas de granito sustentando a rocha. No entorno de grande parte da trincheira neste nível já se percebia que ele era estéril, formado principalmente por laterita. As exceções são: um ponto no

sul da quadrícula 99/94, abaixo de uma grande rocha que se prolonga para a quadrícula 99/95, onde foi delimitado o limite da borda de um poço/fosso (estrutura descrita no 4.6.2-IV). Outra exceção é no entorno do bloco caído, onde foi delimitado o alvéolo para inserção da rocha. Foi notado que a fossa escavada para inserção não é muito maior que a rocha que ele sustenta, estando a, no máximo 15cm de distância do bloco. A “folga” entre o a borda da fossa e a rocha é então preenchida com blocos de laterita e pequenas placas de granito, de modo a sustentar o bloco maior em pé e em uma posição específica.

132. À esquerda: final da escavação da trincheira no entorno da base de bloco. À direita: detalhe da estrutura de sustentação do bloco ao final da escavação.

Logo após foram escavados os níveis 30-40cm e 40-50cm da trincheira nas quadrícula 99/93 e 99/94. Foi notado que a maior parte da área escavada é de laterita estéril. A fossa escavada para inserção do megalito é pequena neste nível, medindo 0,6mx1,0m. Já no nível 50-60cm, a laterita torna-se mais consolidada, formando a carapaça.

Aos 70 cm de profundidade, foi encontrada a base do megalito colocada diretamente sobre a laterita consolidada (carapaça). Assim, a base da rocha se encontrava reforçada, não só pelas placas e blocos de laterita colocados como calçamento no alvéolo de sustentação, mas também pelo fato da própria fossa de inserção ter sido escavada de modo a alcançar 20cm abaixo da carapaça laterítica, oferecendo uma fundação mais estável para o bloco.

Poço 1

A estrutura que posteriormente seria denominada “poço 1” iniciou a ser delimitada a partir das quadículas 98/100 e 99/101, onde, no nível 10-20cm, já podia ser notada uma grande densidade de fragmentos cerâmicos, incluindo uma vasilha quase inteira, e um grande bloco de granito em posição horizontal que possuía um formato circular, intencionalmente formatado através de lascamentos. Esta associação entre placas rochosas deitadas e uma grande densidade de fragmentos cerâmicos no entorno já havia sido encontrada na escavação da Área 2 (Cabral & Saldanha, 2006 - Primeiro Relatório Semestral), onde foram localizadas, abaixo das placas, fossas contendo deposição de vasilhas.

Por este motivo, decidimos deixar o material do nível 10-20cm evidenciado, buscando visualizar de forma mais clara essa deposição. Além disso, optamos por abrir também as quadículas 98/99, 99/99, 98/101 e 99/100 para ter uma visão mais ampla desse entorno da rocha.

Ao abriremos estas quadículas, foi possível visualizar uma enorme deposição no entorno da placa de granito, formada por grandes fragmentos de cerâmica. Ao todo, a estrutura de deposição associada à placa media 3,49mX2,2m de diâmetros. Esta deposição não parece ter sido feita com as vasilhas inteiras, que depois teriam se fragmentado. O que notamos, restritos às observações de campo, é que os fragmentos

são de vários vasos e parecem ter sido colocados já quebrados. Também observamos que existe uma correlação entre a presença de muita laterita (principalmente os blocos >5cm) e esses aglomerados de cerâmica, como se tivessem retirado os cacos de um local com muita laterita e depositado ali. Uma possibilidade levantada já de início é a reutilização de poços funerários, com a limpeza (retirada da cerâmica com lateritas) para uma nova deposição.

A maior deposição no nível 10-20cm estava localizada a oeste e sul da placa. Ao norte, notamos uma área levemente deprimida e com menos quantidade de laterita misturada ao sedimento, para onde a deposição parecia estar “mergulhando” em direção ao nível 20-30cm, o que também era indicado pela inclinação dos fragmentos cerâmicos neste ponto.

Após a plotagem e retirada individual das peças do nível 10-20cm, movemos a pedra para fora da escavação.

133. Visão geral da estrutura de deposição cerâmica no entorno da placa

Sem o bloco de rocha, iniciamos a escavação do nível 20-30cm, quando ficou mais clara a diferença no solo ao norte da rocha, sendo então possível delimitar uma estrutura escavada na laterita (poço), de formato circular, medindo 1,6m de diâmetro. No entorno, foi identificado claramente o substrato natural de laterita, já sem cerâmica,

em oposição à parte do poço. Na parte interna da estrutura, havia uma grande densidade de fragmentos de cerâmica, sendo uma continuidade da deposição evidenciada no nível anterior. Deve-se ressaltar que a rocha não estava colocada exatamente sobre esse limite do poço, mas sim um pouco mais ao sul, apenas parcialmente sobre esta estrutura. Se tal bloco de rocha serviu como uma “tampa” da estrutura de poço (como referenciado na bibliografia; i.e. Goeldi, 1900), ela está deslocada em relação à estrutura.

A escavação ficou concentrada, então, nas quadículas 98/100, 98/101, 99/100 e 99/101, permitindo a delimitação da estrutura escavada na laterita. Decidimos escavar apenas o interior da estrutura, deixando exposto o solo natural, o que permite identificar a forma original do poço. A estrutura ficou bem evidente nos níveis inferiores, de forma circular, preenchida com os vasos, notando-se que há algumas peças quase inteiras, mas também muitas fragmentadas, inclusive urnas antropomorfas.

134. Mosaico de fotos mostrando a delimitação do poço e a deposição de fragmentos cerâmicos no seu interior.

Na quadricula 99/100, que abarca a maior parte desta estrutura, foram encontrados, no nível 30-40cm, fragmentos ósseos, situados na concavidade interna de uma vasilha que parece estar completa, ainda que muito fragmentada. Os fragmentos tinham várias marcas da ação de fogo, indicando sua cremação. Foi observado que os fragmentos ósseos estavam agrupados na região do pescoço de uma vasilha tombada de lado, dentro da concavidade interna que ficou mais próxima ao chão. A parte superior da borda já havia sido coletada em níveis superiores, na posição original (ou seja, com a superfície externa voltada para cima). Isso parece indicar que a vasilha foi jogada na estrutura ainda inteira, com os ossos dentro, misturados ao sedimento. Ao ficar tombada de lado, os ossos depositaram-se ao fundo. Após isso, ela foi sendo preenchida de terra, talvez já durante este mesmo evento, pois os fragmentos superiores da borda não caíram sobre os inferiores. A vasilha ficou apenas um pouco achatada, indicando que quando ela quebrou havia sedimento no seu interior, impedindo seu colapso. No mesmo nível foi encontrada outra concentração de pequenos fragmentos ósseos, também situados ao fundo de uma outra vasilha tombada de lado, situação semelhante à vasilha anterior. Desta vez, porém, havia fragmentos ósseos um pouco maiores.

135. Visão geral da delimitação do poço e da deposição de fragmentos cerâmicos no seu interior (a seta tem 20cm de comprimento).

Até este nível escavado, notou-se que algumas vasilhas, apesar de fragmentadas, estão completas e preenchidas de terra. Isto parece indicar que elas foram jogadas (ou colocadas) dentro do poço inteiras, ou praticamente inteiras, e continham sedimento em seu interior ou foram preenchidas com o sedimento talvez já dentro da estrutura. Isto é bem interessante porque, lado a lado com estas vasilhas quase inteiras, notamos também a deposição de fragmentos, atirados já quebrados, muitas vezes encontrados na escavação como se fossem camadas de uma cebola, amontoados.

Nos níveis 40-50cm e 50-60cm, foi encontrada uma estrutura formada por duas vasilhas com forma de tigela, uma emborcada sobre a outra, intencionalmente colocadas desta forma. Entre ambas vasilhas havia um sedimento extremamente fino e sem laterita, contrastando com o sedimento que preenche o resto do poço, com muita laterita e uma granulação grossa. O fato desse sedimento no seu interior estar ainda isolado do sedimento do poço, e também o fato de as duas estarem encaixadas uma sobre a outra sugere que elas não foram jogadas no poço, e sim colocadas lá dentro com algum cuidado. É possível que a vasilha de baixo tenha se quebrado com o peso das outras vasilhas depositadas sobre elas até entulhar todo o poço.

Lado a lado com esta micro estrutura, outras vasilhas inteiras ou semi-inteiras estavam depositadas. Nota-se que há uma sensível diminuição na quantidade de fragmentos na parte inferior do nível 40-50cm, com o aparecimento de vasos mais completos.

Nos níveis abaixo destas micro-estruturas, voltou a aparecer uma quantidade maior de fragmentos de cerâmica, em detrimento das vasilhas inteiras ou semi-inteiras que estavam sendo encontradas.

No nível 120-130cm, a situação mudou. Houve diminuição na densidade de cerâmica e voltaram a aparecer grandes fragmentos de vasilhas semi-completas e grãos

relativamente grandes de carvão vegetal. Houve um estreitamento do poço, na direção leste, o que indicava a proximidade do seu fim.

136. Micro-estruturas nos níveis 40-50cm e 50-60cm de profundidade.

No nível 150-160cm, vasos inteiros apareceram, tendo diminuído sensivelmente a quantidade de cacos. O sedimento estava bem compacto, e notou-se um prolongamento do poço para norte e oeste, formando o início de uma câmara lateral.

Com o rebaixamento do nível 160-170cm, foi iniciada a escavação da câmara lateral do poço funerário, onde foram encontradas três urnas inteiras, todas com pintura vermelha. Com esta escavação, foi possível identificar o final do poço, com uma pequena câmara (não oca) para norte e oeste, totalmente preenchida de sedimento. As três vasilhas inteiras estavam colocadas uma ao lado da outra, formando um triângulo, todas no mesmo nível, depositadas com cuidado nesse local.

137. No Poço 1, aos 170cm de profundidade, a situação das três vasilhas depositadas na câmara lateral.

138. À direita, últimos momentos da escavação do Poço 1. À esquerda, a estrutura como foi escavada por seus construtores, com pequena câmara lateral para Norte e oeste (a seta tem 20cm de comprimento e aponta para o Norte).

Nos níveis da base do poço, desde o ponto em que as bordas das vasilhas inteiras começaram a aparecer, apenas raros fragmentos cerâmicos estavam misturados ao sedimento. Abaixo da base das vasilhas, havia ainda aproximadamente 20cm de sedimento também com raros cacos, além de uma placa de bloco de rocha, até alcançar a base original no poço.

Isso parece indicar que as vasilhas não foram colocadas logo após a escavação da estrutura. Uma hipótese é que o poço da forma como o encontramos seja uma reutilização. Originalmente, então, talvez houvesse uma situação semelhante ao poço do Monte Curu – Cunani (Goeldi, 1900), com vasilhas antropomorfas inteiras depositadas ao fundo. Então, teria havido uma abertura desse poço. Deste contexto primário as urnas seriam retiradas, e uma nova utilização seria feita, com a deposição destas três vasilhas inteiras ao fundo e o posterior entulhamento do poço, inclusive com urnas antropomorfas quebradas com fragmentos ósseos no interior.

Poço 2

A área onde posteriormente foi delimitado o poço 2 está localizada junto a uma grande placa de granito em posição horizontal, que media 3,4mx2,6m, junto a um

conjunto de megalitos em posição inclinada. A hipótese era de que esta rocha servia também como uma possível tampa de poço funerário, semelhante à que havíamos escavado anteriormente (poço 1). Foi delimitada uma área de 4mx2m, que cobria totalmente a placa de granito.

Foi notado que, nos primeiros 10cm, o depósito era diferente daquele encontrado na escavação do poço 1, principalmente devido a menor densidade de cerâmica e à pouca espessura da camada arqueológica (aproximadamente 20cm no entorno da placa). Em comparação com a densidade de cerâmica encontrada anteriormente no poço 1, foi levantada a hipótese de que, se neste local existisse um poço, ele seria pouco ou não reutilizado, sem cerâmica concentrada no entorno da “tampa” como no caso do primeiro poço.

139. À esquerda: grande placa de granito antes da escavação. À direita: a mesma placa depois de rebaixados 10cm de profundidade.

Após escavar todo o entorno da grande placa de granito, ela foi removida de seu local. O sistema para retirada da pedra foi semelhante ao utilizado no poço 1, com a utilização de trilhos de troncos de madeira e movimentação da rocha com alavancas e cordas. Mesmo usando um sistema com alavancas em uma rocha extremamente pesada

(a estimativa, baseada na geologia da rocha, é que ela pese cerca de 1,78 toneladas⁵), o impacto foi mínimo às camadas arqueológicas. Apenas pouca perturbação em alguns pontos localizados onde as alavancas forçavam o solo.

140. Placas de granito formando uma área levemente circular no nível 10-20 cm.

A escavação do nível 10-20cm das quadrículas localizadas abaixo da placa de granito removida já permitiram observar uma área levemente circular delimitada por placas de granito, possivelmente relacionadas à abertura de um poço. Entre as placas, foram encontrados grandes fragmentos cerâmicos, sugerindo talvez duas vasilhas quebradas no local.

Como a maior parte da área aberta já se encontrava no nível estéril por volta dos 20 cm de profundidade, as escavações foram concentradas apenas nas quadrículas 107/93, 107/94, 108/93 e 108/94, onde foi delimitada a estrutura circular formada pelas placas e fragmentos cerâmicos, rebaixando o nível 20-30 cm. Aos 30 cms de profundidade já era possível evidenciar o solo laterítico estéril no entorno da estrutura de rochas.

Após retirarmos todas placas de granito, no nível 40-50cm, que formavam esta estrutura abaixo da grande laje, foi possível delimitar a borda de uma estrutura circular

⁵ Estimativas baseadas em cálculo apresentado por Calado (2002: 43)

escavada na laterita, em cujo interior já era possível identificar as bordas de duas vasilhas cerâmicas, que pareciam estar inteiras. O limite entre a borda do poço e seu posterior preenchimento com sedimentos e vasilhas foi extremamente difícil de delimitar no princípio da escavação. Isto se ocorreu principalmente devido ao fato que o sedimento de preenchimento continha uma grande quantidade de laterita, o que o tornava muito semelhante à parte superior da borda do poço, escavado pelos ameríndios em laterita desagregada. Entretanto, à medida que aprofundávamos os níveis a delimitação se tornou mais clara.

141. A borda do poço e as vasilhas cerâmicas evidenciadas no nível 50-60cm

Já no nível 50-60cm, foi possível liberar uma tigela localizada junto a parede sul do poço. Conseguimos, escavando este nível, também evidenciar uma grande tigela com borda incisa. Ao todo, quatro vasilhames já apareciam no nível 60-70cm. Além destas peças, encontramos alguns poucos cacos soltos, alguns visivelmente pertencentes aos mesmos vasos.

142. Nível 60-70cm do poço 2, com a exposição de mais vasilhas inteiras e alguns fragmentos.

Após a retirada destas quatro vasilhas no nível 70-80cm, outras quatro surgiram nos níveis de baixo, uma delas com uma tigela emborcada servindo de tampa. Uma outra tigela carenada estava caída ao lado de uma grande vasilha. É possível que também fosse uma tampa deslocada durante o fechamento do poço, ainda que outra vasilha do mesmo tipo tenha sido encontrada em posição semelhante neste mesmo poço. Também encontramos ao lado de uma das vasilhas grandes um fragmento de machado polido em “pedra verde”.

A tampa que cobria uma das vasilhas quebrou-se, permitindo a observação da vasilha maior. No seu interior, havia um sedimento preenchendo cerca de $\frac{3}{4}$ do do vaso. No topo, este sedimento era avermelhado, enquanto abaixo ele era mais cinza, contendo pequenos ossos calcinados. Não escavamos este sedimento, que ficou no interior da vasilha até o laboratório, seguindo um procedimento padrão utilizado em todas as vasilhas completas encontradas.

No nível 100-110cm, foi notado que as paredes do poço já se fechavam para o fundo, não havendo, portanto, uma câmara lateral. Retiramos, então, as últimas vasilhas depositadas no fundo do poço, realizando a limpeza e a topografia da estrutura, identificando um fundo côncavo.

143. Final da escavação do poço 2 com a exposição das vasilhas depositadas no fundo.

Esta é uma estrutura absolutamente diferente do poço 1, escavado anteriormente, com as peças colocadas com cuidado, umas sobre as outras, sem quebrá-las. A quantidade de fragmentos também é muito menor do que encontrado dentro e no entorno do poço 1. Assim, as observações realizadas desde o início da escavação (como pouca deposição de cerâmica nas áreas externas do poço, pouca cerâmica misturada no sedimento, e vasilhas colocadas inteiras dentro dele) contrastam fortemente com a situação encontrada no poço 1 (onde havia uma grande deposição de fragmentos, urnas funerárias com ossos remexidas e quebradas nos níveis superiores, e deposição de poucas vasilhas inteiras no fundo). Estas observações sugerem que o poço 2 é uma estrutura não re-utilizada, ou seja, ele foi construído, as vasilhas foram depositadas e ele foi fechado, não sendo mais re-aberto e mexido, como o poço 1.

O denominado “Poço 3” parece ter sido coberto por uma grande tampa, que quebrou no meio, coberta por cacos médios de cerâmica. Esta deposição de cerâmica parece mergulhar em direção ao Poço 4, indicando contemporaneidade de algumas práticas nos dois poços.

Logo depois fizemos a foto geral do nível 10-20 cm, com a ampla deposição cerâmica sobre o “Poço 3”, ainda não totalmente evidenciada. Em seguida, continuamos a escavação, fazendo a coleta dos conjuntos isolados antes de seguir o nível 20-30 cm.

No nível 20-30cm, foi possível realizar o registro do contexto da ampla deposição cerâmica sobre os blocos graníticos no “Poço 3”.

144. Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1. À esquerda, visão geral dos Poços 3 e 4 (o Poço 3, no canto superior esquerdo, tem a deposição cerâmica sobre ele continuada em direção ao Poço 4) . À direita, outra vista dos fragmentos cerâmicos cobrindo a tampa fragmentada do “Poço 3”.

Logo depois, demos início à retirada da ampla deposição cerâmica do “Poço 3”, além de dar continuidade na escavação do nível 30-40 cm no “Poço 4”. A deposição de cerâmica sobre a tampa granítica do Poço 3 chegava a ter 25 cm de espessura em sua parte mais grossa. Muitos fragmentos são, de fato, das mesmas vasilhas, indicando que elas foram quebradas e depois colocadas sobre os blocos. Porém, há também fragmentos únicos de algumas vasilhas, que nos colocam o problema de sua origem.

Foram identificados alguns apliques zoo/antropomorfos. Estes animais reforçam nossa interpretação anterior sobre a distribuição organizada de representações de animais pelos diferentes espaços do sítio.

145. Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1. À esquerda, visão geral dos Poços 3 e 4. À direita, placas que serviram de tampa para o “Poço 3”, com clara quebra do bloco maior à direita.

Após, demos continuidade na escavação do nível 30-40 cm no “Poço 4” e nos entornos do “Poço 3”, apenas onde as placas de granito permitiam. As demais quadriculas (ou porções delas) já haviam alcançado o solo laterítico natural, já em camada estéril. Esta situação de camada arqueológica pouca espessa nas áreas não relacionadas aos poços repete o que já havíamos observado em escavações anteriores nesta estrutura megalítica (Cabral & Saldanha, 2007).

No nível 40-50 cm do Poço 3 foi possível retirar as placas de granito que serviam de tampa. Logo abaixo, não foram identificados fragmentos cerâmicos significativos que formassem estrutura de deposição. No entanto, no nível 60-70cm surge um primeiro pote com tampa, na porção sul do poço. No nível 80-90cm, juntamente com o pote encontrado anteriormente, foi possível delimitar outro pote com tampa, além de uma placa de granito depositada em posição horizontal.

146. Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1. À esquerda, visão do Poço 3 após retirada de sua “tampa”. À direita, primeira vasilha completa identificada no Poço 3.

Após a retirada da placa de granito identificada no nível 80-90 cm, delimitamos várias urnas completas, todas com tigelas cerâmicas servindo de tampa, que mergulham para os níveis inferiores. Após a escavação e registro dos níveis em que estas foram encontradas, procedeu-se a retirada de suas tampas para acessar o conteúdo interno destas vasilhas.

147. Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1. À esquerda, placa de granito encontrada no nível 80-90 cm. À direita, urnas completas identificadas após a retirada da placa de granito.

148. Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1. À esquerda, urnas ainda com tampa. À direita, urnas sem as tampas.

149. Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1. À esquerda, visão do Poço 3 no nível 100-110 cm. À direita, detalhe das urnas.

Após a retirada destas urnas, foi possível delimitar o início da câmara lateral do Poço 3, que se direciona para oeste. Na entrada da câmara foi colocada a metade de uma tigela, possivelmente para “fechar” a câmara. No nível 160-170 cm, após a retirada da meia tigela, mais ao interior da câmara, foi localizado um pequeno pote cerâmico.

150. Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1. À esquerda, metade de uma tigela colocada na entrada da câmara. À direita, pequeno pote cerâmico encontrado no nível 160-170 cm.

A câmara encontrava-se praticamente vazia após a retirada dos vasilhames mencionados acima. No entanto, no fundo do poço, junto ao canto noroeste da câmara lateral foram encontradas duas lâminas de machado. Estas lâminas não parecem apresentar marcas de uso. O Poço 3 alcançou, ao todo, 2,55 metros de profundidade.

151. Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1. À esquerda, Poço 3 finalizado. À direita, detalhe das duas lâminas de machado polido encontradas no fundo do Poço 3.

O “Poço 4”, até o nível 10-20 cm estava vazio, preenchido com um sedimento fino, sem laterita. Havia um bloco grande de granito no canto nordeste, inclinado para o interior do poço, possivelmente uma tampa.

No nível 20-30 cm, no seu limite sul, começou a aparecer uma vasilha inclinada, que estava completa. De início, por estar inclinada, não podíamos vê-la inteira. Nesta porção do “Poço 4”, outros fragmentos cerâmicos apareceram junto à parede do poço, além de um pequeno bloco granítico. Todos estes artefatos parecem se corresponder com a estrutura de deposição localizada sobre a tampa do Poço 3, conforme já relatado anteriormente. O que existe é uma continuidade da deposição sobre o Poço 3 em direção ao interior do Poço 4, indicando que a colocação deste material ocorreu enquanto a tampa do Poço 4 ainda estava exposta. Este é um indício de certa contemporaneidade entre eles.

A nordeste do “Poço 4”, a uns 50cm do limite de sua borda, foi encontrada uma estrutura, um *cache* cerâmico. Trata-se de uma pequena fossa escavada na laterita com uma vasilha fragmentada e depois depositada em seu interior.

152. Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1. À esquerda, cache encontrado na borda nordeste do Poço 4.

À direita, estrutura de deposição cerâmica sobre a parede oeste do Poço 4, que é continuidade da deposição sobre tampa do Poço 3.

Após a escavação da estrutura de deposição de cerâmica junto à parede oeste do Poço 4, foi possível retirar parte da grande placa de granito que encontra-se sobre a parede leste.

Abaixo da placa foi possível delimitar a deposição de uma série de urnas funerárias que, por sua vez, foram depositadas sobre outra placa de granito que estava mais abaixo. Dentre as urnas, duas tratam-se de exemplares de vasilhas antropomorfas da fase Aristé. Esta deposição se aprofundava na direção sul, até o fundo de uma pequena câmara lateral.

153. Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1. À esquerda, grande placa de granito sobre a parede leste do Poço, após a retirada da estrutura de deposição de cerâmica que se encontrava sobre ela. À direita, deposição de urnas funerárias encontradas abaixo da referida placa. Note que a placa estava fragmentada em três, decorrente de processos pós-deposicionais.

154. Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1. À esquerda, continuidade da deposição de urnas. À direita, o final desta deposição, com urnas colocadas junto a uma pequena câmara lateral na direção sul do Poço 4.

Depois de retirar boa parte das urnas, foi possível retirar outra grande placa de granito que havia no Poço 4, que encontrava-se abaixo das urnas. Abaixo desta placa

delimitamos um piso formado por placas menores de granito. Sobre este piso, uma estrutura de deposição de fragmentos cerâmicos que parecem ter sido intencionalmente fragmentados a ali depositados.

155. Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1. À esquerda, estrutura de deposição de cerâmica colocada sobre o piso de placas de granito. À direita, o piso delimitado.

O poço ainda aprofundou mais 30 cm de profundidade após este piso, quando então foi encontrado o fundo do poço, na laterita. No sedimento que preenchia o poço abaixo do piso de placas de granito foram ainda encontrados, além de fragmentos de cerâmica, três contas de colar feitas em osso. O poço alcançou 133 cm de profundidade.

Com a finalização da escavação nos dois poços, foram feitos os últimos registros técnicos (croquis, topografia e registros fotográficos), para então ser realizado o tapamento da escavação, de forma a garantir a preservação do sítio. Nesta etapa, tivemos o cuidado de recolocar os blocos graníticos o mais próximo possível das posições identificadas durante a escavação.

156. Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1. Poço 4 finalizado aos 133 cm de profundidade.

157. Sítio Arqueológico AP-CA-18, Área 1. Visão geral dos Poços 3 e 4 com os trabalhos finalizados. À esquerda, vista geral da Área 1 do sítio, com localização dos Poços 3 (à esquerda) e 4 (à direita).

Mas para além de atividades funerárias, outras estruturas encontradas durante as escavações indicam outros tipos de deposições especiais no sítio.

Em diversos pontos da área escavada foram localizadas vasilhas depositadas inteiras em fossas rasas, parcialmente escavadas na laterita estéril, que posteriormente eram forradas com fragmentos cerâmicos antes da deposição das vasilhas.

Uma primeira destas estruturas foi localizada na quadrícula 98/99. No nível 0-10cm, a quadrícula continha uma grande densidade de cerâmica, relacionada à deposição do entorno da tampa do poço 1. No nível 10-20 cm, abaixo da deposição de cerâmica, começou a ser evidenciada uma vasilha de forma globular, boca restringida e apêndices zoomorfos. O que se observou ao escavar esta vasilha foi a existência de uma pequena cova, escavada na laterita, formando uma estrutura onde foi colocada a vasilha

inteira. Esta pequena cova foi preenchida nos lados e embaixo por alguns cacos cerâmicos. Sua profundidade máxima foi de 31cm. A estrutura era difícil de ser observada e só foi identificada “na ponta da colher”, ou seja, na retirada das peças, enquanto era escavada. É possível que no nível anterior (10-20cm) a estrutura já estivesse aparecendo, mas sem ter sido notada. A estrutura apenas ficou evidente ao alcançar o nível estéril, quando a base da cerâmica e a fossa se tornaram claras.

Entre as quadrículas 96/98 e 96/99 também foi encontrada uma vasilha inteira. Neste local havia sido evidenciada uma grande deposição de cerâmica nos níveis 0-10 e 10-20 cm. Aos 20 cm foi possível começar a delimitar uma vasilha cerâmica inteira colocada sobre uma pequena cova, sem cacos na volta, e que tinha como profundidade máxima 37cm. No entorno, com o pincel, foi possível encontrar ainda alguns cacos que penetravam no nível inferior (30-40cm).

158. Deposição de vasilhas inteiras nas quadrículas 99/94 (esquerda) e 96/99 (direita).

Na quadrícula 99/94, foi encontrada uma grande densidade de fragmentos cerâmicos grandes no entorno de uma vasilha depositada neste local. A vasilha estava cercada por uma “proteção” de cacos de um mesmo vaso, como se um tivesse sido depositado dentro do outro. Foi notado que a estrutura era formada por uma pequena fossa escavada, com profundidade de 20cm, e recheada de cerâmica antes da deposição da vasilha emborcada.

Durante as escavações também foi possível delimitar algumas densas concentrações de fragmentos cerâmicos que sugerem deposições intensivas em alguns locais do sítio. Algumas destas deposições são bastante extensas, podendo chegar a mais de dois metros de diâmetro máximo, e 30cm de espessura, enquanto outras são pequenas e restritas, dando a impressão de serem pequenos “*caches*” de fragmentos envoltos em algum tipo de recipiente orgânico não preservado. Apesar dos trabalhos de remontagem ainda não terem sido feitos, as observações em campo permitem afirmar que estes depósitos foram feitos com o material já fragmentado e misturado, e não vasilhas inteiras depositadas e posteriormente fragmentadas.

Uma primeira deposição foi localizada nas quadrículas 96/99, 97/98 e 97/99. Ela possuía uma extensão de 2,1mx1,5m metros de diâmetros e 30cm de profundidade, tendo uma forma de bolsão, com uma maior densidade de fragmentos localizada entre as quadrículas 96/99 e 97/99. Entre o material cerâmico encontrado destacam-se fragmentos de apêndices em forma de cabeças humanas, macacos e pássaros. Abaixo desta estrutura estava localizada outra, caracterizada pela deposição de uma vasilha inteira em uma pequena cova escavada na laterita, que se aprofundava 12 cm abaixo do nível estéril (a descrição desta estrutura encontra-se na seção acima: *V.Vasilhas depositadas em pequenas fossas*).

Outra deposição estava localizada junto à quadrícula 100/97, medindo 1,2mx0,8m e com uma espessura máxima de 8cm, estando localizada quase na superfície do solo atual. Também possuía um formato de bolsão, sendo, porém, com uma espessura mais homogênea que a da estrutura anterior.

Também foi encontrada uma densa concentração de cerâmica no entorno de uma placa de granito em posição vertical, localizada no centro-sul da área escavada, entre as quadrículas 98/94, 98/93, 99/94 e 99/93. A estrutura de deposição de cerâmica cercava a

base da rocha, possuindo um formato ligeiramente circular. A deposição media 1,8mx1,7m de diâmetro, possuindo uma espessura máxima de 15cm. Entre o material cerâmico, chamam a atenção fragmentos de vasilhas antropomorfas estilo Cunani, além de muitos apêndices com formas zoomorfas, especialmente répteis, tais como sapos, cobras e lagartos.

159. Deposições de fragmentos. À esquerda parte da estrutura localizada nas quadrículas 96/99, 97/98 e 97/99. À direita, estruturas bem delimitadas, semelhantes à caches, na quadrícula 109/93.

Uma última deposição de cerâmica identificada nas áreas escavadas estava localizada junto à borda do poço 2, abaixo da placa que o cobria, na quadrícula 109/93. Tratavam-se de dois pequenos aglomerados de cerâmica, medindo cerca de 20cm e 15cm de diâmetro. A extrema compactação dos cacos, aliada à perfeita delimitação das estruturas sugerem tratar-se de pequenos “*caches*” envoltos em algum tipo de recipiente orgânico que se decompôs, como um cesto.

Por fim, em pelo menos dois pontos na área escavada do sítio AP-CA-18 evidenciaram cerâmicas quebradas *in situ*. Em ambos os casos estas cerâmicas pareciam estar intimamente relacionadas com placas rochosas em pé.

Nas quadrículas 98/96, 97/96 e 96/96, no entorno de uma placa rochosa que possui um orifício, foram encontrados numerosos fragmentos, formando uma espécie de “tapete” na base da rocha. Estes fragmentos eram claramente remontáveis, indicando a

existência de, pelo menos, 3 potes que haviam se quebrado neste local. Foi notado que os fragmentos estavam fortemente erodidos, contrastando com outros fragmentos soltos encontrados no entorno, talvez indicando a exposição das vasilhas às intempéries antes de sua deposição final.

160. À direita, vista para norte da situação da escavação nas proximidades da rocha do orifício. À esquerda, detalhe da deposição de cerâmica nessa área (fragmentação das peças ocorrida *in situ*).

Na quadricula 97/93 foram encontradas mais três vasilhas quebradas *in situ*, depositadas em um pequeno nicho formado por duas rochas em pé. A posição dos fragmentos sugere que eles foram colocados intencionalmente neste local, já quebrados.

161. Deposição de vasilhas entre placas em pé na quadricula 97/93

Por fim diferente das outras áreas do sítio, as escavações na área 4 do sítio AP-CA-18 indicam que esta é formada por um palimpsesto de diferentes tipos de deposição e modificações de estruturas dentro do recinto megalítico. Uma cronologia precisa de

cada um dos eventos que formaram o sítio é quase impossível de definir, e exigiria uma exaustiva remontagem dos fragmentos cerâmicos escavados.

Estes eventos ocorridos no sítio podem ser assim descritos: episódios de abertura de fossas para inserção de monólitos em ângulos e alinhamentos específicos; diferentes tipos de deposição de cerâmica (ritualmente mortas, deposição de fragmentos, vasilhas inteiras colocadas aos pés dos monólitos); abertura de poços de diferentes tamanhos para deposição funerária e seu fechamento com blocos de rocha; reabertura destes poços e modificações do material no seu interior juntamente com novas deposições.

Assim, além de ser um cemitério, outros tantos tipos de deposição cerâmica no sítio indicam que a estrutura foi usada com múltiplas funções, ainda que todas relacionadas a cultos ou rituais.

Referências Bibliográficas

- Balle, W. (2008). "Sobre Indigeneidade das Paisagens." *Revista de Arqueologia* 21(2): 14.
- Barreto, C. (2015). *Figurine Traditions from the Amazon*. Oxford Handbook of Prehistoric Figurines. T. Insoll.
- Bayliss, A. (2009). "Rolling Out Revolution: Using 14C Dating in Archaeology." *Radiocarbon* 51(1): 123-147.
- Boomert, A. (1980). "The Sipawilini archaeological complex of Suriname." *Nieuwe West-Indische Gids* 54(2): 94-108.
- Boomert, A. (2000). *Trinidad, Tobago and the Lower Orinoco Integration Sphere: an archaeological/ethnohistorical study*. Alkmaar, Cairi Publications.
- Bradley, B. (2000). *An archaeology of natural places*. London/ New York, Routledge.
- Cabral, M. P. & J. D. M. Saldanha (2010). *Ocupações pré-coloniais no setor costeiro atlântico do Estado do Amapá*. *Arqueologia Amazônica* 1. E. d. S. Pereira and V. Guapindaia. Belém, MPEG/ IPHAN/ SECULT: 49-60.
- Dias, A. S. (1995). "Um projeto para a arqueologia brasileira: breve histórico da implementação do PRONAPA." *Revista do Cepa (Santa Cruz do Sul)* 19(22): 25-40.
- Erickson, C. (2010). "The Transformation of Environment into Landscape: the Historical Ecology of Monumental Earthwork Construction in the Bolivian Amazon." *Diversity* 2(4).
- Evans, C. and B. J. Meggers (1960). *Archaeological Investigations in British Guyana*. Washington, Smithsonian Institution.
- Evans, C. and B. J. Meggers (1960). *Archaeological Investigations in British Guyana*. Washington, Smithsonian Institution.
- Gnecco, C. and J. Aceituno (2004). "Poblamiento Temprano y Espacios Antropogenicos en el Norte de Suramérica." *Complutum* 15.
- Guapindaia, V. (2001). *Encountering the Ancestors. The Maraca Urns. Unknown Amazon*. C. McEwan, C. Barreto and E. G. Neves. London, British Museum Press: 156-175.

- Guapindaia, V. (2008). Além da Margem do Rio - a ocupação Konduri e Pocó na região de Porto Trombetas, PA. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. PhD.
- Guapindaia, V. (2008). Prehistoric Funeral Practices in the Brazilian Amazon: The Maracá Urns. Handbook of South American Archaeology. H. Silverman and W. H. Isbell. New York, Springer: 1005-1026.
- Hilbert, P. and K. Hilbert (1980). "Resultados preliminares de pesquisa arqueológica nos rios Nhamundá e Trombetas, baixo Amazonas." Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi(75).
- Ingold, T. (2000). The Perception of the Environment: Essays on livelihood, dwelling and skill. London, Routledge.
- Jordá Pardo, J. F., et al. (2009). Radiocarbon and Chronology of the Iron Age Hillforts of Northwestern Iberia. Interpretierte Eisenzeiten. Fallstudien, Methoden, Theorie. Tagungsbeiträge. der 3 Linzer Gespräche zur interpretativen Eisenzeitarchäologie. Studien zur Kulturgeschichte von Oberösterreich 22. R. Karl and J. Leskovar. Linz, Oberösterreichischen Landesmuseum.
- Lehmann, J., et al., Eds. (2003). Amazonian dark earths: Origin, properties, management. Dordrecht, Kluwer Academic Publishers.
- McEwan, C., et al., Eds. (2001). The Unknown Amazon. London, British Museum Press.
- Meggers, B. and C. Evans (1961). An Experimental Formulation of Horizon Styles in the Tropical Forest of South America. Essays in Pre-Columbian Art and Archaeology. S. Lothrop. Cambridge, Harvard University Press.
- Meggers, B. and C. Evans (1970). Como Interpretar a Linguagem da Cerâmica. Washington, Smithsonian Institution.
- Meggers, B. J. and C. Evans (1957). "Archaeological investigations at the mouth of the Amazon." Bulletin of the Bureau of American Ethnology 167: 1-664.
- Mestre, M. (1997). Les sites à fossé de Guyane française. École des Hautes Etudes en Sciences Sociales. Anthropologie sociale et historique de l'Europe. Toulouse, Université Toulouse Le-Mirail: 60 + anexos.
- Mestre, M. (2012). Yaou. Rapport d'Operation Diagnostic Archeologique. Cayenne, INRAP.
- Mestre, M. (2013). Fortunat-Kapiri: Rapport d'activités 2013. Cayenne: 62.

- Moraes, C. d. P. and E. G. Neves (2012). "O Ano 1000: Adensamento Populacional, Interação e Conflito na Amazônia Central." *Amazônica*4(1).
- Neves, E. G. (2006). *Arqueologia da Amazônia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Neves, E. G. (2008). Ecology, Ceramic Chronology and Distribution, Long-Term History and Political Change in the Amazonian Floodplain. *Handbook of South American Archaeology*. H. Silvermann and W. Isbell. New York, Springer.
- Neves, E. G. (2010). A Arqueologia da Amazônia Central e as classificações na Arqueologia Amazônica. *Arqueologia Amazônica*. E. d. S. Pereira and V. Guapindaia. Belém, Museu Paraense Emilio Goeldi. 2: 561-580.
- Neves, E. G. G., V.C., Lima H.P.; Vosta B.L.S.; Gomes, J. (2014). A tradição Pocó-Açutuba e os primeiros sinais visíveis de modificações de paisagens na calha do Amazonas. *Amazonía: Memorias de Las Conferencias Magistrales del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazonica*. S. Rostain. Quito, IKIAM: 137-158.
- Orton, C. and M. Hughes (1993). *Pottery in Archaeology*. New York, Cambridge University Press.
- Pagan-Jimenez, J. R. (2012). "Archaeological Investigations at the Saint-Louis on the Lower Maroni River: The Starch Grain Analysis." *Archaeology and Anthropology*17(2): 78-107.
- Pagán-Jiménez, J; Rodríguez-Ramos, R; Reid, Basil; Van den Bel, M. & Hofman, C. 2015. Early dispersals of maize and other food plants into the Southern Caribbean and Northeastern South America." *Quaternary Science Reviews*123: 231-246.
- Petersen, J. B., et al. (2001). *Gift from the Past: Terra Preta and Prehistoric Amerindian Occupation in Amazonia*. Unknown Amazon. C. McEwan, C. Barreto and E. G. Neves. London, British Museum.
- Piperno, D. and D. Paersall (1998). *The Origins of Agriculture in the Lowland Neotropics*, Elsevier Inc.
- Prous, A. (1992). *Arqueologia Brasileira*. Brasília, DF, Editora da UnB.
- Rice, P. (1987). *Pottery Analysis: A Source Book*. Chicago, University of Chicago Press.
- Rostain, S. (1994). *L'Occupation Amérindienne Ancienne Du Littoral de Guyane*. Centre de Recherche en Archaeologie Precolombienne(CRAP). Paris, Université de Paris I: 721 + anexos.

- Rostain, S. (2009). Between Orinoco and Amazon: The Ceramic Age in the Guianas. *Anthropologies of Guayana: Cultural Spaces in Northeastern Amazonia*. N. L. Whitehead and S. W. Alemán. Tucson, University of Arizona Press: 36-54.
- Rostain, S. (2013). Islands in the rainforest: Landscape management in Pre-Columbian Amazonia. Walnut Creek, Left Coast Press.
- Rouse, I. R. (1972). *An Introduction to Prehistory: A Systematic Approach*. New York, McGraw Hill.
- Rouse, I. R. (1986). *Migrations in Prehistory: Inferring population movement from cultural remains*. New Haven, Yale University Press.
- Rye, O. (1981). *Pottery Technology: Principles and Reconstruction*. Washington D.C., Taraxacum Inc.
- Saldanha, J. D. M. & M. P. Cabral (2010). A Arqueologia do Amapá: reavaliação e novas perspectivas. *Arqueologia Amazônica* 1. E. d. S. Pereira and V. Guapindaia. Belém, MPEG/ IPHAN/ SECULT: 95-112.
- Saunaluoma, S. and D. Schaan (2012). "Monumentality in Western Amazonian Formative Societies: geometric ditched enclosure in the Brazilian state of Acre." *Antiqua*2(1).
- Schaan, D. (2001). "Os dados inéditos do Projeto Marajó (1962-1965)." *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo*11: 141-164.
- Schaan, D. P. (2007). "Uma janela para a história pré-colonial da Amazônia: olhando além – e apesar – das fases e tradições." *Boletim do MPEG - Ciências Humanas*2(1): 27-39.
- Schaan, D. P. (2012). *Sacred Geographies of Ancient Amazonia: Historical Ecology of Social Complexity*. Walnut Creek, Left Coast Press.
- Silveira, M. I. and D. P. Schaan (2005). "Onde a Amazônia Encontra o Mar: Estudando os Sambaquis do Pará." *Revista de Arqueologia*(18): 67-79.
- Sinopoli, C. (1991). *Approaches to Archaeological Ceramics*. Washington D.C., Plenum Press.
- Steward, J. H. (1948). Culture areas of the Tropical Forests. *Handbook of South American Indians, Bulletin 143*. J. Steward. Washington, Bureau of American Ethnology. 3: 883-899.
- Tilley, C. (1994). *A phenomenology of landscape: places, paths and monuments*. Oxford/ Providence, Berg Publishers.

- Tilley, C. (2010). *Interpreting Landscapes: Geologies, Topographies, Identities. Explorations in Landscape Archaeology 3*. Walnut Creek, CA, Left Coast Press.
- Vacher, S., et al., Eds. (1998). *Amerindiens du Sinnamary (Guyane): Archeologie en forêt équatoriale. Documents d'Archeologie Française - Archaeologie Preventive - Barrage de Petit Saut, 60*. Paris, Maison des Sciences de l'Homme.
- Van den Bel, M. (2015). *Archaeological Investigations between Cayenne Island and the Maroni River. A cultural sequence of western coastal French Guiana from 5000 BP to present*. Leiden, Leiden University. PhD.
- Van den Bel, M. (2015). *Archaeological Investigations between Cayenne Island and the Maroni River. A cultural sequence of western coastal French Guiana from 5000 BP to present*. Leiden, Leiden University. PhD.
- Van den Bel, M., et al. (2006). *Les occupations amérindiennes du site EVA 2 Chantier Soyouz du CSG, Malmanoury Commune de Sinnamary, Guyane Française. Cayenne, INRAP*.
- Versteeg, A. H. (2003). *Suriname before Columbus*. Paramaribo, Stichting Surinaams Museum.
- Versteeg, A. H. (2003). *Suriname before Columbus*. Paramaribo, Stichting Surinaams Museum.
- Weninger, B. and O. Joris (2008). "A 14C age calibration curve for the last 60 ka: the Greenland-Hulu U/Th timescale and its impact on understanding the Middle to Upper Paleolithic transition in Western Eurasia. ." *Journal of Human Evolution* 55: 772-781.
- Wiley, G. R. (1971). *An Introduction to American Archaeology*. Vol. 2, South America. Englewood Cliffs, Prentice-Hall.
- Williams, D. (2003). *Prehistoric Guiana*. Jamaica, Ian Randle Publishers.